

ISABELLA LEONEL FERREIRA SARAIVA

COSMOVISÃO ANCESTRAL DO POVO MISAK
Descolonizar e Plantar O Bem Viver

Franca - SP
2022

ISABELLA LEONEL FERREIRA SARAIVA

COSMOVISÃO ANCESTRAL DO POVO MISAK

Descolonizar e Plantar o Bem Viver

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Campus de Franca – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Prof. Dra. Raquel Santos Sant'Anna

Franca - SP
2022

S243c

Saraiva, Isabella Leonel Ferreira
COSMOVISÃO ANCESTRAL DO POVO MISAK :
Descolonizar e Plantar o Bem Viver / Isabella Leonel
Ferreira Saraiva. -- Franca, 2022
123 p. : tabs., fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Serviço
Social) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca
Orientadora: Raquel Santos Sant'Anna

1. Cosmovisão Ancestral. 2. Povos Originários. 3.
Descolonizar. 4. Bem Viver. 5. Misak. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

A todas as almas mestiças e para minha gente de Guambia.

Caminhamos por todos os povos que são sementes do amanhecer de uma nova consciência.

Vida aos encantados e o encantar da vida!

AGRADECIMENTOS

A mãe terra e toda criação. Aos meus ancestrais, todos os seres que me acompanham e me guiam. Ao povo Misak. A todos os povos que protegem e cuidam da vida sejam eles originários, camponeses, afros, gente de montanha, de paramos, deserto, rio de todos os ritos, biomas, cultural e rebeldias epistêmicas, capazes de descolonizar nossos corpos e territórios e lembrar que é possível transformar a realidade em uma ecologia de seres e saberes.

Agradeço ao serviço social, assistentes sociais e trabalhadores que lutam por uma sociedade mais humana. Agradeço a universidade pública e a luta dos movimentos sociais que transformaram minha forma de ser, toda minha gente querida do Brasil, que fortalece a luta pela terra e todos os dias resistem ao grande sistema capitalista. Sou infinitamente grata pela vida e as aprendizagens, estar na universidade pública me abriu muitas portas dentre essas a possibilidade de viajar e expandir meus conhecimentos através de outras realidades. Levo em todo meu caminho os aprendizados com o NATRA o Núcleo Agrário Terra e Raiz, extensão popular e comunicativa, onde aprendi a trabalhar em coletivo e construir projetos desde uma perspectiva crítica e transformadora, nesse espaço iniciei minha conexão com a terra, sou feliz com toda gente que me fez crescer e tornar quem hoje sou.

Somos gente semente, estamos plantando outra forma de existir, agradeço por toda a fortaleza que encontro em latino américa e cada país que conheci durante esses anos na universidade da vida, viajando por Abya Yala, em especial Colômbia que foi minha casa nesses últimos 2 anos, onde pude conhecer mais da cosmovisão andina e amazônica, aprendendo dessa ciência própria e tecnologia ancestral que possuem nossos povos originários e as pessoas que estão comprometidas com a luta pela terra. Essa pesquisa de conclusão é um agradecimento a todos os povos que seguem comprometidos com a transformação

Por todos minha as relações, eu sou porque somos.

Somos gente semente
Somos gente semilla
La gente del amanecer
Que despierta la nueva conciencia.

Me decía una abuela
“criollita mi hija”
Soy criolla, alma mestiza
Soy maíz arcoíris, ch'ixis.

Soy gente que come tierra
Soy suelo de maloca vieja
Donde sentamos con abuelos
Aprendiendo a cuidar de los senderos.

Soy Abya Yala, Pindorama
Tierra en madurez
Soy la sangre de mi pueblo
En una tierra hecha para sanar.

Por el camino rojo llevo mi corazón
Llevo la mochila llena de semillas criollas
Llevo el peso de ser libre
Y la fuerza de ser nativa.

(Autoria própria, Ofrenda a la tierra, janeiro, 2022).

RESUMO

Dada a atual crise da sociedade do capital, que outros mundos são possíveis? Através do povo Misak evidencio uma cosmovisão ancestral, que produz alternativas que abrem caminhos para sonhar e construir outros mundos. Por meio das epistemes de Abya-Yala, que descolonizam e constroem um bem viver, que liberam nossa mãe terra. Com uma pesquisa de ação participativa na universalidade da vida, com o Misak em Cauca, Colômbia, encontramos um território cheio de mistérios, com guardiões que preservam uma cosmovisão que promove horizontes diversos de relações sociais e materiais seja com nosso próprio ser, com outrem ou com a natureza, pensamentos e ações que nos abrem a perspectiva de diversidade e a relação entre ser e natureza, para além do capital.

Palavras-chave: Cosmovisão ancestral, Povos originários, Descolonizar, Bem Viver.

ABSTRACT

Dada la crisis actual de la sociedad del capital, ¿qué otros mundos do posibles? Por medio del pueblo Misak traigo una cosmovisión ancestral, que es una alternativa que abre camino para soñar y construir otros mundos. Por medio del valor de las epistemes de Abya-Yala que descolonizan y construyen el buen vivir, que libera nuestra madre tierra. Con una investigación acción participante en la universalidad de la vida, en el territorio Misak en el Cauca, Colombia, encontramos un territorio lleno de misterios, con guardianes que conservan una cosmovisión que promueve diferentes horizontes de relaciones sociales y materiales con nuestro propio ser, como otros o con la naturaleza, pensamientos y acciones que abren una perspectiva de la diversidad y la relación entre el ser y la naturaleza, más allá del capital

Palabras claves: cosmovisión, pueblos originarios, descolonizar, buen vivir.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Povo Misak.....	51
Fotografia 2 - Sítio sagrado água termal no páramo de Puracé.....	54
Fotografia 3 – Nak Chak com mãe Agustina em Tulambiya.....	61
Fotografia 4 - Espiral na casa de pensamento Tulambiya na AJBD.....	62
Fotografia 5 - Horta - yatul em espiral na AJBD.....	66
Fotografia 6 - Foto do chapéu tampalkuari.....	67
Fotografia 7 - Tulambiya casa de pensamento ancestral.....	67
Fotografia 8 - Mama Agostina no sitio sagrado lagoa de Puracé.....	78
Fotografia 9 - Casa Payan com o Taita Avelino D'água.....	79
Fotografia 10 - Encontro com mãe Agustina em Pance - Valle del Cauca.....	81
Fotografia 11 - Memorável reunião de Ancestrais Amerrikua.....	84
Fotografia 12 - Oficina 1: busca ativa de plantas medicinais na AJBD.....	107
Fotografia 13 – Seleção de plantas no preparo de crema medicinal.....	109
Fotografia 14 - Oferenda para a mãe terra no centro da horta em espiral.....	111
Mapa 1 - Localização de Silvia no estado de Cauca.....	53
Mapa 2 - Divisão Política da reserva de Guambia.....	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Cronograma metodológico da pesquisa.....	22
Tabela 2 - Espaços visitados na pesquisa etnográfica e pesquisa (IAP).....	52
Tabela 3 - Construção da pesquisa ação participativa.....	102
Tabela 4 - Oficinas no território Misak de AJBD.....	105

LISTA DE ABREVIATURAS

MST	Movimento dos trabalhadores Sem-Terra
CRIC	Conselho Regional Indígena de Cauca
ONIC	Organização Nacional Indígena de Colômbia
BV	Bem Viver
AJBD	Associação Jardim Botânico las Delicias
UNAL	Universidade Nacional de Colômbia
NATRA	Núcleo Agrário Terra e Raiz

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.....	14
2. ORIGINÁRIA QUESTÃO SOCIAL - SOCIEDADE CAPITALISTA MODERNA E COLONIAL.....	24
2.1. RETORNO AS RAÍZES.....	28
2.2. OPRESSÃO A TERRA E SEUS POVOS – CAPITALISMO, PATRIARCADO E COLONIALISMO.....	35
3. DESCOLONIZAR.....	40
3.1. DESCOLONIZAR É ANCESTRAL.....	41
3.2. DESCOLONIZAR O SABER.....	45
3.3. COSMOVISÃO ANCESTRAL – UM PENSAMENTO DA TERRA.....	48
4. COSMOVISÃO ANCESTRAL – MISAK.....	51
4.1. O BEM VIVER MISAK.....	58
4.2. CORPO-TERRA MISAK E LEI DE ORIGEM.....	71
4.3. EDUCAÇÃO PRÓPRIA MISAK - DA UNIVERSIDADE AOS SÍTIOS SAGRADOS.....	75
5. MISAK POR MAMA AGOSTINA	81
5.1. MULHER INDIGENA NA SOCIEDADE CAPITALISTA MODERNA E COLONIAL	86
6. SEMENTES EM TERRITORIO MISAK – EXPERIENCIA COM PESQUISA PARTICIPATIVA.....	100
6.1. OFICINAS NO JARDIM - SOBERANIA DO CORPO-TERRA.....	103
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
BIBLIOGRAFIA.....	116

1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.

Em busca de alternativas que abram caminhos para construir outros mundos, esse estudo pretende apresentar um pensamento Abya Yala, para construção de um bem viver, liberando nossa mãe terra. Partimos do estudo na universalidade da vida, nos territórios colombianos, no estado de Cauca, onde encontramos, o povo Misak, autodenominados como filhos da água e do arco íris, guardiões de uma cosmovisão ancestral que promove horizontes diversos de relações sociais seja com nosso próprio ser, com outrem ou com a natureza.

Por meio dos povos originários e sua cosmovisão, podemos ampliar a diversidade de pensares e de modos de reprodução da vida, que seguem resistindo às hegemonias impostas desde a invasão das américas, assim, observando as particularidades que produzem transformações no sentir, pensar e viver.

Essa pesquisa busca um diálogo entre a cosmovisão ancestral e a questão social produzida pelas estruturas do sistema capitalista no atual momento de agravamento contínuo das crises inerentes ao capital o qual ameaça não só a vida humana, mas também a biodiversidade do planeta; um sistema insustentável, que difere dos antigos modos de reprodução, como exemplo, a comunidade do povo Misak, que resiste e preserva suas leis de origem que promove um outro tipo de reprodução da vida.

A relação com a terra e seus seres é uma pedagogia ao mundo moderno, “Desde tempos antigos até o presente, são as tecedoras, os poetas- astrólogos das comunidades e povos, que nos revelam essa trama subversiva de saberes e práticas capazes de restaurar o mundo.” (CUSICANQUI, 2010, p. 33, tradução nossa). Assim, as cosmovisões ancestrais são as poesias e ferramentas decoloniais que nos podem ajudar a construir outros mundos possíveis. Através da terra, o povo Misak vive e resiste, em um território de recuperação e regeneração das suas tradições ancestrais. Os Misak seguem lutando pela demarcação de seus territórios e melhores políticas

públicas para seu povo, com uma frase de luta “recuperar a terra, para recuperar tudo”¹ ; assim desde o território se inicia a organização da vida.

Desde a colonização todo tipo de invasão segue ocorrendo. É necessário visibilizar essa resistência e construir uma sociedade que permita o florescer da multiculturalidade e biodiversidade.

Através dos saberes do povo Misak podemos sensibilizar e descolonizar nossas relações com a terra e seus seres, iniciando uma compreensão da relação íntima entre a exploração dos povos com a exploração da natureza; observando as origens do epistemicídio, da desvalorização dos pensamentos do sul global e trazendo a importância do protagonismo das cosmovisões ancestrais para a construções de realidades alternativas.

A partir das teorias humanistas, de Paulo Freire com a educação popular e de Orlando Fals Borda com a educação própria e investigação ação-participativa, que iluminaram meu caminho para aproximação com as culturas ancestrais, foi realizado um estudo etnográfico de transcrição e reflexão teórica dos pensamentos latino-americanos conectados com a práxis transformadora descolonial.

Para este estudo, tudo começa com uma bolsa de intercambio que permitiu a chegada em Colômbia em fevereiro do ano de 2020 onde desde o princípio na Universidade Nacional de Colômbia iniciei a aproximação com as culturas e povos originários através de Rede Intercultural – Saber e Vida², grupo que trabalha com povos originários, campesinos e afros a partir do fortalecimento da educação própria que possui cada povo.

A aproximação com a cosmovisão ancestral se deu em uma casa de pensamento, a “maloca” dentro de uma universidade pública em Bogotá, onde por 8 meses sentei e compartilhei palavra, musica, mutirões na horta, feiras, formações, projetos com povos Uitoto, Ahuraco, Misak, Wayú, Kogui, Arhuaco, Emberá Chami,

¹ "Recuperar la tierra para recuperar lo todo" Frase da luta característica do povo Misak.

² Componentes do projeto. Saber y vida, 2022. Disponível em: < saberyvida.unal.edu.co >. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

Emberá Katío, Wuonaan, Coyaima, Dujo, Misak, Yanacona, Nasa, Inga, Camëntsa, Coreguaje, Cofán, camponeses, afros do pacífico e caribe colombiano.

Essa rede de pessoas que encontrei na UNAL segue me acompanhando, como um grande tecido social. Ademais da formação acadêmica recebida através das matérias cursadas durante dois semestres: Desenvolvimento rural com Fabio Pachon; Pensamento sociológico latino-americano com Rosembert Ariza Santamaria; Os desafios do antropoceno: política ambiental e justiça ecológica com Diana y Catalina Toro Perez e Diana Milena Murcia Riano; Metodologias qualitativas para o análise da ruralidade colombiana com Marco Alberto Romero Silva; Ecologia Política Latino Americana, institucionalidade e repertórios de acción social com Catalina Toro Perez; Por uma antropologia feminista e decolonial com Ochy Curriel.

Em novembro de 2020, comecei a caminhar com grupos de maneira menos formal e sem o vínculo com a universidade. Fui visitar comunidades de cosmovisão ancestral na cidade de Guasca, Cudinamarca, onde se praticam uma mescla de muitas tradições ancestrais, as quais são denominadas caminho vermelho, eles vivem resgatando os pensamentos e práticas antigas, acreditam na profecia da águia e do condor, que é a união do norte com o sul.

Em dezembro de 2020, o caminho foi para selva, com o povo Siona, onde só é possível chegar por canoa, na reserva de Boa Ventura frente ao Rio Putumayo na fronteira com Equador, onde aprofundei na medicina tradicional e vivíamos de plátano e peixe, cozinhando ayahuasca, em um espaço onde se pratica isso a mais de 300 anos. São muitas problemáticas que tangem esse povo dentre elas destaco as petroleiras e o narco tráfico.

Com os Siona segui aprendendo, depois de retornar de Putumayo em janeiro, fui viver com um Taita Siona e sua família, em um projeto chamado Ancestral Alliance, onde praticávamos a medicina tradicional do yagé, vivíamos de oferecer terapias e curas em uma reserva florestal em Pance, Valle del Cauca. Nesse período eu ainda escrevia algo, mas as experiências foram tão intensas que não consegui conciliar viver no monte, trabalhar e escrever; a pesquisa se tornou a vida.

Em abril de 2020 conheci a mãe Agostina, a qual dedicaremos grande parte dessa pesquisa. Ela foi nos visitar em Pance e realizar um batismo a uma criança, a aproximação com ela ocorre, pois, o Taita busca unir distintas tribos em seu projeto e a mãe Agostina é reconhecida em nível Colômbia e mundo, por sua trajetória de vida na tradição Misak, parteira e etnobotânica.

Assim durante desde abril de 2021, venho conhecendo o trabalho que realiza a mãe Agostina e seu povo Misak, trabalho que sobretudo vem para fortalecer as epistemias próprias, já que Agostina Yalanda Tumiña socializa sua cultura com os mestiços, oferecendo círculos de palavra, cursos e vivências sobre a medicina tradicional Misak, além de oferecer seu serviço como médica, parteira e massagista em distintas cidades de Colômbia.

A palavra de Agostina é forte e chega em muitos territórios representando a mulher indígena que vive sua cultura e tradição, onde ganhou o prêmio do ministério da cultura por todo seu caminho. Hoje em dia ela é reconhecida como líder espiritual dentro e fora da comunidade Misak, já sendo avó e bisavó; assim no capítulo 3, vamos conhecer um pouco mais dessa mulher inspiradora de lutas e através dela observar a comunidade Misak e suas complexidades desde uma trajetória de vida.

A agroecologia, soberania alimentar, luta pela terra e direitos humanos sempre foram presentes na minha trajetória acadêmica desde os anos de 2017 ao iniciar na universidade pública e no grupo de extensão popular e comunicativa Núcleo Agrário Terra e Raiz (NATRA). Vim para Colômbia buscar o componente raiz dessa luta: a ancestralidade, que cria os pensamentos que transformam a prática desde uma íntima conexão com o território corpo-terra.

Assim cosmovisão ancestral se tornou uma categoria primordial nos meus estudos, todo conhecimento tem uma matriz e para que as árvores possam crescer é necessário raízes fortes.

A partir das teorias humanistas, de Paulo Freire com a educação popular e de Orlando Fals Borda com a educação própria e investigação ação-participativa, que iluminaram meu caminho para aproximação com as culturas ancestrais, foi realizado

um estudo etnográfico de transcrição e reflexão teórica dos pensamentos latino-americanos conectados com a práxis transformadora descolonial.

A metodologia científica no trabalho vai ganhando corpo em agosto, onde começo a trazer para o papel parte de meus estudos aprofundando nas epistemes descoloniais buscando compreender como o colonialismo se manifesta na sociedade capitalista e quais ferramentas podem ajudar a transformar esse paradigma. Em outubro venho visitar a comunidade Misak, através de Mãe Agostina que vai abrindo o caminho e me ajudando a tecer uma relação com a comunidade.

Foram 3 meses vivendo com a comunidade Misak, entre a casa de mãe Agostina no povo de Silvia e o jardim botânico das delícias na reserva de Guambia. Através de uma pesquisa etnográfica de ação participativa, entrevistas segundo a metodologia da história oral e pesquisa bibliográfica busco evidenciar parte dessa cosmovisão que traz uma pedagogia transformadora da relação do ser e natureza.

O trabalho apresenta sobretudo um pensamento próprio dos povos originários, transcrito através de um estudo etnográfico e bibliográfico de exploração dos elementos teóricos e práticos da bibliografia do pensamento Misak para manifestar a importância de fortalecer os pensamentos ancestrais.

A pesquisa está fundamentada com base na educação própria e educação popular, como trabalhado por Paulo Freire (1921-1997) e Orlando Fals Borda (1925-2008)³ percursos de pedagogias de transformação nos anos 70, ou seja, o estudo com os Misak busca partir de uma realidade, para assim poder falar sobre ela, com os princípios de horizontalidade e compreensão da educação própria que manifesta a episteme Misak.

A metodologia do trabalho é alimentada através do referencial teórico marxista, o qual estudados no Serviço Social, que servem como ferramenta transformadora ao observar as estruturas da sociedade do capital, fazendo as determinadas

³ COLARES DA MOTA-NETO, João. Paulo Freire y Orlando Fals Borda en la genealogía de la pedagogía decolonial latinoamericana. *Fólios*, Bogotá, n. 48, p. 3-13, dez. 2018. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S012348702018000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 jan. 2022.

considerações de seus pontos antagônicos aos pensamentos do sul global e teorias descoloniais.

Será priorizado teorias vivas, que dão luz às práticas decoloniais como o caso do marxismo de José Carlos Mariátegui, Clovis Moura, Michael Lowy, Silvia Federici e Walter Benjamin, a educação popular de Paulo Freire, educação própria de Orlando Fals Borda e as epistememes de Abya Yala com Silvia Rivera Cusicanqui, Ailton Krenak, Daniel Mundukuru e a compreensão de bem viver, eco feminismo, feminismos comunitários, desglobalização com Pablo Salon, Lorena Cabnal, Arturo Escobar.

Todos os teóricos apresentados retroalimentam processos de aprendizado construído pelos movimentos sociais de luta pela terra e demarcação de territórios ancestrais, vividos na luta por agroecologia, soberania alimentar, enfim, todas essas rebeldias epistêmicas que atuam diretamente no nosso corpo-terra.

A bibliografia da pesquisa faz referência a autores latinos e literatura dos povos originários e tradicionais que dão suas vidas para a proteção da natureza, sendo essa uma pesquisa que busca partir de uma práxis dos povos e movimentos sociais latinos americanos, que oferece uma base fundamental para descolonizar e construir um bem viver.

Realizando assim um estudo bibliográfico ao material produzido pelos Misak e a profunda observação e vivencia Principais obras Misak: Filhos da água e do arco-íris DAGUA. & VASCO (1998); Nu Isuik - Nu Maramik: filosofía y política de la planificación territorial Gambiana por CALDERÓN (2018); Parteiras del Pueblo Misak: Mujeres Hilando Re-existencia TUNUMBALA (2016); Mandato de Vida e permanência Misak (GUAMBIA, 1994); Plano de sobrevivência e crescimento Misak *Mananasrøkurri Mananasrønkatik Misak Waramik* (GUAMBIA, 2008); Projeto Educacional Guambiano. Ministério da Educação Nacional (GUAMBIA, 2018).

A escolha da mãe Agostina como fonte para realização da história oral se justifica pela representatividade que ela possui na comunidade Misak, reconhecida como uma líder da comunidade desde o nível político até espiritual; a escolha se deu também porque ela é uma pessoa que dialoga com o mundo ocidental através de seu

trabalho como parteira e pela etnobotânica. Através dela podemos compreender uma cosmovisão ancestral, pela vivência de um sujeito compreendendo-o como parte de uma realidade material.

No ano de 2016 mama Agustina teve reconhecimento da dedicação ao enriquecimento da cultura ancestral dos povos indígenas de Colômbia com projeto parteiras tecendo conhecimentos de vida e de (re) existência reconhecido pelo Ministério de Cultura de Colômbia, sendo sua importância reconhecida pelo mundo Misak e também pela sociedade Colômbia e do mundo. Mama Agustina já tem um documentário e realiza cursos de parteira, ginecologia natural y saber Misak via online em muitos países.

As entrevistas foram realizadas pelo com a metodologia história oral:

A história oral é muito mais que uma metodologia “participativa” ou de “ação” é um exercício coletivo de desalienação, tanto para o investigador como para seu interlocutor. Durante os processos de história oral deve existir um de interação consciente entre os diferentes sujeitos tendo como base o exercício do reconhecimento mútuo e a honestidade de qual o lugar social que cada um ocupa, classe, gênero, etnia. (CUSICANQUI, Rivera, 1987, p.51, tradução nossa).

Assim o método de história oral é uma forma viva de construção de conhecimento, onde se rompe o paradigma de sujeito passivo e ativo: aqui todos são sujeitos ativos, conscientes e transformadores de suas realidades. Para que uma transformação seja possível é necessário uma sinceridade e compreensão das estruturas de nossa sociedade do capital, tendo consciência as diferentes vivências que são submetidos determinados grupos, por exemplo, classe social, gênero, etnia, sexualidade, idade, diversidade física entre outras categorias que devem estar a serviço de uma profunda compreensão das múltiplas vivências, afim de construir pontes e transformar a realidade.

Através desse método, se recupera o estatuto cognoscitivo da experiência humana, o processo de sistematização assume a forma de uma síntese dialética entre dois ou mais partes ativas de reflexão. Rompemos os paradigmas de conceitualização entre um ego “cognoscente” e um outro “passivo” mudando para relação de dois sujeitos que reflexionam juntos sobre

sua experiencia e a visão que cada um tem do outro. (CUSICANQUI, Rivera, 1987, p.51, tradução nossa)⁴

Em uma reflexão dialética com a realidade, esse antigo método de aprender o mundo ao nosso entorno tem capacidade de ampliar nossas experiências cognoscitivas através da observação de outras linguagens presentes, a música, o corpo, o tecido, os elementos presentes e a intervenção da natureza. Essa monolingagem da escrita limitada a apenas uma forma de linguagem reduz as amplas capacidades humanas de compreensão e atuação em suas realidades. Se observamos a vida com apenas uma lente, vamos sempre atuar também através dessa.

A pesquisa de campo foi orientada pelo método IAP – investigação ação participativa em conjunto a educação popular que trazem a devolução do trabalho a comunidade onde foram realizadas as seguintes atividades:

Contribuição na construção de um podcast - Memórias de Mama Agostina projeto que ganhou prêmio da convocatória Jovens em Movimento do Ministério de Cultura Colombiano por MARTÍNEZ, Juan Camilo (2021);

Oficinas de formação na Associação Jardim Botânico Las Delicias (AJBD), Silvia estado de Cauca, que é parte de um programa do governo colombiano chamado “Ciência Certa”. As atividades que realizei foram complementares ao plano de trabalho que a comunidade já possuía: Desenvolvimento de uma estratégia de investigação e apropriação social do conhecimento para a proteção do patrimônio biocultural: salvar a cultura Misak e o cuidado do território⁵, onde compartilhei meus

⁴ La historia oral en este contexto es, por eso, mucho más que una metodología “participativa” o de “acción” es un ejercicio colectivo de desalienación, tanto para el investigador como para su interlocutor. Si en este proceso se conjugan esfuerzos de interacción consciente entre distintos sectores, y si la base del ejercicio es el mutuo reconocimiento y la honestidad en cuanto al lugar que se ocupa en la “cadena colonial”, los resultados serán tanto más ricos [...] Por ello, al recuperar el estatuto cognoscitivo de la experiencia humana, el proceso de sistematización asume la forma de una síntesis dialéctica entre dos (o más) polos activos de reflexión y conceptualización, ya no entre un “ego cognoscente” y un “otro pasivo”, sino entre dos sujetos que reflexionan juntos sobre su experiencia y sobre la visión que cada uno tiene del otro

⁵ Senderos Ancestrales Misak: Una experiencia Innovadora de Turismo Comunitario que contribuye al Desarrollo Local. GOV.CO. 2021. Disponible em <<https://apropiaconsentido.minciencias.gov.co/senderos-ancestrales-misak-una-experiencia->

conhecimentos em serviço social através da soberania e organização territorial, agroecologia, soberania alimentar, saúde comunitária, economia solidaria e pode aprender com a comunidade através de um diálogo horizontal e comunicativo.

Assim a metodologia do trabalho busca um debate inter-epistêmico através das perspectivas desde o sul global, os pensamentos da terra com as cosmovisões ancestrais, desde um olhar etnográfico, multicultural e transformador.

Tabela 1 - Cronograma metodológico da pesquisa:

Mês (2021)	Atividades desenvolvidas	Metodologia e ferramenta
Abril	Início de pesquisa bibliográfica com o tema da cosmovisão ancestral	Pesquisa bibliográfica e entrevista com Mãe Agostina.
Maio	Leitura e escrita, história do período colonial, sistema capitalista moderno e colonial. Leitura e escrita teoria descolonial, decolonial, epistemologia do sul.	Pesquisa bibliográfica.
Junho	Leitura e escrita teoria descolonial, decolonial, epistemologia do sul.	Pesquisa bibliográfica.
Julho	Leitura e escrita cosmovisão ancestral, povos originários, questão agraria e ecologia latino-americana.	Pesquisa bibliográfica.
Agosto	Estudo história oral e Investigação ação participativa (IAP), orientação acadêmica.	Pesquisa bibliográfica.
Setembro	Estudo cosmovisão Misak, história dos povos originários em Colômbia, orientação acadêmica.	Pesquisa bibliográfica e entrevistas

Outubro	Estudo cosmovisão Misak, parteira, agricultura, botânica, sítios sagrados. Práticas em educação popular e pesquisa participativa, orientação acadêmica.	Pesquisa bibliográfica, Etnografia, Entrevista em história oral, investigação ação participativa (IAP).
Novembro	Estudo e escrita cosmovisão Misak e Misak por mama Agostina, visitas a sítios sagrados, gravação de entrevistas, práticas com a comunidade Misak, orientação acadêmica.	Pesquisa bibliográfica, Etnografia, Entrevista em história oral, investigação ação participativa (IAP).
Dezembro	Estudo e escrita cosmovisão Misak e Misak por mama Agostina, visitas a sítios sagrados, gravação de entrevistas, realização de oficinas na (AJBD) orientação acadêmica.	Pesquisa bibliográfica, Etnografia, Entrevista em história oral, investigação ação participativa (IAP), educação popular e comunicativa.
Janeiro	Considerações finais e orientação acadêmica.	Pesquisa bibliográfica.

Fonte: Elaboração própria (dezembro, 2021).

2. ORIGINÁRIA QUESTÃO SOCIAL - SOCIEDADE CAPITALISTA MODERNA E COLONIAL.

Para compreender a importância das cosmovisões ancestrais na construção de alternativas sistêmicas, que nascem desde o sul global, devemos partir de uma realidade material histórica, ou seja, a compreensão da sociedade moderna capitalista, onde vemos uma crise inerente ao seu funcionamento, em geral; uma crise de matriz, de uma sociedade fundada sobre o patriarcado, colonialismo e exploração dos seres e da natureza.

Nesse capítulo vamos compreender as estruturas desse sistema capitalista moderno colonial, tomando em consideração a intercessão dos grandes problemas; colonialismo, patriarcado e capitalismo.

É preciso ter uma compreensão da relação íntima entre a exploração dos povos com a exploração da natureza, através das origens do epistemicídio, da desvalorização dos pensamentos do sul global e a importância do protagonismo das cosmovisões ancestrais para a construções de realidades alternativas.

Estamos realmente vivendo o Antropoceno – com seu retorno a um ponto de vista curiosamente eurocêntrico da humanidade e sua confiança em noções e recursos bem estabelecidos e consolidados de seu determinismo tecnológico – ou estamos vivendo o Capitaloceno, uma era histórica formada por relações que privilegiam a acumulação interminável de capital. (MOORE, 2017, p. 602).

Inicia-se um pensar ao momento geo-socio-metabólico, que vivemos hoje, onde uma crise sistêmica, coloca em risco a existência de povos e ecossistemas, sendo necessário romper com as estruturas capitalistas, retornar as origens e construir formas mais sustentáveis de viver que superem as ilusões da modernidade colonial, que sustenta parte dos ideários do sistema capitalista.

Essa crise sistêmica, resulta nas questões sociais, culturais, ambientais, agrárias, sanitárias etc., de um modo de produção que transforma, terra, água, ar, minerais, vegetais e animais humanos e não humanos em mercadorias.

Uma lógica insustentável de expansão dos lucros e acumulação de capital por uma classe dominante, que controla nossos corpos e territórios. Segundo (LOWY, 2013, p.80): “Vemos uma crise de um modo de vida cuja forma caricatural é o famoso *american way of life*, que, obviamente, só pode existir enquanto for privilégio de uma minoria – de um sistema de produção (...) literalmente, insustentável.” As ilusões vendidas por esse sistema são construídas sob a desigualdade, exploração de povos e da mãe terra. Em um vazio de existência, com ideais de consumo, a vida se desencanta e o caos floresce.

O desenvolvimento da sociedade capitalista acentuou a ruptura na relação dos seres humanos com a natureza e sua diversidade seja social ou biológica.

A exploração dos humanos por outros humanos, especificamente, da burguesia ao proletariado está conectada com a degradação da natureza. Ao longo dos últimos séculos, se estabelece uma ideia de indivíduo, separado do ecossistema e de seus semelhantes, gerando uma série de consequências que produzem uma realidade insustentável e desequilibrada em muitos níveis de sociabilidade: econômico, social, ambiental, cultural, humano e espiritual.

É necessária uma superação sistêmica dos produtos oferecidos por esse modelo, que oferece um vazio existencial e é insustentável às formas de vida do planeta. As ideologias da classe dominante como o individualismo, antropocentrismo, racionalismo são socializados e impostos como forma de pensar hegemônica. O ser moderno é movido por fetiches de consumo, as mídias vendem ideários de vida, que podem ser comprados nas vitrines e culpabiliza aqueles que não o podem obter.

Em um olhar micro, o ser moderno é portador do capital em seu sentir, pensar, viver, as ideologias se repetem e como um vírus instaurado, o capital, vai reproduzindo o sistema.

A degradação do ser e da natureza é intensificado pelo sistema de acumulação capitalista, desde seus primórdios de gestação nas coloniais americanas, onde através da invasão e exploração violenta dos corpos e territórios, se inicia um sistema de acumulação primitiva.

O Conceito de corpos e territórios faz analogia a essa compreensão da íntima relação a exploração dos povos com a da natureza “A luta pela recuperação do corpo e território porque as violências históricas e opressivas existem tanto para meu primeiro território: corpo, como também para seu território histórico, a terra”. (CABNAL, Lorena. 2015, p. 23. tradução nossa)⁶. Através dessa concepção, trazida por Lorena Cabnal se observa um pensar motivado pelos movimentos do feminismo comunitário ligado aos povos da terra, camponeses, afros e originários, em uma forma de compreender a vida no corpo-terra, sendo a violência exercida com os corpos a mesma que afeta a terra e com a terra a mesma que afeta os corpos.

Ademais, existem certos grupos étnicos que desde a colonização são os que sofrem mais diretamente essa exploração:

A fragmentação e colapso ambientais e étnicos estão intimamente ligados entre si, e são uma parte intrínseca de uma política de destruição planejada, da diversidade na natureza e na cultura, com vistas à instituição da uniformidade exigida pelos sistemas de gerenciamento central. (SHIVA, 2001, p.55.).

Se busca um monocultivo de seres humanos e vida; uma “uniformidade exigida” que oprime todo tipo de diversidade, criando uma sociedade uniforme, uma coletividade de massas enfermas, com um sentir, pensar e atuar controlado para favorecer a acumulação de riquezas por apenas uma classe social, onde os povos com pensar diverso são oprimidos em conjunto com a natureza.

A Natureza é tratada apenas como um recurso de mercado, como capital, como um meio ambiente, isolado dos humanos e da cidade. Essa lógica de pensar ignora a quantidade de vida inteligente, vida que ocorre através de uma relação comunal dos ecossistemas, neste grande organismo que é a terra, o qual todos fazemos parte. A compreensão da terra como um organismo vivo faz parte da cosmovisão ancestral de muitos povos:

Como já sabiam os povos que habitavam a América em 1500 e como confirmam os mais avançados estudos ecológicos, o funcionamento da natureza é orgânico em todos os seus níveis de organização. A organicidade

⁶ Cuerpos-Territorios: Es pensar en cómo nuestros cuerpos están unidos a los territorios que habitamos. - La lucha por la recuperación de su territorio-cuerpo porque “las violencias históricas opresivas existen tanto para mi primer territorio cuerpo, como también para mi territorio histórico, la tierra”. (CABNAL, Lorena, 2010, p. 23).

está presente nas organelas dos microrganismos individuais que chamamos de células. Por sua vez, as células se organizam em tecidos e órgãos e, junto com demais microrganismos que compõem o ecossistema corpo, geram o meio ambiente corporal adequado à vida de todos. Em níveis de organização superiores, os vegetais, animais e microrganismos manifestam a sagrada organicidade da vida nos ecossistemas, biomas, na biosfera e no Organismo Planeta Terra. (MESSERSCHMIDT; MONNERAT; NETO; STEENBOCK. 2016. p.11).

Ou seja, a terra é um organismo vivo, no qual todos os seres coexistem e atuam de maneira comunal para que a vida ocorra com sua organicidade; fazemos parte de um mesmo ventre gerador de vida e estamos todos conectados.

Vemos também as insustentáveis perspectivas econômicas políticas oferecidas por esse sistema neoliberal, seja em suas roupagens como neodesenvolvimentismo, neoextrativismo, financeirização do capital: "Os avanços sociais registrados durante o 'boom' das 'commodities', não afetaram as estruturas herdadas do neoextrativismo de origem colonial e do próprio capitalismo, resultam insuficientes e insustentáveis". (ACOSTA, Alberto; BRAND, Ulrich, 2018, p. 50, tradução nossa); se segue alimentando o status quo do neoliberalismo com a crescente exploração insustentável da natureza e da classe trabalhadora. As esperanças de mudanças do âmbito político hegemônico são limitantes e nos oferecem ideais de consumo e não de bem viver.

Se faz necessário pensar uma transformação radical, precisamos ir as raízes desse sistema e transforma-lo, repensar a estruturas do sistema capitalista, hetero patriarcal e colonial produzindo uma episteme do sul, pois falamos de terras latinas, colonizadas; são necessários estudos que evidenciem outras epistemes, conhecimento e educação, para expandir nossos mundos além das influencias do pensamento capitalista, patriarcal, colonial criando ponte para um amanhecer multicultural e de bem viveres.

Com o alarme socioambiental que vivemos esse estudo evidencia a necessidade de repensar esse sistema. O atual sistema econômico capitalista que transforma tudo em capital, a vida se torna uma possibilidade de venda e lucro, seu metabolismo insustentável fruto de acumulação de riquezas por poucos e exploração de povos e territórios. Os problemas sociais provocados pela acumulação ilimitada, como exemplo, a desigualdade social, racismo, insegurança alimentar, falta de moradia, opressão as minorias, pauperização, aquecimento global e crises sanitárias.

A crise que vivenciamos é a prova da insustentabilidade desse sistema, segundo (LÖWY, 2009, p. 50) “As atuais crises econômica e ecológica são parte de uma conjuntura histórica mais geral: estamos enfrentando uma crise do presente modelo de civilização, a civilização ocidental moderna capitalista/industrial”. Essas crises estão em um ponto de alarme, sendo necessário uma reflexão nas suas estruturas civilizatórias. É preciso observar de maneira crítica a história de formação do atual sistema gerador da questão social e em seus primórdios da questão colonial, o moderno que caminha conjunto com o colonial e formas de exploração vigentes desde a invasão das américas.

Não queremos, certamente, que o socialismo seja na América uma cópia. Deve ser uma criação heroica. Temos que dar vida a nossa própria realidade, em nossa própria linguagem, ao socialismo indo americano. Aqui existe uma missão digna de uma nova geração. (MARIÁTEGUI. 2010, p. 271, tradução nossa)⁷

Assim nas palavras do socialismo magico de Mariátegui, segue viva a esperança de construir práxis transformadora desde nossas raízes como povos multiculturais com sentires e pensares próprios resistindo as hegemonias do grande capital, descolonizando nossos corpos e territórios. É necessário insurgir para pensar outros mundos, romper as monoculturas do ser e das terras e construindo à diversidade ecológica dos seres e seus saberes.

2.1. RETORNO AS RAÍZES

Em um movimento dialético com a exposição da situação colonial, no chamado “novo mundo” vamos compreendendo o gestar desse sistema que afetou profundamente a relação dos povos com suas terras e semelhantes e desde essas bases observar as experiencias do povo Misak nos capítulo 5, 6 e 7.

A realidade que vivemos hoje é uma construção histórica, se foi gestando ao longo do tempo-espaco. Utilizando-se do materialismo histórico dialético que dialoga com correntes de pensamento próprio latino americano, teoria decolonial e

⁷ “No queremos, ciertamente, que el socialismo sea en América calco y copia. Debe ser creación heroica. Tenemos que dar vida, con nuestra propia realidad, en nuestro propio lenguaje, al socialismo indoamericano. He aquí una misión digna de una generación nueva.”. (MARIÁTEGUI. 2010, p. 271).

pensadores dos povos originários e tradicionais, nesse capítulo, tenho como objetivo compreender as raízes ideológicas da sociedade capitalista moderna colonial.

O pós-modernismo culturalista que as elites impõem e que o estado reproduz de modo fragmentário e subordinado, não é distante como uma tática. Não existe “pós” nem um “pré” em uma visão da história que não é linear nem teleológica, que se move em ciclos e espirais, que marca um momento sem deixar de retornar ao mesmo ponto. O mundo indígena não concebe a história de forma linear e o passado-futuro então contidos dentro do presente: a regressão ou a progressão, a repetição ou a superação do passado estão em jogo em cada conjuntura e dependem de nossos atos, mas que de nossas palavras (CUSICANQUI, Silvia, 2010, p 54. tradução nossa)⁸

Neste fragmento vemos uma perspectiva ancestral de como os originários vivem e observam o tempo, criticando os pós modernismos utilizados pelo grande capital que ocultam grandes fatos históricos. No mundo indígena, em específico na cosmovisão andina, o tempo flui em espiral, em um movimento contínuo, passado, presente e futuro se retroalimentam. O tempo corre em espiral e o passado seguira retornando até que transformemos nossos atos.

Vivemos o presente *aka pacha* que contém as sementes de futuro que brotam do profundo passado: *qhip nayr uñtasis sarnaqapxañani*. No presente se pode observar pulsões modernas e também arcaicas, de preservação do status quo e outras que expressão a revolta e renovação do mundo: (*pachakuti*). (CUSICANQUI, 2010, p 55, tradução nossa).

Ou seja, através desse fragmento vemos presente o idioma quíchua, que contém palavras com significados profundos relacionados com determinada cosmovisão, *aka pacha* significa o presente, *qhip nayr uñtasis sarnaqapxañani*: sementes de futuro que brotam do profundo passado, renovação e transformação do mundo: *pachakuti*.

Para o povo andino o *pachakuti* representa a transformação profunda da sociedade “Para o centro-andino do *pachakuti* palavra em quíchua-aymara, cuja imagem básica de revolução ou transformação do mundo é de uma *chaquitacla*⁹, ou

⁸ El postmodernismo culturalista que las elites impostan y que el estado reproduce de modo fragmentario y subordinado nos es ajeno como tática. No hay “post” ni “pre” en una visión de la historia que no es lineal ni teleológica, que se mueve en ciclos y espirales, que marca un rumbo sin dejar de retornar al mismo punto. El mundo indígena no concibe a la historia linealmente, y el pasado-futuro están contenidos en el presente: la regresión o la progresión, la repetición o la superación del pasado están en juego en cada coyuntura y dependen de nuestros actos más que de nuestras palabras.

⁹ A *chaquitacla* também conhecida como tira pé, ou arado de pés é um instrumento da agricultura ancestral andina.

arado de pês, com o qual ajuda o agricultor andino cavar para pôr a terra de cima para baixo na preparação de um novo ciclo de plantas as sementes.”¹⁰ (ROCHAS VIVAS, Miguel. 2016, p 47, tradução nossa). O pachakuti expressa a complexa ideia dos tempos e espaços em transformação, concepção de mundo conectada com o trabalho camponês. Assim, pachakuti é o anúncio de um novo amanhecer, novo plantio, nova vida e palavra.

Passado, presente, futuro, se mesclam em uma visão cíclica e ancestral do tempo, como falado por (CUSICANQUI, 2010, p. 57, tradução nossa): “É importante que aprendamos do passado para caminhar mais conscientes para o futuro”; e como tratado por Karl Marx: “É necessário que os seres tenham consciência que são construções históricas”

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra, as roupagens, a fim de apresentar a nova cena da história do mundo nesse disfarce tradicional e nessa linguagem emprestada. (MARX e ENGELS, s./d., vol. 1, p.203).

Assim, os humanos, sujeitos do passado, buscando revoluções, recorrem a observação da sua história, a memória antiga de seus antepassados, para compreensão e transformação de seu presente, compreendendo que são construídos pelas circunstâncias que os rodeiam.

Através desse pensamento ancestral de visão cíclica do tempo podemos observar como o capitalismo se apresenta moderno, mas em verdade tem raízes coloniais; ademais, as soluções para a transformação dessa realidade podem ser encontradas observando profundamente a história, o passado, as cosmovisões

¹⁰ Centro-andino del pachakuti quechua-aymara, cuya imagen básica de revolcón o transformación del mundo es la de una chaquitacla, o arado de pie, con cuya ayuda el agricultor andino escarba para poner arriba la tierra de abajo en la preparación para un nuevo ciclo de siembra de la semilla. (ROCHAS VIVAS, Miguel. 2016, p 47).

ancestrais, para recriar uma nova sociedade, cavar fundo o passado, melhorando no presente para que a revolução seja possível, o pachakuti.

Através dessa recuperação histórica, vamos as raízes da sociedade moderna/capitalista, as raízes dessa forma de ser e estar no mundo, vamos ao descobrimento, a descobrir algo que precisa chegar a luz.

Dia do Descobrimento (12 de outubro) Em 1492, os indígenas descobriram que eram índios, descobriram que viviam na América, descobriram que estavam nus, descobriram que existia o pecado, descobriram que haviam obedecido a um rei e a um reino e deus de outro céu, e que esse deus inventou a culpa e a roupa e ordenou que a pessoa que adorava o sol e a lua e a terra e a chuva que a encharca fosse queimada viva. (GALEANO, 2015, p. 198, tradução nossa).¹¹

Com essa irônica poesia, iniciamos uma reflexão a toda história que nos contaram do descobrimento das américas, afinal, a forma como concebemos o processo de colonização não é neutra e traz origem em muitas das justificativas do atual sistema econômico.

A classe dominante, controla a forma como pensamos, os meios de produção intelectual estão nas mãos de uma elite, para Marx: “As ideias das classes dominantes, em todas as épocas, são as ideias dominantes (...) a classe que é força material governante da sociedade é ao mesmo tempo sua força governante intelectual.” (MARX e ENGELS, 1986 apud FRIGOTTO, 1991, p. 41). Com isso questiono o porquê não existe uma consciência desse passado, porque tão pouco se fala sobre algo que ainda é tão presente.

Já diria, o ecologista do povo (KRENAK, 2015 p. 120) que prefere ressignificar o termo descobrimento: “Eu acho que teve uma descoberta do Brasil pelos brancos em 1500, e depois uma descoberta do Brasil pelos índios na década de 1970 e 1980. A que está valendo é a última.” Ailton Krenak faz referência a falta de direitos a terra dos povos originários, que até os dias de hoje lutam pela demarcação de suas terras

¹¹Día del Descubrimiento (Octubre, 12) En 1492, los nativos descubrieron que eran indios, descubrieron que vivían en América, descubrieron que estaban desnudos, descubrieron que existía el pecado, descubrieron que debían obediencia a un rey y a una reina de otro mundo y a un dios de otro cielo, y que ese dios había inventado la culpa y el vestido y había mandado que fuera quemado vivo quien adorara al sol y a la luna y a la tierra y a la lluvia que la moja. (GALEANO, 2015, p. 198).

originárias, estado que segue com políticas coloniais, ignorando que estes povos estavam a mais de 10 mil anos por essas terras.

Esse “descobrimento” foi um processo de invasão e violência profunda da terra e dos seus povos, fortalecendo os pilares de opressões do branco contra o negro, do homem contra a mulher, do hetero contra o homossexual, do Norte contra o Sul; assim, se foi instaurando a acumulação primitiva e a propriedade privada. Se origina uma estrutura de dominação e exploração atravessada, pela classe, etnia e gênero.

Como argumentado por Marx no volume 1 de O capital, que reconhece que a violência vivida no período colonial gestava o atual sistema (MARX, 2006, p. 939):

A descoberta de ouro e prata na América, o extermínio, a escravização e o sepultamento da população nativa nas minas, a conquista e a pilhagem das Índias Orientais, a transformação da África em uma reserva para a caça comercial de peles negras [...] são momentos fundamentais da acumulação primitiva.

A importância do conceito de acumulação primitiva, revela quais circunstâncias históricas seguem no presente. Marx trata o que foi vivido no Novo Mundo como um fator de fundação do capital, reconhecendo o desumano e violento processo vivenciado pelos povos originários, africanos e pela natureza através da mineração do ouro e prata.

A compreensão do que ocorria no período colonial é fundante para observar como o patriarcado e racismo estão interligados com as violências do capital, Para (FEDERICI, 2013, p.119): “Uma acumulação de diferenças e divisões dentro da classe trabalhadora, em que as hierarquias construídas sobre o gênero, assim como sobre a “raça” e a idade, se tornaram constitutivas da dominação de classe e da formação do proletariado moderno.” Ou seja, além da acumulação de uma mão de obra gratuita, também se observa nesse período estruturas sociais de dominação que seguem atuais no que chamamos “modernidade” onde gênero, etnia, idade e outras características da diversidade são fatores usados para justificar a exploração.

Muitas literaturas apontam o surgimento do capitalismo como algo europeu, que originou desse continente para as demais partes do mundo. Segundo (CORONIL, 2005, p. 52) na obra Natureza do Pós Colonialismo: do Eurocentrismo ao

globocentrismo “A modernidade capitalista aparece como o resultado desde seus primórdios de transações transcontinentais cujo caráter verdadeiramente global só começou com a conquista e colonização das Américas.”

Os grandes movimentos mundiais e grandes acumulações de riquezas se originam no sul global “A “acumulação primitiva” colonial, longe de ser uma pré-condição do desenvolvimento capitalista, foi um elemento indispensável de sua dinâmica interna” (CORONIL, 2005, p. 52); esses movimentos foram essenciais para produção recursos que possibilitaram mais a diante a revolução industrial e o que conhecemos como capitalismo industrial.

A violência foi o principal meio de poder nesse processo de acumulação primitiva pois a revolução industrial e desenvolvimento do capitalismo requeria um grande salto de acumulação de riquezas pela classe dominante “A acumulação primitiva consistia em uma imensa acumulação da força de trabalho – trabalho morto – em forma de recursos roubados e – trabalho vivo – em forma de seres humanos postos para exploração” (FEDERICI, Silvia, 2004, p.92). Em termos marxistas a autora explica como a elite expropriou para si as riquezas naturais e humanas das terras de Abya Yala e através da violência levantou uma estratificação nunca antes vista na humanidade.

Dada uma breve reflexão ao processo de “descobrimento” também nos é fundamental compreender brevemente a complexidade do que conhecemos por “Europa Moderna” essa, que se impôs sobre as demais nações, etnias, povos e natureza. A criação da Europa moderna, a qual impõe sua forma de pensar eurocêntrica, também está cheia de particularidades, povos multiculturais e subalternos.

A Europa vem dos fenícios, portanto, semitas, e o que hoje chamamos de Europa moderna, território de origem dos colonizadores da América, era ocupado pelos bárbaros durante o feudalismo que, em comparação com os continentes, Ásia e África se apresentava como menos desenvolvida em suas estruturas políticas.

Com isso queremos deixar muito claro que a diacronia unilinear Grécia-Roma-Europa é um invento ideológico de fins do século XVIII romântico alemão; é então uma manipulação conceitual posterior do “modelo ariano”,

racista” (Ou seja, se criou no imaginário coletivo que Europa era apenas um povo. (DUSSEL, Enrique, 2005, p. 26).

Existe um sequencia histórica que é aceita pelo pensamento hegemônico¹², que representa o que chamamos de pensamento moderno europeu (DUSSEL, Enrique, 2005, p. 27): “Para muitos, Galileu (condenado em 1616), Bacon (Novum Organum, 1620) ou Descartes (O Discurso do Método, 1636) seriam os iniciadores do processo moderno no século XVII”; autores cujo o pensar justificam uma realidade pratica e objetiva, que reafirmam fortes ideologias como o antropocentrismo, racionalismo, tecnicismo, machismo e racismos.

Pensem as justificativas criadas pelo continente europeu para firmar seu centro como nova ordem mundial. Por exemplo: o uso da palavra modernidade vem do latim Modernus, que representa: o modo atual. A concepção de um modo atual, exprime a exclusão de um modo passado, a modernidade oprime o antigo, pois propõe um novo modo, ao mesmo tempo segue reproduzindo formas arcaicas de existir.

A maneira como inicia a construção sistêmica do atual modo social, com seu estado, economia, cultura, filosofia são partes estruturantes do Sistema Mundo gestado nessa bárbara Europa. Dussel afirma que não existia história mundial até 1492 quando se inicia os processos coloniais. Segundo (DUSSEL, 2005, p. 28), antes dessa data, os impérios ou sistemas culturais coexistiam entre si. Apenas com a expansão portuguesa desde o século XV, que atinge o extremo oriente no século XVI, e com o descobrimento da América hispânica, todo o planeta se torna o “lugar” de “uma só” História Mundial. Por traz dos ideários de avanço e progresso vemos a outra parte da moeda deixada pelos invasores europeus.

A “outra-face” oculta e essencial à “Modernidade”: o mundo periférico colonial, o índio sacrificado, o negro escravizado, a mulher oprimida, a criança e a cultura popular alienadas, etc. (as “vítimas” da “Modernidade” como vítimas de um ato irracional como contradição do ideal racional da própria “Modernidade. (DUSSEL, Enrique, 2005, p. 28).

¹² “O conceito de hegemonia, desenvolvido por autores marxistas como Gramsci, se refere à manutenção de uma ordem dominante por meio do domínio ideológico, ou seja, a luta pela preservação de uma ordem dominante requer a definição de uma ideologia que se torne no máximo consensual, portanto, hegemônica diante de suas adversárias.” (CHAUÍ, 2008, p. 58).

Assim, para que seja possível a superação do que chamamos de modernidade é necessário que exista uma consciência de uma série de ideologias, por exemplo, de como foi criado esse conceito de modernidade para superá-lo. A complexidade histórica das estruturas que moldam nossa sociedade, e a dialética entre o moderno e colonial, se entrelaçam na atual sociedade, que se apresenta de uma forma progressiva, ignorando o caminho de sangue que deixa em cada passo.

2.2. OPRESSÃO A TERRA E SEUS POVOS – CAPITALISMO, PATRIARCADO E COLONIALISMO.

Para compreendermos o gestar das grandes violências exercidas, vamos a raiz, a primeira violência: dizer que a terra tem dono.

Observemos um ponto fundamental na concepção da sociedade capitalista moderna colonial: o conceito de propriedade privada. Ela regula todas as relações sociais em nível macroeconômico e é uma grande imposição sobre as propriedades coletivas que são fundantes em culturas pré hispânicas; ou seja, para muitos povos originários a terra é de todos, como é o caso do povo Misak. Segundo (CLAVERO, 1994, p.170) “A negação do direito do colonizado começa pela afirmação do direito do colonizador; é a negação de um direito coletivo por um direito individual.”

As leis submetidas a uma lógica de dominação, longe de uma neutralidade, também fortalecem o pensamento hegemônico tido como universal. Se a terra passa a ter um dono, alguém se torna sem-terra, ou seja, para que poucos tenham outros necessitam não ter e assim o individual se sobressai ao coletivo. O conceito e imposição da propriedade da terra no sul global foi uma violência originária aos povos e seus territórios, que para estes a terra é de quem cuida, de quem nela estava.

John Locke no segundo livro *Treatise of Government*, elabora o direito de propriedade com razões determinantes. Ainda mais adiante vemos as afirmações que justificam a dominação das terras e povos nas américas: “Deixe o homem plantar nas terras vazias na América” (LOCKE, John. 1988, p. 120. Tradução nossa).¹³ Segundo

¹³Let him [the Man] plant in some in-land, acante places of America.

essa concepção liberal do mundo, as terras de América são vazias pois estão povoadas por seres que não são considerados indivíduos, portanto, são sem direitos.

[...] se não há cultivo ou colheita, nem a ocupação efetiva, serve para gerar direitos; outros usos não valem, essa parte da terra, esse continente da América, ainda que povoado, pode ser considerado desocupado, a disposição do primeiro colono que chegue e se estabeleça. O indígena que não se atenha a esses conceitos, a tal cultura, não tem nenhum direito. (CLAVERO, 1994, p 22).

Ou seja, para esse pensar, os povos originários não são considerados legítimos, por expressarem uma diversidade sociocultural não hegemônica, suas terras foram consideradas desocupadas, estando à disposição do primeiro colono que chegue. O nível de desconsideração a outras formas de ser e a imposição cultural colonial é uma violência que ressoa até hoje nas terras que não foram demarcadas e na exploração e violência sofrida pelos povos originários e seus territórios.

Esse pensamento eurocêntrico que refere o pensar da classe dominante, cuja raiz vem de um falso universalismo, ignora todo pensar que não seja a lógica do colonizador e está fundamentado no individualismo, propriedade privada, extrativismo e acumulação organizados através de um Estado Moderno, ou seja ideias que são frutos da dominação capitalista.

O pensar eurocêntrico nasce com a morte constante de diversos pensares, sendo um constante epistemicídio promovido em larga escala por sua estrutura de poder hegemônico. Um dos pensadores mais importantes do racionalismo europeu:

Um povo não é ainda um Estado, e a passagem de uma família, de uma horda, de um clã de uma multidão, etc., a uma situação de Estado constitui a realização formal da ideia em geral nesse povo. (HEGEL, 1976, p. 335).

Para Hegel um povo, não é um estado, portanto não possui compreensão de indivíduo, são bárbaros e sem direitos. Com esse excludente, se justificaram a construção das estruturas de poder da atual sociedade capitalista moderno colonial.

“Um povo é um povo, com ou sem estado, é digno, humano e deve viver”.

As resistências seguem vivas e as raízes coloniais seguem atuais e falar da acumulação primitiva e sua atuação latino-americana (ou como seus povos originários preferem nomeá-la Abya Yala) é compreender um padrão que segue existindo, onde

as riquezas são roubadas dos territórios originários e tradicionais e as catástrofes socioambientais são compartilhadas.

Além disso existe uma imposição em todas as esferas da vida, cultural, social, biológica que busca construir uma única sociedade: a sociedade dos invasores, onde não existe espaço para diversidade e biodiversidade, aliás essas se tornam mais uma mercadoria do grande capital.

A colonização foi um processo violento às formas de vida, humanas e não humanas, impondo uma outra relação com a terra e conseqüentemente com os povos que nela coexistem. Neste item nos atentaremos na relação da exploração dos povos com a terra no período colonial.

Claudia Korol, na obra *Somos Terra, Semente e Rebeldia* acrescenta:

“A imposição da mineração o, escravização dos povos conquistados e seu submetimento à servidão, rompeu com práticas agrícolas que asseguravam a sustentação e crescimento da população. Nesse mesmo processo se submetia as mulheres e os povos conquistados; a servidão, escravidão, violência sexual, proibição e perseguição dos saberes ancestrais e a subordinação das suas formas de vida, foram suprimidas por esses modos de opressão” (KOROL, 2016, p. 23, tradução própria).

Vemos a manifestação do pensamento colonial em distintas esferas do ser e da vida, podemos destacar o fato que a terra é sagrada para os povos originários e essa forma de existir degradada foi após a invasão.

As formas de colonização buscam romper a relação sagrada que os nativos preservam com a natureza para poder justificar a dominação e rompimento do vínculo dos seres com seus territórios. Através da opressão dos saberes ancestrais por meio da visão dos invasores seja por meio da imposição de outro modo de produção, da religião e violentas proibições, o culto à natureza começa a ser considerado como um ato pagão e inclusive, criminoso.

(FEDERICI, 2004, p. 93) “Marx escreveu que o capital emerge sobre a face da terra “espalhando sangue e sujeira dos pés a cabeça” e em efeito, quando vemos o começo do desenvolvimento capitalista temos a impressão de estarmos imensos em um campo de concentração”. Podemos dimensionar parte da violência colonial,

refletindo as palavras de Marx e Silvia, que asseguram que este processo é uma imposição de poder por meio de muita repressão, para destruir culturas e povos.

Entre tantas resistências construídas pelos povos originários, também ressaltamos a resistência dos distintos povos que foram trazidos a força do continente africano, desenraizados de sua terra nativa.

Como observa a feminista comunitária:

O colonialismo como sistema de dominação que se institui ao mesmo tempo que o patriarcado ocidental, que foi o modo para estabelecer o roubo e destruição dos territórios e corpos que se ampliou a acumulação de Europa. Uma das condições base de toda essa imposição e a separação dos povos originários de suas terras e sistemas de vida e a separação do povo africano da terra, trazidos como escravos para esse continente. (CABNAL 2015, p. 25).

De esse modo, vemos que a ruptura das relações dos povos com seus territórios caminha em conjunto com a violência colonial e, também, com o patriarcado que vem de fora, que busca impor uma nova forma de ser, que atinge fortemente a relação dos seres com a natureza. Por exemplo, muitos dos povos originários, possuem seus modos de produção em torno da agricultura ancestral, que mediava a relação entre os seres e a terra; a imposição de uma cultura laboral de violência, expropriação e acumulação, influi em muitas camadas da vida, já que o trabalho com a terra era central para as cosmovisões de esses povos.

Durante a acumulação primitiva se vivia um forte período de inquisição religiosa e opressão aos corpos das mulheres e outros grupos étnicos e culturais não pertencentes a hegemonia da cruz. Todos esses grandes momentos históricos intercedem os processos de dominação do capital e a mudança de como as mulheres, multiculturas e a terra são vistas, segundo as reflexões de (FEDERICI, 2004, p. 105):

Em seguida, as políticas que a classe capitalista introduziu para disciplinar, reproduzir e ampliar o proletariado europeu são examinadas grosseiramente, a começar pelo ataque que lançou contra as mulheres; este ataque terminou com a construção de uma nova ordem patriarcal que defino como o "patriarcado dos salários". Por fim, considero em que medida a produção de hierarquias raciais e sexuais nas colônias poderia constituir um terreno de confronto ou solidariedade entre mulheres indígenas, africanas e europeias e entre mulheres e homens.

Já existiam formas de opressão às mulheres o patriarcado originario, mas essas são intensificadas por aquelas que vêm de fora; o patriarcado ocidental colonial e abre caminhos para justificar uma sociedade de dominação, a qual falaremos um pouco mais no capítulo 6 – Misak por Mama Agostina.

Vemos a íntima relação entre o patriarcado e colonização. Assim como exploração da terra, mulheres, e povos originarios, que sofrem a repressão da imposição da sociedade moderna, e que são colocados na posição de servidão.

Das mulheres originárias às da diáspora foi retirado o contato com a sua terra; dessa forma removem a autonomia em torno dos seus costumes, sendo um processo de perda da identidade, já que essa estava constituída através da relação com o território e as propriedades comunais.

Com o surgimento da propriedade privada no novo mundo, uma forma mais individualista em torno da gestão da terra foi imposta, fortalecendo o conceito de propriedade e o domínio do homem sobre a natureza.

Observamos o período colonial e a acumulação primitiva, como a gestação de um pensamento e ação de exploração, onde se observa o cruzamento de dois eixos, étnico/ racial e de gênero e desde os primeiros tempos de invasão; vemos também como é o extrativismo da natureza pela mineração ou pelo sistema de plantação que degrada o ser e sua natureza.

3. DESCOLONIZAR

Uma revolta contra a individualidade, contra a fragmentação e contra a perda de sentidos, que reivindica uma territorialidade comunitária não saqueadora, recuperadora de tradições e potencializadora de imaginários utópicos que sacodem todas as percepções da realidade e da história, e conduzem a um mundo em que cabem todos os mundos. As referenciais epistemológicas colocadas pela Modernidade como universais são deslocadas, e as interpretações se multiplicam na busca de projetos de futuro sustentáveis, dignos e libertários. (CECEÑA, Maria apud ACOSTA, A.; MARTÍNEZ, 2009, p. 87, tradução nossa).

Na obra Bem viver (ACOSTA, A.; MARTÍNEZ, 2009, p. 87), se observa o levante de movimentos de rebeldia desde as terras de Abya Yala, que constroem alternativas, descolonizando os corpos e territórios, criando caminhos alternos e nativos, contra o sistema hegemônico, através da organização em comunidade, desde um comum encontro pelas cosmovisões ancestrais de integração do ser e natureza.

Esses movimentos insurgentes, buscam transformar a realidade, por meio de um encantamento no pensamento que gera a ação transformadora e cria práxis que nas palavras de (LUKACS, George, p. 90, tradução nossa): “O conhecimento leva sem transição a ação” assim se recria as percepções da realidade e história, criando uma nova era onde a diversidade e biodiversidade possam florescer livres.

Para criar outro mundo é preciso sonhar, desconstruir-se das ilusões do atual sistema e descolonizar nosso sentir, pensar, atuar, para ir além das epistemes da modernidade, para multiplicar os projetos de futuros libertários, sustentáveis e dignos para todos os seres vivos.

Nesse capítulo vamos começar um aprofundamento em conceitos que são fundamentais para descolonizar parte de nosso pensar e atuar e assim compreender a profundidade das cosmovisões ancestrais. Em primeira instancia vamos compreender parte desse movimento descolonial, priorizando pelas orientações guiadas por uma pratica transformadora, vinculada aos movimentos sociais, povos originários, afros e camponeses.

Observando os fatos históricos, como exemplo, a história dos povos originários no “descobrimento do brasil” como argumentado no primeiro capítulo, existem

imaginários para serem descolonizados. A cultura dominante, a favor da preservação do atual sistema capitalista insiste em escrever apenas a história dos vencedores.

Para construir uma ecologia de saberes libertários para poder construir outra sociedade, com isto, busca se descolonizar e desconstruir parte de nosso pensar, ou seja, essa pesquisa expõe outras leituras da realidade.

3.1. DESCOLONIZAR É ANCESTRAL

A cultura dos povos indígenas, ao longo dos tempos, tem sido tratada com certo desdém – vivendo em um hiato de esquecimento abissal. Poucas pessoas despertam no meio da multidão para cantar e declamar a poucos ouvidos o universo multicultural dos povos da floresta. O Brasil necessita se conhecer, é impossível pensar em nossa história sem levar em consideração os povos aqui existentes, sem louvar a ancestralidade presente no canto dos pássaros e nas brisas do passado. (HAKIY, 2018, p. 37).

A história dos povos originários vem sendo oprimida pela sociedade moderna colonial, já faz mais de 500 anos que convivemos com uma cultura que ignora toda essa multiculturalidade ancestral. Como raízes e sementes, a resistência dos povos originários ecoa desde as florestas, campos, rios e montanhas, os povos conectados com a terra vão fazendo presente suas resistências multiculturais.

É necessário dar voz a quem não é escutado pelo pensamento hegemônico do capital, afinal existe muita resistência e ela está manifesta em carne viva, nas culturas e florestas que seguem preservadas, nos solos vivos que produzem alimento, nos curandeiros e curandeiras que orientam suas comunidades desde o equilíbrio com a natureza, nas parteiras que trazem à vida seres de maneira humanizada e respeitosa; que ainda está presente, nos milhões de espécies de fauna e flora e na multiculturalidade que os povos da terra que seguem protegendo.

A história oral, muitas vezes manifesta nas palavras dos avós e círculos familiares é a forma como muitas culturas preservam seu conhecimento, através de círculos de palavra, mingas, cantos, tecidos, e muitas outras formas de saber que estão além de um papel escrito, a história de esses povos se faz assim viva e presente.

As tradições de história oral, visual, musical, ritual, vão sendo desconsideradas pela modernidade colonial, as linguagens orais e corporais são reduzidas na

hierarquia de saber, onde o escrito e científico sempre estarão em superior ao oral e empírico. Ou seja, existe uma seleção do conhecimento através da exclusão das distintas formas de linguagem.

Se decide o que é conhecimento e através disso se conta a história, com isto, muitos povos são considerados sem história, posto que não possuem as mesmas tradições ocidentais para contar suas vivências. Por isso a história oral é uma ferramenta descolonial, pois é resistência milenária de muitos povos que seguem reafirmando sua memória e história em suas múltiplas linguagens de saber.

Como conta Tiago Hakiy sobre as tradições orais de sua tribo Sateré Mawé que é uma das formas centrais de transmissão de saber:

O contador de histórias sempre ocupou um papel primordial dentro do povo, era centro das atenções, ele era o portador do conhecimento, e cabia a ele a missão de transmitir às novas gerações o legado cultural dos seus ancestrais. Foi desta forma que parte do conhecimento dos nossos antepassados chegou até nós” (HAKIY, 2018. p 38).

A tradição oral segue viva e descolonizando o saber, a palavra de boca em boca, a clandestinidade, os conselhos de avós e avôs, os círculos e rodas de conversa estão nas aldeias, quilombos, terreiros, comunidades, movimentos sociais, universidades, escolas e com muita gente que no seu viver diário ousam pensar e atuar de maneira distinta. “Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História”. (FREIRE, 2002, p.23).

Desde que existe opressão, existe resistência, esse é um movimento dialético da realidade e em américa latina isso sempre esteve presente.

Com a crescente do neoliberalismo e estados autoritários por essas terras as resistências vão emergindo. Podemos citar nos últimos anos a crescente dos seguintes movimentos alinhados com práticas e teorias: descolonização epistêmica; alternativas ao “desenvolvimento” e Bem Viver: transições aos pós extrativismo, crise civilizatória e alternativas a modernidade; a lógica do comunitário, as relações e o pluriverso”. (ESCOBAR, 2003, p. 36).

O resistir teórico e prático dos povos originários e companheiros(as) acadêmicos que fortalecem o debate decolonial dentro das ciências ocidentais, compreendendo que precisamos ir além dos muros do latifúndio do saber, abarcando que descolonizar é uma tarefa teórico e pratica, que é o viva nas resistências, formas,

saberes, culturas, que estão resistindo a mais de 500 anos e encantam a realidade com suas presenças decoloniais.

O discurso descolonial transmite uma prática descolonial “Não se pode falar de um discurso de descolonização, uma teoria de descolonização sem uma prática descolonizadora.” (CUSICANQUI, 2010, p. 62, tradução nossa). Assim que desde o sul ao norte de latino América vemos presente o discurso decolonial alinhado com uma prática transformadora.

Os pensamentos do sul conectados com movimentos sociais, como o andino, amazônico, afros, partem de uma cosmovisão ancestral, que organiza suas estruturas socioculturais; são descoloniais pois estão buscando suas próprias epistemes para construção da realidade, ou seja, o descolonial vai além de um grupo de acadêmicos.

É necessário descolonizar as teorias e criar uma prática que parta da realidade material, ou seja devemos partir das realidades expostas pelos distintos movimentos sociais, dizia Freire que precisamos de práxis:

De teoria que implica numa inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vivê-lo plenamente, praticamente. Neste sentido é que teorizar é contemplar. Não no sentido distorcido que lhe damos, de oposição à realidade. De abstração. (FREIRE, 1967, p. 93).

Descolonizar as teorias é buscar trazê-las cada vez mais para a prática e transformação no diário viver e de essa forma ir tecendo um pensamento próprio, que responda e dialogue com a história de Abya Yala.

Destacamos um teórico que realizou um diálogo entre grandes pensadores dessa rebeldia epistêmica: Edward Said, intelectual palestino-norte-americano, que a partir da metade dos 70 no século XX conta as motivações do programa de investigação modernidade/colonialidade em latino americano: segundo suas palavras foi um movimento que buscou “Articular elementos do marxismo gramsciano (na ideia de hegemonia), o conceito de discurso de Michel Foucault e a concepção anticolonial de Frantz Fanon. Daqui derivam as críticas pós-coloniais, os estudos subalternos e culturais latino-americanos” (SAID, 2002, p. 30).

Durante os anos de 1992 se organiza em latino américa e caribe um grupo com perspectivas de descolonizar “o pensar”: grupo “Programa de Investigação de Modernidade/Colonialidade Latino-americano”. São pensadores de destaque nesse programa: Enrique Dussel, Walter D Mignolo, Aníbal Quijano, Santiago Castro Gómez, Catherine Walsh.

Para esses o termo adotado é o decolonial:

Decolonial pretende marcar uma diferença com o espanhol casteliano o “des” pode ser entendido como um simples desarmar, desfazer ou reverter o colonial (...) Com esse jogo linguístico busco pôr em evidencia que não existe um estado nulo de colonialidade, mas sim, posturas, posicionamentos, horizontes e projetos de resistir, transgredir, intervir, insurgir, criar e incidir. (MIGNOLO, 2009, p. 13).¹⁴

O termo decolonial é mais relacionado a academia, a uma linha de teóricos decoloniais, em geral vinculados ao Programa de Investigação de Modernidade/Colonialidade Latino-americano, que não são os únicos que discutem a colonização e seus impactos.

Com as ressalvas de (CUSICANQUI, 2010), os povos indígenas e intelectuais da Bolívia, Peru e Equador já haviam produzido os pensamentos descolonizantes de forma independente, durante os anos 1970 na obra de Pablo González Casanovas, o “colonialismo interno” que foi publicada em 1969 já vemos a expressão desse pensar em fundamento teórico.

As frentes descoloniais estão além dos muros acadêmicos e são multiversos, vão ao encontro das epistemes do sul, os seja dos saberes próprios das terras de Abya Yala, que são construídos pelos oprimidos. Ou seja, a teoria decolonial é recente e ocorre nos terrenos acadêmicos, já os pensamentos descoloniais então além das teorias e refletem uma pratica transformadora.

¹⁴ [decolonial] pretende marcar una distinción con el significado en castellano del “des” y lo que puede ser entendido como un simple desarmar, deshacer o revertir de lo colonial. Es decir, a pasar de un momento colonial a un no colonial, como que fuera posible que sus patrones y huellas desistan en existir. Con este juego lingüístico, intento poner en evidencia que no existe un estado nulo de la colonialidad, sino posturas, posicionamientos, horizontes y proyectos de resistir, transgredir, intervenir, in-surgir, crear e incidir (Mignolo, 2009, p. 13).

Cusicanqui, que é intelectual e ativista do movimento descolonial afirma “Acredito que o multiculturalismo de Mignolo e companhia é um neutralizador das práticas descolonizadoras, ao consagrar na academia o reino limitado e ilusório da discussão sobre modernidade e descolonização” (CUSICANQUI, 2010, p.59). Não negamos a importância dos teóricos decoloniais, mas sim a hegemonia de pensamentos que vivam apenas no universo acadêmico e não estejam conectados com os movimentos sociais.

Os movimentos descoloniais como todos os demais movimentos sociais são sujeitas a cooptação do grande capital. Nos últimos anos com o avanço do neoliberalismo e o desmonte da universidade pública, o terreno para pensamentos críticos e transformadores é cada vez mais difícil de eclodir.

A colonialidade está presente em práticas e discursos, criando nossa realidade material e simbólica na forma como nos relacionamos com nosso próprio ser, com a alteridade e com a mãe natureza. Somos seres sociais, moldados pelo nosso meio, aspectos que aparentam ser da subjetividade, de ordem íntimo e individual, também recebem influências do meio onde somos gerados; a todo tempo, existe um diálogo entre o interno e externo.

Aspectos da colonialidade como a lógica perversa do poder, dominação, extrativismo, racismo, heterocentrismo, misoginia, eurocentrismo, entre outros, são manifestos na forma como atuamos em nosso viver diário; é preciso consciência e comprometimento para desconstruir-se de uma história social de mais de 500 anos.

3.2. DESCOLONIZAR O SABER

Um aspecto fundamental em nossa realidade é o conhecimento. A forma que o sistema nos educa constrói como compreendemos e nos relacionamos com o mundo. Sistema educacional que vai além das escolas formais pois tudo ao nosso entorno nos está educando a algo.

A Colonialidad do Saber nos revela, para além do legado de desigualdade e injustiças sociais profundos do colonialismo e do imperialismo, assinalados pela teoria da dependência e outras, um legado epistemológico do

eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias. (LANDER. Edgar, 2005, p.3).

A colonialidade do saber que revela a profundidade dos impactos da colonização em múltiplas esferas: desigualdade social, imperialismo, conhecimento, que vai além de uma dependência econômica, pois, existe uma opressão que nos impede de construir uma compreensão do mundo a partir de nossa realidade como povos colonizados do sul global.

O pensamento hegemônico eurocêntrico tem como objetivo fundamental contar uma história universal, para justificar suas violentas imposições e dominações, apontando para uma única verdade através de uma ciência objetiva, leis, artes reguladas por uma só razão. O projeto de modernidade do iluminismo no século XVIII é base que alimenta muitas epistemes do mundo contemporâneo. Uma lógica de desunião, a separação do ser com a natureza, do corpo com a mente, o humano passa a ser concebido como o centro do mundo, a ótica deixa de ser biocêntrica para ser antropocêntrica.

Com a chegada dos processos de modernidade existe uma ruptura ontológica, pois algo que era parte da existência dos seres era a relação integrada com seu meio. O processo de racionalização do pensar substitui a sintonia com o cosmos por uma frieza de mecanismos; os cidadãos do mundo moderno observam sua realidade desde uma razão que os separe do seu mundo. “Está separação entre mente e mundo, colocou os seres humanos numa posição externa ao corpo e ao mundo, com uma postura instrumental frente a eles.” (APFFEL. Marglin apud LANDER, 1996, p.33). Essa lógica instrumental e separatista é também base para as ideologias do mundo liberal capitalista, como o individualismo e propriedade privada.

Quando desconsideramos a construção social dos sujeitos que impõem seu conhecimento, se produz o mito do “conhecimento universal” que ignora o lugar epistêmico, geopolítico, e corpo político da colonialidade do saber.

Dessa forma excludente o saber colonial patriarcal e capitalista se reproduz historicamente, o homem ocidental representa sua episteme e cosmovisão de mundo como verdade universal e isso se expressa no nível da espiritualidade até no nível

científico, do mais acadêmico até o mais político. O homem branco impõe a universalidade de seu conhecimento, despreza e invisibiliza os conhecimentos não-ocidentais por exprimirem particularidades que não se encaixam nos padrões de conhecer da episteme hegemônica.

Com a colonização das américas vemos a colonização simultânea dos seres, saberes, linguagens, memória e imaginário. Toda essa imposição vem através de um Estado que regulamenta as leis, educação, economia, cultura, linguagem, artes, história, ciência, pensamento, trabalho, sexualidade enfim muitas gamas da vida são impostas e reguladas pela classe dominante.

Feita uma reflexão sobre a colonialidade do saber é importante compreendê-la em um complexo movimento da realidade, onde tudo está interligado, saindo do pensamento cartesiano para um pensar de totalidade; as distintas esferas de colonialidade se retroalimentando por um sistema de controle social, que atua na materialidade na vida, por exemplo, em nossa economia vemos a colonialidade nos mecanismos de economia dependente¹⁵.

Assim, a comunidade global do discurso capitalista neoliberal oculta a necessidade de submissão geopolítica de outros grupos humanos para a manutenção do Ocidente, enquanto categoria de hierarquias epistêmicas, espirituais, raciais/ étnicas e de gênero/ sexualidade. Então, descolonizar a modernidade do século XXI é um desafio que requer propor configurações conceituais que partam de uma perspectiva comprometida onto-epistemologicamente com o "Sul". (ESCOBAR, 2003, p. 40).

Por isso para descolonizar é preciso partir desde os oprimidos, reconhecendo as estruturas coloniais presentes no modelo de produção de vida do capital, que atuam no pensar e atuar dos seres. Um pensar próprio desde as terras de latino américa é necessário.

¹⁵ As raízes do subdesenvolvimento estavam na conexão entre a dependência econômica externa (dependência dos países periféricos dos do centro) e a exploração social interna (especialmente de classe), e não em uma alegada falta de capital, tecnologia ou de valores modernos. Para os teóricos da dependência, o problema não residia tanto no desenvolvimento, mas no capitalismo; em outras palavras, o desenvolvimento e a modernização seriam alcançados com a transformação das sociedades de capitalistas em socialistas. (ESCOBAR, 2003, p. 27).

3.3. COSMOVISÃO ANCESTRAL – UM PENSAMENTO DA TERRA.

Na valorização do conhecimento que vem do Sul, escutamos a voz dos oprimidos, da resistência, dos povos originários, quilombolas, sem-terra, camponeses, pessoas em situação de rua, religiosidades, espiritualidades alternativas, ou seja, todo o pensar que não é reconhecido como válido pela modernidade colonial que constantemente oculta, oprime e invisibiliza esses saberes.

Através da compreensão que existe uma hegemonia de saber que oprime o pensar diverso, se faz necessário uma busca a esses conhecimentos oprimidos, que sofrem um epistemicídio constante: a morte dos saberes diversos, que exprime a conjunção das distintas formas coloniais, alinhadas com o patriarcado e o capitalismo para reduzir a diversidade e criar uma massa de manobra e consumo.

Quando abrimos um debate sobre conhecimentos do sul estamos falando de muitas formas de conhecimento e concepção de mundo e realidade. A atual hegemonia de pensar incluso nos movimentos progressistas que, muitas vezes, não buscam questionar as origens eurocêntricas de seus saberes, não permite que possamos construir outras realidades, pois não conseguimos vislumbrar outros mundos

A riqueza em apreender com outros pensares, culturas, sociedades está em expandir a sua compreensão da realidade através do contato com a diversidade existente e isso inclui não apenas outras teias humanas, em muitas cosmovisões ancestrais, vemos o valor da contemplação da natureza e relação com outros seres vivos.

Dentre os saberes do sul, encontramos as cosmovisões ancestrais que são multiculturais, plurais, cheias de diversidades, mistério, história, povos, culturas. Vamos chamar de cosmovisões ancestrais essas que fazem parte do pensamento ameríndio, pensamentos originários, os chamados pensamentos andinos, amazônico, enfim, que partem de grupos não hegemônicos e integrados com uma concepção de natureza. Sendo formas de conhecimento alinhados com uma vivência, ou seja, um pensamento prático, que ressoa através das memórias antigas e contemporâneas dos povos da terra.

A partir da epistemologia que é o estudo dos conhecimentos, definimos o que é cosmovisão:

Um fato histórico de produção de pensamento social imerso em longa duração, fato complexo, integrado como conjunto estruturado e relativamente congruente por diversos sistemas ideológicos com os que uma entidade social, em um tempo histórico dado, pretende apreender o universo (AUSTIN, 1995, p.214, tradução nossa).

Ou seja, é todo um sistema de crenças que organiza a forma como determinados grupos vivenciam a realidade. A cosmovisão é considerada um ato coletivo, construído de maneira social através do tecido de pensamento compartilhado e construído ao longo do tempo. Um indivíduo cria cosmologia, mas apenas ao compartilhar, assimilar, difundir e integrar a um coletivo que se produz uma cosmovisão. A cosmovisão é uma coo criação de seres, “Nasce nos atos constantes, cotidianos, de quem nem sequer se imaginam criadores de cosmovisão” (AUSTIN, 1995, p.216).

Assim, uma visão do universo nasce no dia a dia, sendo construída pouco a pouco pela relação dos humanos com outros seres e interação com seu entorno; o conhecimento ancestral é passado de geração em geração, sendo como um organismo vivo transmitido coletivamente. Segundo (AUSTIN, 1995, p. 217) nas cosmovisões se observam elementos que são fundantes, resistentes a mudança. “Estes elementos constituem um complexo que podem receber o nome de núcleo duro. São os que permitem o reconhecimento histórico de uma forma característica de conceber o mundo através de milênios.” assim, se preservam culturas milenárias, por meio das cosmovisões que sustentam esse imaginário.

A cosmovisão de um povo molda sua estrutura social, sua forma de produção e reprodução da vida. Por exemplo, uma sociedade que tem como valor o acúmulo infinito de riquezas, aceita condutas morais e éticas de destruição de florestas biodiversas para enriquecer o capital; por outro lado uma sociedade que prioriza a harmonia natural, sabe que ao destruir a floresta se perde suas maiores riquezas. A grande questão é que hoje em dia com a globalização do sistema capitalista todos estão submetidos apenas a visão de mundo.

Pela cosmovisão ancestral de (MUNDURUKU,2009, p. 27):

Dizem os antigos que tudo é apenas um, tudo está em ligação com tudo, e que nada escapa à trama da vida. Segundo o conhecimento tradicional, cada coisa existente – seja ela uma pedra, uma árvore, um rio ou um ser humano – é possuidora de um espírito que anima e a mantém viva e nada escapa disso. Dizem ainda que é preciso reverenciar à Terra como grande mãe que nos alimenta e acolhe e que ninguém foge ao seu destino.

Daniel Munduruko (2009), faz um profundo estudo do conhecimento tradicional ameríndio e encontra similaridades de pensar entre muitos povos, sendo um núcleo duro a relação da natureza como uma grande mãe. A cosmovisão ancestral é ampla pois cada povo possui uma única ainda que dialoguem com outras epistememes.

Ao se resgatar um pouco do tratado acerca da história oral outro ponto conectado a esse é a memória:

As sociedades tradicionais são filhas da memória e a memória é a base do equilíbrio das tradições. A memória liga os fatos entre si e proporciona a compreensão do todo. Para compreender a sociedade tradicional indígena é preciso entender o papel da memória na organização da trama da vida. (MUNDURUKU 2009, p. 28).

A memória é história viva e presente no viver diário é herança coletiva para a preservação da cultura. Para muitos povos a cosmovisão ancestral é a voz da terra, ou seja, como a natureza desse grande organismo se comunica através dos povos para que a preservem e respeitem “Vão aprendendo que não devem mandar na natureza, mas conviver com ela, pedindo que lhe ensine toda sua sabedoria e que possam ser alimentados material e espiritualmente pela Grande Mãe.” (MUNDURUKU 2009, p. 29). Assim na cosmovisão ancestral que traduz Munduruku; a terra é viva e ensina sua sabedoria a quem buscar.

4. COSMOVISÃO ANCESTRAL MISAK

“A natureza é mãe e espírito da vida, os elementos do cosmos e o mundo são um conjunto, a diversidade biológica e não biológica integram a terra que no tempo e espaço sustentou as vidas, lhes entregou alimento, sabedoria, dignidade e identidade” (GUAMBIA, 2007, tradução nossa)¹⁶

O povo Misak tem sua cultura com base no ***Namui Usri***, que significa Nossa mãe Terra, é uma cosmovisão que está profundamente conectada com esse princípio manifesto em sua forma de ser, viver e atuar com a natureza.

Esta investigação está integrada com a pesquisa de história oral realizada por 9 meses com Mama Agostina, que me apresentou a cultura Misak. Durante 6 meses estudei a distância para chegar ao território Misak. Depois durante três meses pude realizar uma pesquisa de ação participativa no território Misak, onde pude investigar e compreender com mais profundidade essa cosmovisão.

Fotografia 1 - Povo Misak



Fonte: Fotografia própria (dezembro, 2020).

¹⁶ “La naturaleza es madre, y el espíritu de la vida, los elementos del cosmos y el mundo son un conjunto, la diversidad biótica y abiótica integran la tierra que en el tiempo y en el espacio sustentó las vidas de las gentes, les doto de alimento, sabiduría, dignidad e identidad” (GUAMBÍA, 2007).

Entre as aproximações com a cosmovisão Misak está a imersão profunda no território no qual permaneci, vivendo com a comunidade segundo sua organização, visitando espaços sagrados e compartilhando com os mais jovens e mais velhos.

Foi possível colaborar com a Associação Jardim Botânico Las Delicias, no resguardo de Guambia, território ancestral Misak *nuyapalø*, onde pude criar vínculos com os Misak, aprender a tecer, estar em torno do povo, praticar a agricultura ancestral e realizar oficinas de formação com base no intercâmbio de saberes e educação popular, mais adiante trago detalhes dessa experiência.

Neste capítulo 5 trato da cosmovisão Misak realizando com comparativo, com o estudo teórico nos capítulos 3 e 4, a bibliografia de textos Misak, a investigação de campo e as entrevistas buscando assim relacionar as informações de maneira qualitativa, criando um tecido de pensar crítico que promova uma compreensão da cosmovisão Misak frente a nossa sociedade capitalista moderna e colonial.

O capítulo 6 aprofunda todos os materiais bibliográficos, vamos a uma história de vida de uma mulher indígena Misak: mama Agustina e através dela seguir aprofundando partes centrais da cosmovisão Misak e colaborações que faz essa cultura para transformar a sociedade e irmos construindo um bem viver.

Tabela 2 - Espaços visitados na pesquisa etnográfica e pesquisa (IAP):

Sítios visitados:	Localização	Mês e ano
Casa de Mãe Agustina em Silvia	Silvia estado de Cauca	Outubro, novembro de 2021.
Payán-ya” ou “ <i>Casa payán</i> ”, território ancestral	Reserva de Guambia	Novembro de 2021.
Universidade Misak	Reserva de Guambia	Novembro, dezembro de 2021.
Jardin. Botânico las delicias	Reserva de Guambia	Novembro, dezembro de 2021.

Páramo Valle sagrado	Silvia estado de Cauca	Dezembro de 2021.
Páramo de Puracé	Piendamó estado de Cauca	Outubro de 2021.

Fonte: Elaboração própria (dezembro,2021).

Mapa 1 - Localização de Silvia no estado de Cauca



Fonte: Municipios de Cauca. Tierra Colombiana, 2016. Disponível em: https://tierracolombiana.org/municipios-de-cauca/img_20160909_100746/. Acesso em 01, janeiro de 2022.

Os Misak são um povo que preservam o encanto de sua tradição, gente de montanha, lagoa e páramo, habitam o sul do ocidente colombiano, na cordilheira andina central, seu território de origem é a reserva indígena de Guambia, segundo dados do censo DANE (Departamento Administrativo Nacional de Estadística) de 2005.

O território Misak tem extensão de 18.000 mil hectares dos quais 6.000 são terras para trabalho humano e 9 mil são compostas dos biomas de páramos, floresta

sub andina e andina com grandes montanhas e penhascos, que compõem um importante papel na vida Misak que consideram esses espaços de natureza como sagrados.

Dados do censo (DANE, 2005) Caracterização do povo Misak que são cerca de 21.085 pessoas autoconhecidas como pertencentes ao povo Gambiano, dos quais 50,4% são homens (10.620) e 49,6% são mulheres (10.465). O povo Misak se concentra em maior parte no estado de Cauca, onde habitam 91,3% da população (19.244 pessoas), seguindo pelo estado de Valle del Cauca com 3,5% (728 pessoas) e por Huila com 3,3 % (698 pessoas). Estes três departamentos concentram 98% da população desse povo.

Os Misak representam o 1,5% da população indígena de Colômbia. A população Misak que habita em zona urbanas corresponde a 1.840 pessoas, cifra inferior se comparado a média nacional da população indígena urbana que é de 21,43%, cerca de 298.499 pessoas. O que demonstra que os Misak nutrem processos que permitem que a gente permaneça no seu território de origem.

Fotografia 2 - Sítio sagrado água termal no páramo de Puracé.



Fonte: Fotografia própria (outubro,2021).

Desde essa imagem dos sítios sagrados podemos compreender um pouco mais cultura Misak, o meio que estão molda muito de seu pensar e atuar, nessa foto vemos a montanha ancestral de Mãe Manuela e a casa de pensamento tulambiya.

Para os Misak o território é parte fundamental da sua cosmovisão, assim os sítios sagrados integram para eles esses espaços vitais, que forma a missão original do território.

“Por tal concepção, na memória ancestral MISAK é a kauka que significa mãe das florestas e dos espíritos das águas. Por isso, princípios e fundamentos de origem somos piurek (filhos da água), semeadores de águas (água-mulher, água-homem), onde as nossas práticas e vivências de toda esta concepção de origem maior, só se realizam no sagrado sites que estão em diferentes pisos térmicos, como os pântanos ou clima frio, áreas de clima quente como Køllinshago que hoje se diz em espanhol Santander de Quilishao, que significa espaço dos idosos ou sábios e outras áreas de climas intermediários, que são espaços rituais, provedores de biodiversidade, materiais e / ou alimentos para fins espirituais e físicos, por isso é diferente do resguardo” (GUAMBIA, 2009, p. 38, tradução nossa).¹⁷

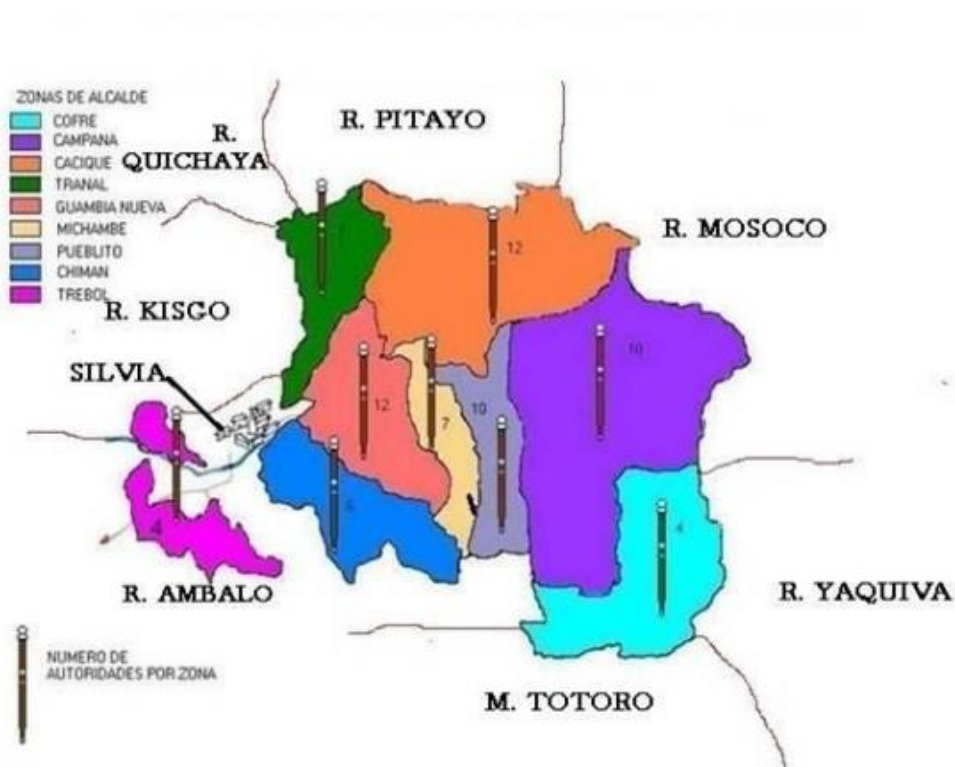
Assim a memória ancestral do estado de Cauca, é recuperada pelos povos originários, que compreendem a importância de preservar essa biodiversidade e possuem conceitos que vem a natureza como o feminino “mãe das florestas e dos espíritos das águas” e constroem sua identidade desde esse território como se nomeiam “filhos da água”.

Cada bioma reflete um tipo de ritual como o caso dos climas mais quentes de *Køllinshago* que é um espaço onde se conectam com seus velhos sábios, que tem um papel central na cultura Misak que valoriza o saber antigo. Por isso o território Misak inclui os sítios sagrados mesmo que não sejam parte das reservas conquistadas de forma oficial perante o estado Colombiano.

¹⁷ “Por tal concepción, en la memoria ancestral MISAK está el kauka que significa madre de los bosques y de los espíritus de las aguas. Por esta razón, principios y fundamentos de origen somos piurek (hijos del agua), sembradores de aguas (agua-mujer, agua-hombre), donde nuestras prácticas y vivencias de toda esta concepción de origen mayor, solo se realiza en los sitios sagrados que están en diferentes pisos térmicos como son los páramos o clima frío, áreas de clima caliente como son kurakshak, Køllinshago que hoy le dicen en castellano Santander de Quilishao, que significa espacio de los mayores o sabios y otras áreas de climas intermedios, que son espacios de ritualidad, proveedores de biodiversidad, materiales y/o alimentos para fines espirituales y físicos, por eso es diferente a resguardo.” (GUAMBIA, 2009, p. 38).

Na obra Espaço sagrado e território: lógicas do “ordenamento” territorial indígena de Jair Zapata Torres podemos observar que a lógica de ocupação dos indígenas entra em conflito com a ideias de propriedade privada da sociedade capitalista como debatido no capítulo 3 Para (ZAPATA, 2010, p. 68) “A partir de dois locais sagrados que se sustenta as dinâmicas socioculturais do grupo que os habita”.

Mapa 2 - Divisão Política da reserva de Guambia:



Fonte: (GUAMBIA, 2008).

Esse é o mapa da divisão política da reserva de Guambia, é algo muito importante para compreender como estão organizados os Misak e parte dos povos indígenas de colômbia, que possuem autonomia dentro de seus territórios segundo as leis do Estado Colombiano. Segundo a informação sobre Direitos Humanos e Liberdades Fundamentais das Populações Indígenas apresentada pelo Governo de Colômbia¹⁸. As

¹⁸ Colombia, Información sobre Derechos Humanos y Libertades Fundamentales de las Poblaciones Indígenas presentada por el Gobierno (publicada en UN. E/CN.4/ Sub.2/AC.4/1991/4). Colombia, Consejería Presidencial para los Derechos Humanos. "Derechos Humanos, Reflexión y Acción 3", Bogotá, septiembre 1991.

organizações indígenas estão embasadas em três níveis: ONIC a nível nacional, os concelhos regionais e os cabildos a nível de territórios.

A ONIC (Organização Nacional Indígena de Colômbia) é a federação de conselhos regionais, a unificação dos povos de colômbia através de uma organização nacional; os concelhos regionais são organizações onde as comunidades indígenas atuam legalmente como coletivos e se relacionam com outras organizações indígenas dentro os de maior peso político podemos destacar o CRIC (Concelho Regional Indígena de Cauca) em Cauca no estado onde estão os Misak.

Dentro de esses conselhos encontramos os cabildos – que são os conselhos em escala das reservas mais próximos das comunidades locais e as estruturas tradicionais, as conhecidas como leis de origem que organizam os territórios dos povos originários. Os cabildos que são os conselhos mais próximos dos povos, com uma estrutura popular representativa, que ainda mantem estruturas mais horizontais como a tomada coletiva de decisões.

Pela lei 89 de (COLOMBIA,1890) os cabildos foram reconhecidos oficialmente como um auto governo e autonomia administrativa indígena no sistema político e legal do estado colombiano, pela lei, eles possuem poder interno administrativo executivo e policial dentro da reserva, mas o que ocorrer é uma que se torna frente a outras autoridades do estado apenas uma autoridade moral,

Nessa pesquisa analisamos alguns dos documentos escritos pelo cabildo de Guambia: Plano de sobrevivência e crescimento Misak *Mananasrøkurri Mananasrønkatik Misak Waramik* (GUAMBIA, 2008); Projeto Educacional Guambiano. Ministério da Educação Nacional (GUAMBIA, 2018). Esses documentos elaborados de maneira coletiva pela comunidade Misak incluindo profissionais de cada área e também os sabedores tradicionais.

Através dos documentos produzidas pelo cabildo vemos a importância dessas organizações que atuam em um nível teórico e prático nas comunidades:

Nossa família e comunidade (*nam*) são projetadas através da organização política e social do Cabildo; nossa casa dá vida ao território comum (*mayelei nupirau*); Nossa vestimenta, música, costumes e costumes tornam-se cultura, enquanto nossa linguagem e pensamento (*nakchak*) na política e nossa minga (*alík*) impulsionam todos os empregos, inclusive a economia familiar, a economia solidária e a reciprocidade que buscamos. (GUAMBIA, 2008, p. 21, tradução nossa).¹⁹

Ou seja a política Misak está firmada em uma série de conceitos próprios que vamos aprofundar no correr dos próximos capítulos, aqui vemos que a organização deles ainda mantém uma conexão com sua cultura ancestral; como o fato de realizarem a minga-*alík* que é o trabalho em coletivo em grandes grupos sem a presença de intercambio monetário capitalista; o pensamento em torno do fogo em forma figurativa e literal para referir-se a escutar as palavras dos mais velhos no *nakchak*; além da compreensão de seu território como o grande *nupirau* o qual evidencia um compromisso social de cuidar não apenas do individual núcleo familiar, na cultura Misak o individual é transcendido por uma compreensão coletiva do território como núcleo comunitário para o bem viver.

4.1. O BEM VIVER MISAK

O bem viver Misak está presente no Plano de sobrevivência e crescimento Misak *Mananasrøkurri Mananasrønkatik Misak Waramik* (GUAMBIA, 2008), onde podemos observar como se organiza o povo desde sua cosmovisão. Sendo gente da água, muito de sua forma de viver está relacionada com o sentido que eles dão ao elemento, e seus sítios sagrados que são os paramos, montanhas e vales.

Mayele "a unidade de todos, a própria unidade da vida do território." A primeira é a "Comunidade dos seres do território", formada por aqueles que dão sentido à origem e à vida, tais como: os Pishimisak e Kallim, entre outros;

¹⁹ Nuestra familia y comunidad (*nam*), se proyectan a través de la organización política y social del Cabildo; nuestra vivienda da vida al territorio común (*mayelei nupirau*); nuestro vestido, música, usos y costumbres se convierten en cultura, mientras nuestra lengua y forma de pensar (*nakchak*) en política y nuestra minga (*alík*) impulsa todos los trabajos, entre ellos la economía familiar, la economía solidaria y la reciprocidad que buscamos (GUAMBIA, 2008, p. 21).

a segunda é a "Comunidade do povo", que estabelece as casas, estradas, lavouras, terras de trabalho e o povo Guambiano e por último a "Comunidade do território", que é em si toda a vida física que possui, como lagoas, rios, tatus, ursos, montanhas, entre outros (CALDERÓN, 2018)²⁰.

Podemos definir e orientar segundo a bibliografia Misak bem viver por *Mayele* que é a unidade de todos os seres, a vida em comunidade, desde o nível dos seres sagrados como o *pishimisak*, o povo e seu modo de produção e reprodução da vida e os animais e outros seres incluindo assim toda a natureza que para eles tudo está vivo e faz parte da unidade *Mayele*.

Para compreender essa forma de viver é importante partir do território que sofreu suas maiores alterações desde que chegou à invasão e desde então a cultura Misak vive em resistência recriando sua cultura frente ao mundo ocidental. Antes da invasão colonizadora do território Misak havia uma diferente dinâmicas:

Quando chegou o conquistador Sebastián de Belalcázar, no ano de 1536, nas atuais terras do estado de Cauca, encontrou com diferentes nações originarias, organizadas por caciques e ocupando seus próprios territórios, associados entorno da confederação Pudén, governados pelos caciques Calambas y Payán. Os Misak tinham seu próprio cacique, ocupando um vasto território, nas regiões "Xambaló, Ambaló, Noambo, Sesquita, Guamza, Malvazá y Polindara" (GUAMBIA, 2008, p. 65).²¹

Ou seja, antes dos espanhóis invadirem esse território, havia uma sociedade de diversidade e organizada através de caciques. Atualmente os nomes desses sítios sofreram diversas modificações, mas encontramos gente Misak nos seguintes municípios: de Cauca, Silvia, Piendamó, Morales, Cajibío, Jambaló y Caldono. Uma das grandes lutas do povo Misak é pela ampliação de demarcação das terras originarias, atualmente os Misak são 22.000 mil habitantes, segundo o projeto de

²⁰ O *Mayele* «la unidad de todos, la unidad en sí de la vida del territorio». La primera es la «Comunidad de los seres del territorio», conformada por aquellos que le dan sentido al origen y la vida, como lo son: el *Pishimisak* y *Kallim*, entre otros; la segunda es la «Comunidad de la gente», que asienta las casas, los caminos, los cultivos, las tierras de trabajo y la gente Guambiana y finalmente la «Comunidad del territorio», que es en sí, toda la vida física que tiene la naturaleza como son las lagunas, los ríos, los armadillos, los osos de anteojos, las montañas, entre otros (CALDERÓN, 2018, p.28).

²¹ Cuando llegó el conquistador Sebastián de Belalcázar, en el año 1536 a las actuales tierras del Cauca, encontró diferentes naciones indígenas, organizadas en cacicazgos y ocupando sus propios territorios, asociadas entorno a la confederación Pubén, gobernados por los caciques Calambás y Payán. Los Misak tenían su propio cacicazgo ocupando un vasto territorio; según Carlos Armando Rodríguez, en *Los Indígenas del valle del Cauca en el siglo XVI, con las regiones de "Xambaló, Ambaló, Noambo, Sesquita, Guamza, Malvazá y Polindara"* (Guambia, 2008, p.65).

educação Misak (GUAMBIA, 2018) esses territórios compõem o *Nupirau* - Grande Território no idioma *Namui Wam* ou *Nam Trik*.

Os Misak preservam seu idioma originário o *Namui Wam* e desde a preservação de sua língua, mantem a cosmovisão de sua cultura viva, através de suas práticas ancestrais como exemplo, o tecido, a agricultura, a minga²² a espiritualidade com os sítios sagrados, enfim uma serie de chamadas leis de origem que ordenam o viver e atuar Misak.

Segundo o Projeto Educativo Guambiano (GUAMBIA, 2018, p.6) a vida social e cultural do povo Misak está construída em torno de quatro aspectos: Língua originaria, Território, Costumes e Autoridade:

- Língua originaria: a língua originaria coexiste com o pensamento ancestral, o qual e desenvolve o tecido da cosmovisão e espiritualidade gambiana, sendo esses saberes transmitidos através da tradição oral por meio dos ancestrais.
- Território: é o espaço onde encontramos a harmonia do ser com a natureza, representada através dos paramos, lagos, o arco íris, as montanhas, astros e espíritos, que são harmonizados pelos *Pishimarepik* - médicos tradicionais.
- Costumes: é o constante viver em relação com a natureza que se manifesta através da minga, dança, vestimentas, musica, crenças e medicina que através da pratica cotidiana criam a cultura.
- A autoridade: Nasce na família, em torno ao fogo, como um pilar da comunidade através dos taitas (pais) e mamas (mães) que são eleitos através de assembleias ou reconhecidos pelo cabildo (governança indígena) que são os responsáveis por preservar o bem viver da comunidade.

Para os Misak o pensamento ancestral repassado por seus avos e avos é a origem da sociedade, que se consolida através da experiencia e os sábios conselhos

²² Minga é o trabalho comunitário falaremos mais no capitulo 4

emitidos de geração em geração, como um grande tecido que ocorre em torno do fogo.

Fotografia 3 - Conversa com Mãe Agustina em torno do fogo em Tulambiya.



Fonte: Acervo de fotos Jardim Botânico las Delicias (novembro, 2021)

O fogo para cosmovisão Misak compre um papel fundamental na construção do pensamento próprio, educação e vida Misak. Os círculos de palavra e a educação base do povo vem em torno de uma fogueira, que simboliza unidade, força e autoridade.

A Nam Trik é um produto da conversa que se tece desde o Nak Kuk – fogão – e integra todos os seres da natureza “a gente” e o território no mesmo e multidimensional espaço e tempo, assim, o conhecimento é produzido em torno do elemento do fogo, que é para eles um portal que traz vida as três dimensões da existência, mundo dos vivos, dos mortos e outro mundo. (GUAMBIA, 2008, p.51).

Assim como exemplo da Imagem 6, o fogo é central para a construção da cosmovisão Misak, no fogo estão presentes todos os seres da natureza e a um espaço onde eles compartilham o conhecimento de geração para geração. Na experiencia de pesquisa vivida na Associação Jardim Botânico Las Delicias (AJBD) frequentávamos

com frequência um espaço chamado em *Tulambiya* que em idioma Misak significa casa de pensamento ancestral.

Em *tulambiya* existe um fogo sagrado, no centro da construção, em torno desse fogo estão os quatro elementos: terra, fogo, água e ar e em cima do fogo existe uma oferenda de milho crioulo, sempre que estamos sentados em torno dessa foto se realizavam oferendas de folhas de coca, tabaco y chirrinche²³ que são plantas importantes para a comunidade Misak. Os mais velhos contam que essas oferendas são para harmonizar e reconhecer todos os seres presentes do grande território.

Outro símbolo importante para compreensão do pensamento Misak é o espiral, através dele podemos compreender que nessa cosmovisão o tempo não ocorre de forma linear e sim em forma de um espiral. Elementos do espiral são encontrados, nas roupas, mochilas, tecidos, chapéus, na construção das casas, organização de hortas e altares.

Fotografia 4 - Espiral na casa de pensamento Tulambiya na AJBD



Fonte: Fotografia própria (novembro, 2021).

²³Chirrinche é uma bebida tradicional destilada de cana de açúcar com plantas medicinais.

Segundo o arquiteto Misak:

Se vemos a forma de um caracol que se amplia em dois vértices ou pontos de articulação, termina sendo a mesma forma no plano ou em dois dimensões, a parte do meio entre os dois vértices é o tempo-espaco onde está o infinito em *N amui Wai: Munasrø*, o qual se expande em um vértice e se contrai no segundo²⁴. (CALDERÓN, 2018 p. 33).

No pensamento Guambiano, diferindo da concepção ocidental, o passado está em frente – se diz *Metrap*; o que já foi vivido é a experiência e se utiliza a palavra *wento*, porque é o que será no tempo da cotidianidade. Com essa descrição do espiral podemos chegar mais próximos de compreender esse pensar, ainda que para se tornar um conhecimento é preciso integrar e estar presente na forma de vida, como fazem os Misak.

No pensamento Guambiano, ao contrário do que acontece na concepção ocidental, o passado está à frente, diz-se: *Metrap*, o que eles já viveram na experiência é usado *wentø*, porque é o que será no tempo e tudo o que há para fazer na vida cotidiana, nas mingas, foi se desenrolando por trás no curso do tempo e do espaço. Esses termos representam espaços que são múltiplas atividades que ocorrem no território e entre os mais velhos; ou seja, os anteriores já passaram e deixaram suas memórias para que os Misak que voltarem possam entender que o tempo dos mais velhos não acabou e está em constante movimento como as estrelas do universo. (GUAMBIA, 2005, p.10, tradução nossa)²⁵

Ou seja, o passado e futuro coexistem no presente nas atividades cotidianas e tradicionais, o pensamento Misak cria uma cultura de valorização dos saberes ancestrais pois sabem que esses contem a memória do tempo-espaco, através da palavra de vida dos ancestrais que seguem vivos entre a comunidade por meio as sabedorias que guiam as formas de vida.

²⁴ Si vemos la forma del caracol que se desglosa en dos vértices o puntos de articulación, termina siendo la misma forma en plano o en dos dimensiones; la parte media entre los dos vértices es el tiempo - espacio donde está el infinito o *Munasrø* el cual se expande de un vértice y se contrae en el segundo” (CALDERÓN 2018, p. 33).

²⁵ En el pensamiento Guambiano, al contrario de lo que ocurre en la concepción occidental, el pasado está adelante se dice –*metrap*, lo que ya vivieron en la experiencia y se usa *wentø*, porque es lo que será en el tiempo y todo lo que está por hacer en la cotidianidad, en la vida, en las mingas viene enrollándose de atrás en el transcurso del tiempo y del espacio. Estos términos plantean espacios que son actividades múltiples que ocurren en el territorio y entre los mayores; es decir, los anteriores ya pasaron y dejaron sus memorias para que los Misak que vienen atrás puedan comprender que el tiempo de los mayores no ha terminado y está en constante movimiento como los astros del universo. (GUAMBIA, 2005)

O povo Misak se descreve como filhos da água e do arco íris, um povo de água e montanha, e grande parte de sua cosmovisão está em torno dessa concepção que é alimentada pelo território.

O *Køsrømpøtø* e o aroiris, é a mesma água [...] não fica parado no mesmo lugar: está vivo e anda, e quando anda, está arredondando. É por isso que se diz que é *pøtø*, uma roda fechada. Quando vai cair o aguaceiro, *Køsrømpøtø* desce e é arredondada como os caminhos do sol e da lua” (DAGUA. & VASCO, 1998, p. 26, tradução nossa).²⁶

Os Misak relacionam o arco íris com o espiral, e a água com o arco íris, de essa forma, todos os elementos estão interconectados como um espiral. Além disso, a concepção Misak está em torno da dualidade no pensamento Misak: *pa* significa 2, é o par, a relação existente entre tempo e espaço (MUELAS 2018, p. 24, tradução nossa)²⁷. Todos os seres estão sob os princípios de dois “Todos os seres vivos na natureza, plantas, animais, humanos, sempre estão em duas partes para que exista o *pishi*, que é a frescura e tranquilidade (MUELAS 2018, p. 28)²⁸” O *pishi* é o estado resultado do encontro da dualidade, que produz a harmonia.

Durante um círculo de palavra realizado na oficina sobre agroecologia e agricultura ancestral Misak no dia 26 de 2021 um companheiro da família Calambas do povo Misak, compartilhou sua experiência com a horta e o símbolo do espiral CALAMBAS, Freddy (dezembro. 2021, tradução nossa):

Aqui foi feito um ritual para as sementes no centro do umbigo da espiral, oferendamos os remédios, o chirrinche, a folha de coca, as plantas mestras, para que as sementes tivessem mais força para nascer, harmonizando assim o espaço. Estamos nesse processo de descobrir o comportamento de cada planta. Semear em espiral é lembrar como nascemos, somos como as sementes, começamos a brotar, a crescer, dá a primeira flor à semente e ela morre, é uma representação do caminho da vida. Deixe as sementes e volte

²⁶ “*Køsrømpøtø* es el aroiris, es la misma agua [...] No se queda quieto en un solo lugar: es vivo y camina, y al caminar, va redondeando. Por eso se dice que es *pøtø*, una rueda cerrada. Cuando va a venir aguacero, *Køsrømpøtø* está hacia abajo y se redondea como lo hacen los caminos del sol y de la luna...” DAGUA. & VASCO (1998, p. 26).

²⁷ “En el pensamiento Misak, *pa*, ‘2’, es el par, la relación existente entre espacio y tiempo” (MUELAS 2018, p. 24).

²⁸ “Todos los seres vivientes de la naturaleza, plantas, animales, humanos; siempre deben estar las dos partes inseparables para que exista el *pishi*, que es la frescura y la tranquilidad” (MUELAS 2018, 28).

ao solo, sempre pensando neste princípio da espiral de aprender, crescer, compartilhar”²⁹

Nesse relato vemos uma série de elementos já nomeados, como a profunda relação dos Misak com a natureza refletida nessa concepção do espiral e a valorização e apropriação do saber próprio. Fica claro a importância que eles dão as sementes e chegada nos novos ciclos que são acompanhadas de oferendas, com plantas que representam o território e a cultura Misak como é o caso da folha de coca. Nomeiam também o processo de conhecer cada planta, sendo uma cultura que busca aprender de seu forno no ciclo de espiral crescer e compartilhar.

Outro companheiro presente na oficina relatou as motivações do espiral presente em tantos elementos CALAMBAS, Willmer (dezembro. 2021, tradução nossa):

“Ouvi alguns mais velhos que cada planta que está aqui tem uma energia e essa energia é como nós, semeamos em espirais e temos as nossas casas em círculos, assim as energias circulam em harmonia, vai dar bons frutos, vai gosto bom. Nas partes planas quando os canteiros são retos a água vem e carrega tudo e quando é em espiral a água é armazenada e o ciclo de vida continua a circular melhor.”³⁰

Assim a agricultura Misak integra toda a cosmovisão que possui também um sentido prático que justifica o plantio em espiral que armazena mais água e também as casas feitas em forma circular

Na Fotografia 5, posta na página seguinte, revela a horta em espiral onde encontramos, pés de milho, quinoa, amaranto, ervilhas, batata, couve, tubérculos nativos e ervas medicinais como a menta e hortelã, todas essas plantas plantadas de forma conjunta, no momento da foto os canteiros tinham sido recém tratados pois foi

²⁹ “Aquí se hizo un ritual de siembra de las semillas en el centro del ombligo de la espiral si sembró las medicinas el chirinche, hoja de coca las plantas maestras, para que las semillas tengan más fuerza para nacer, así se hace la armonización del espacio. Estamos en este proceso de descubrir el comportamiento de cada planta. Sembrar en espiral es recordar como nacemos, somos como las semillas empezamos brotando, a crecer, da la primera flor a la semilla y se muere, esta es una representación del camino de la vida. Deja las semillas y otra vez volver a la tierra, pensando siempre en este principio de la espiral de aprender, crecer, compartir CALAMBAS, Freddy (dezembro. 2021).

³⁰ “He escuchado de algunos mayores que cada planta que está aquí tiene una energía y esa energía es así como nosotros, sembramos en espiral y tenemos nuestras casas en círculos, de esa manera las energías circulan en armonía, va traer buenos frutos, va tener buen sabor. En las partes planas cuando los surcos son derechos el agua viene y lleva todo y cuando es espiral el agua se almacena y sigue circulando mejor el ciclo de la vida. CALAMBAS, Tal (dezembro. 2021).

feito uma colheita de hortaliças que tem um ciclo mais curto de que as plantas que vemos na imagem 8. Quando estávamos em torno dessa horta – *yatul* em Nam Trik CALAMBAS, Freddy (dezembro. 2021) compartilhou esse pensamento:

O ciclo de vida de Misak corre mais sentido, das casas circulares às plantações, onde tudo em nosso território se reflete em nossa cultura, por exemplo, a espiral está relacionada em nosso chapéu ao *tampalkuari* que representa o ciclo de vida, morte, a nossa vida como seres humanos e o jardim representam o ciclo de todos os seres que aqui vivem”³¹

Fotografia 5 – horta - *yatul* em espiral na AJBD



Fonte: Fotografia própria (dezembro, 2021).

Toda a vida Misak se organiza através do princípio de espiral, no caso da Associação Jardim Botânico Las delicias, vemos isso presente nas hortas, casas, pinturas, vestimentas e formas de compartilhar a vida diária.

³¹ El ciclo de la vida Misak va corriendo más sentido, desde las casas circulares hasta los cultivos, donde todo en nuestro territorio está reflejado en nuestra cultura, como ejemplo, el espiral está relacionado en nuestro sombrero el *tampalkuari* que represente el ciclo de la vida, muerte, vida de nosotros como seres humanos y en la huerta representa el ciclo de todos los seres que viven aquí” CALAMBAS, Tal (dezembro. 2021).

Fotografia 6 - Chapéu ancestral *tampalkuari*



Fonte: Fotografia própria (dezembro, 2021).

Nessa imagem podemos ver o chapéu tradicional Misak, fruto da recuperação da cultura ancestral pois este é um chapéu que os tradicional Misak e representa sua cosmovisão da vida em espiral: no chapéu podemos ver seus 3 níveis que representam os três mundos, as cores azuis e rosa que representam a água e o arco íris e o tecido feito de matéria vegetal em forma de espiral. Na imagem 10 vemos a casa de pensamento da AJBD que também é construída de forma circular com os três níveis que se observa no chapéu, sendo essa uma construção que representa a reparação da ancestralidade e saber próprio Misak.

Fotografia 7 - *Tulambiya* casa de pensamento ancestral



Fonte: Fotografia própria (dezembro 2021).

Outro aspecto do bem viver Misak é a minga e o trueque, que podemos traduzir em mutirão e troca, que são formas antigas de produzir e reproduzir a vida em forma comunitária e harmônica com a terra e os seres vivos.

O “trueque” intercambio em português para o povo da água é: “Em outras palavras, a subsistência ou sobrevivência do homem e a mulher guambianos, que estão no dar para receber” (GUAMBIA, 2018, p 30).³², através desses princípios de origem eles recuperam uma forma antiga de intercâmbio econômico que não inclui dinheiro, mas um troca entre um produto por outro, conforme a necessidade.

Segundo Mãe Agostina a troca é a forma que viviam antigamente:

O trueque é algo antigo que a gente vem fazendo, muito antes nossos avós viviam disso, viajando de um lugar para outro, tirando coisas daqui e trazendo coisas de lá. Os avós dizem que com os Nasa trocavam batata por milho e não se entendiam na língua, mas mesmo assim trocavam.” TUMIÑA, Agostina (outubro, 2021)³³

Aqui vemos presente também o elemento não só entre os próprios Misak, mas também com outras comunidades originárias, nesse caso os Nasa que também são do estado de Cauca, mas de um clima mais quente. A troca além de suprir as necessidades materiais do povo também cria um intercâmbio cultural. É interessante pensar que o valor da troca na cosmovisão ancestral está além de um valor de mercado sendo algo que rompe os princípios da economia capitalista:

“Tinha um maluco que trocava carne por ovo. E assim vivíamos de barganha porque tínhamos muita cebola, batata, galinha, ovo e trocávamos com quem vinha aqui pelas coisas que não tínhamos. Por galinha trocava por panela grande, entre os vizinhos, o povoado e outros povoados” TUMIÑA, Agostina (outubro, 2021).

³² En otras palabras, la subsistencia o pervivencia del hombre y mujer guambiana, están en dar para recibir (GUAMBIA, 2018, p 30).

³³ El trueque es algo milenario que veníamos haciendo, mucho antes los abuelos vivían de esto, viajando de un lado para otro, llevando cosas de aquí y trayendo cosas de allá. Cuentan los abuelos, que con los Nasa cambiaban las papas por maíz y no se entendían en idioma, pero mismo así realizaban el trueque. TUMIÑA, Agostina (outubro, 2021).

Nessa fala de mãe Agostina vemos por exemplo que alguém troca um pedaço de carne por um de ovos, pois tem bastante carne mais não tem ovos e assim por diante a economia vai circulando e todos podem suprir suas necessidades.

O Bem Viver, enquanto alternativa ao desenvolvimento, exige outra economia. Uma economia sustentada naqueles princípios fundacionais desta proposta pós-desenvolvimentista, entre os que destacamos a solidariedade e a sustentabilidade, além da reciprocidade, a complementariedade, a responsabilidade, a integralidade (todos os seres vivos somos necessários ao planeta), a suficiência (e, de alguma maneira, também a eficiência), a diversidade cultural e a identidade, as equidades e, claro, a democracia. (ACOSTA, A.; MARTÍNEZ, 2009, p.128, tradução nossa).

Os Misak através de sua cosmovisão ancestral vão contribuindo para uma outra lógica econômica e outro exemplo dessa outra economia é a minga ou mutirão como podemos dizer em português, que é uma forma de trabalho coletivo onde se troca trabalho por trabalho através das necessidades comunitárias, ou seja, precisamos construir uma escola do povo, todos vão trabalhar para isso e não receberão um pagamento em moedas do sistema econômico capitalista, o pagamento por esse trabalho é a própria escola que será um bem para todos.

O *alík*, a minga, faz parte da estrutura do pensamento e é a instituição mais antiga do Misak; como instituição de trabalho material, de solidariedade, de reciprocidade e de produção de pensamento. Para os idosos é como uma festa, como a chegada do *kasrak lynch*, o momento de ser feliz e caminhar juntos, de trabalhar juntos e para todos, *mayelei*. Nele existe unidade, solidariedade e reciprocidade. As mingas são espaços de participação social em todos os aspectos da nossa vida, no plantio e colheita de produtos agrícolas, na construção de casas, no casamento. (GUAMBIA, 2008, p.77)³⁴

Assim trabalhando em comunidade, todos caminham juntos e vão fortalecendo sua cultura, criando uma sociedade com mais igualdade onde o interesse não está no acúmulo individual e, mas sim na construção coletiva de reciprocidade e solidariedade, onde todos não parte de um só ser, o *Mayelei*. Na minga se realiza o trabalho, uma socialização entre os presentes, onde também se abre espaço para o

³⁴ El *alík*, la minga, hace parte de la estructura del pensamiento y es la institución más antigua de los Misak; como institución de trabajo material, de solidaridad, de reciprocidad y de producir pensamiento. Para los mayores es como una fiesta, como la llegada de *kasrak lincha*, el tiempo de estar alegres y andar juntos, de trabajar entre todos y para todos, *mayelei*. En ella se da la unidad, la solidaridad y la reciprocidad. Las mingas son espacios de participación social en todos los aspectos de nuestra vida, en la siembra y en la cosecha de productos agrícolas, en la construcción de viviendas, en el matrimonio, en p77.

trueque, o compartilhar de alimentos e o fortalecer das relações comunitárias; a minga é um espaço político para descolonizar a forma de reprodução da vida.

A Minka ou minga “É uma instituição de ajuda recíproca no âmbito comunitário. Assegura o trabalho destinado ao bem comum da população.” (ACOSTA, A. MARTÍNEZ, 2009, p.186, tradução nossa). Sendo assim uma forma de economia ancestral dos povos originários, um mecanismo de resistência “Portanto, é um mecanismo de trabalho coletivo que permite superar e enfrentar o esquecimento e a exclusão dessas populações pelo sistema colonial e republicano.” (ACOSTA, A. MARTÍNEZ, 2009, p.186, tradução nossa). A minga é o levantar da cosmovisão dos povos originários que seguem resistindo através de sua força comunitária.

Mama Agostina nos conta sua experiência com a minga realizada em seu trabalho na escola da comunidade Misak:

As crianças já sabem o que é a minga porque com os pais já fazem, principalmente para semear, consertar a terra. A minga é importante para tudo, quando morre alguém, para construir uma casa, consertar a ponte da estrada, tudo é minga. Tem gente que fala troca de mão, a gente fala minga” TUMIÑA, Agostina (outubro, 2021)³⁵

A cosmovisão Misak se levanta através de uma construção coletiva onde tudo é minga, tudo vem desse dar a mão para receber a mão, uma reciprocidade que a sociedade atual precisa aprender. Conforme relata mãe Agostina isso está presente na educação desde quando são crianças.

A descrição de uma minga Misak:

Vem homens e mulheres e cada um traz seu embrulho, uns trazem suas toras, lenha, milho, ullucos, batata, arroz, feijão, outros vêm com panelas grandes. Na cozinha há sempre mulheres experientes que sabem preparar muita comida. As crianças convivem com isso e desde muito novas aprendem sobre a minga, então entre as mesmas crianças fazem mingas” TUMIÑA, Agostina (outubro, 2021).

³⁵ “Los niños ya saben que es la minga pues con sus papas ya lo hacen, sobre todo para sembrar, arreglar la tierra. La minga es importante para todo, para cuando alguien muere, construir casa, arreglo de carretera de puente, todo es minga. Algunos dicen cambio de mano mostros decimos minga” TUMIÑA, Agostina (outubro, 2021).

Assim, parte da minga está nesse encontro da comunidade, jovens, adultos, crianças, mulheres, homens e cada um contribui com o que tem para a construção de um alimento coletivo que alimenta todo o trabalho realizado.

4.2. CORPO-TERRA MISAK E LEI DE ORIGEM

Como muitos povos originários a luta por sua terra é presente até os dias de hoje, a frase: “recuperar a terra para recuperar o todo” vem sendo encaminhada pelo povo Misak:

Nossas lutas de ontem e de hoje são para guardar a terra. Mas também para governar nosso próprio povo e preservar nossos costumes (...) também nos ensinam que a luta é grande. Que começo séculos atas e não se termina. Que as derrotas não acabaram com a paciência do índio que segue lutando (CRIC 1971, p.16, tradução nossa).³⁶

De acordo com Felipe Fonseca, diretor da Unidade de Planejamento Rural Agrícola da Colômbia (UPRA), 82% das terras então sob propriedade de 10% dos proprietários, ou seja, cifra alta que só é superada pelos índices de Uruguay (0,93) y Chile (0,91) (OXFAM, 2016). Na realidade, existe uma grande desigualdade na distribuição e acesso a terras, que acompanha a situação de terras de toda Abya Yala, cujo índice de Gini da américa latina (OXFAM, 2016) é de 0,79; comparando com outros espaços também desiguais como (Europa 0,57; África 0,56; Asia 0,55). Por meio desses índices vemos que uma das lutas centrais dos povos latinos interessados em uma sociedade menos desigual deve partir da luta pela terra, como fazem os povos originários.

O CRIC – Conselho regional dos povos indígenas de Cauca, vem fomentando e ajudando a organizar essa resistência em torno da recuperação e salvaguarda da terra e das tradições originarias. A política realizada por esses vem integrada com os pensamentos de origens, a cosmovisão dos povos ordena a resistência.

³⁶ Nuestras luchas de ayer y de hoy han sido por guardar la tierra. Pero también para gobernar nosotros mismos y echar adelante nuestras costumbres [...] también nos enseñan que la lucha es larga. Que comenzó hace siglos y no se termina. Que las derrotas no han acabado con la paciencia del indio, que sigue luchando (CRIC 1971, 16).

Ao mesmo tempo que se recupera as terras de origem se planeja a necessidade de ter sistemas de educação, justiça, desenvolvimento econômico e de governo interno. Além de avançar na recuperação dos patrimônios culturais que já estavam em via de extinção, como o vestido, a música, a língua e outras manifestações. E até comermos a cantar como nunca havíamos feito por muitos anos (...) foi todo um renascimento sob uma proposta geral e única: “A recuperar a terra para recuperar todo: Autoridade, governo e justiça (MISAK, 2014, p. 31, tradução nossa)³⁷

Para os Misak, toda ordem vem sendo construída em torno do território, buscando a partir de seus próprios conhecimentos ancestrais criar suas formas de educação, justiça, desenvolvimento, realizando concomitante a isso uma recuperação e fortalecimento da cosmovisão através da valorização e prática de suas vestimentas, músicas, idioma e outras manifestações culturais que são oprimidas pela cultura dominante da sociedade capitalista.

O direito à terra para os gambianos é um direito originário pois:

Nós, Guambianos, sempre existimos nestas terras da América e por isso temos direitos. Nossos direitos nascem daqui, da terra e da comunidade ... Por Direito Maior; pelo direito de ser o primeiro; por direito de serem americanos autênticos. Desta grande verdade nascem todos os nossos direitos, todas as nossas forças” (GUAMBIA, 2008, p. 11, tradução nossa).³⁸

O direito a demarcação das terras é provado com todos os argumentos, inclusive na legalidade do estado colombiano e ainda assim é um direito que é necessário muita luta para que seja cumprido. Assim, podemos observar o cruzar dos mundos originários com a sociedade do capital e as travas impostas por um Estado que não responde ao povo.

³⁷ Mientras se recuperaban las tierras invadidas se planeaba la necesidad de tener sistemas de educación, de justicia, de desarrollo económico y de gobierno interno. Además de avanzar en la recuperación de patrimonios culturales que ya andaban en vías de extinción, como el vestido, la música, la lengua y otras manifestaciones. Y hasta comenzamos a cantar como nunca lo habíamos hecho por cientos de años [...] Fue todo un renacimiento bajo una consigna general y única: ‘A recuperar la tierra para recuperarlo todo: Autoridad, gobierno y justicia’ (MISAK, 2014, p. 31).

³⁸ Cuando llegó el conquistador Sebastián de Belalcázar, en el año 1536 a las actuales tierras del Cauca, encontró diferentes naciones indígenas, organizadas en cacicazgos y ocupando sus propios territorios, asociadas entorno a la confederación Puben, gobernados por los caciques Calambás y Payan. Los Misak tenían su propio cacicazgo ocupando un vasto territorio; según Carlos Armando Rodríguez, en Los Indígenas del valle del Cauca en el siglo XVI, con las regiones de “Xambaló, Ambaló, Noambo, Sesquita, Guamza, Malvazá y Polindara” (GUAMBIA, 2008, p.65).

Os povos indígenas têm sido vítimas da usurpação de territórios por colonos e latifundiários e, recentemente, por traficantes de drogas. A qualidade da terra para o plantio piorou e as necessidades básicas (saúde, educação, alimentação e moradia) continuam insatisfeitas. Além disso, os indígenas enfrentam diversas formas de agressão física e cultural de diferentes instituições que, muitas vezes, contam com o apoio do Estado. Em muitas ocasiões, são vítimas de conflitos armados travados pelo exército e tropas paramilitares, como na Guatemala, Chiapas, Amazônia, Colômbia e Peru, colocando em risco sua própria sobrevivência” (GUMUCIO, 2006, p. 83)³⁹

O estado colombiano vive em constante guerra e os povos originários são vítimas contínuas, assunto que não abordaremos nesse trabalho com profundidade, mas é de importante a compreensão, pois isso a guerra armada, o tráfico de drogas e a luta pela terra, sendo essa um país que possui uma desigualdade na distribuição de terras, afeta profundamente a cultura Misak. “Defender o território comum, autoridade ancestral, economia própria e autonomia alimentar, através da organização social e política do Misak”. (TUNUBALÁ, 2016. p. 22).⁴⁰

A política Misak está sob a cosmovisão ancestral, chamada por esses de lei de origem. Estas são o conhecimento constante e universal que para eles deve ser preservado para que a vida esteja sempre organizada. O médico tradicional e autoridade da comunidade Misak, nomeia o conceito de política espiritual para referir-se a ordem política trabalhada no território. Nas palavras Misak:

A política espiritual que o velho Calambas expõe, leva a vida no povoado a partir da pluralidade da língua *namtrik*, pois através dela fala-se o povo, fala-se o território e a espiritualidade. É uma política que recebe conselhos da sabedoria ancestral e está a serviço do cuidado do planeta. Uma forma de governo onde as leis da natureza são também leis sociais, onde a sabedoria dos seres da natureza pode cuidar melhor da vida no planeta do que as leis antropocêntricas (GRAJALES, 2020, p. 54, tradução nossa)⁴¹

³⁹ “Los pueblos indígenas han sido víctimas de la usurpación de territorios por colonos y terratenientes y, últimamente, por narcotraficantes. La calidad de la tierra para sembrar se ha deteriorado y las necesidades básicas (salud, educación, alimentación y vivienda) quedan insatisfechas. Además, los indígenas enfrentan diversas formas de agresión física y cultural de parte de distintas instituciones que a menudo cuentan con el apoyo del Estado. En muchas ocasiones, son víctimas de los conflictos armados emprendidos por el ejército y las tropas paramilitares, como en Guatemala, Chiapas, Amazonia, Colombia y Perú, poniendo en riesgo su propia supervivencia” (GUMUCIO, 2006, p. 83).

⁴⁰ “Defender el territorio común, la autoridad ancestral, la economía propia y la autonomía alimentaria, a través de la organización social y política de los Misak.” (TUNUBALÁ, F., & Muelas Trochez, J. B. 2016. p. 22).

⁴¹ La política espiritual que expone el mayor Calambás, conduce la vida en el pueblo desde la pluralidad de la lengua Namtrik, porque a través de ella hablan las personas, habla el territorio y la espiritualidad. Es una política que recibe consejo de la sabiduría ancestral y está al servicio del cuidado del planeta. Una forma de gobierno donde las leyes de la naturaleza también son leyes sociales, donde la sabiduría

O pensamento ancestral Misak está fundamentado e vivo no presente, respondendo as demandas do mundo atual e caminhando em conjunto com o saber herdado dos que já passaram por esse plano de existência; assim as leis da natureza são também as leis da sociedade para cuidar da vida rompendo com o pensamento antropocêntrico da sociedade capitalista.

O bem viver Misak se faz presente no *pishi* na vida harmônica e tranquila, dialogando com os conceitos de bem viver e política espiritual que desde as cosmovisões ancestrais sustentam as transformações sociais para um futuro possível, segundo o antropólogo colombiano.

[...] (A) a descentralização constante da economia capitalista com a expansão concomitante de empresas comunais e formas não capitalistas de economia; (b) a descentralização da democracia; e (c) o estabelecimento de mecanismos de pluralismo cultural como base para uma verdadeira interculturalidade entre os diversos sistemas culturais ... a proposta não é um apelo a uma nova hegemonia, mas sim ao fim da hegemonia de quaisquer sistemas, uma forma de construir relações mais simétricas entre culturas (ESCOBAR, 2016, p. 206, tradução nossa)⁴²

Devido às crises socioambientais dos últimos anos, vemos muitas estratégias relacionadas a um chamado desenvolvimento sustentável, mas para pensar em outra forma de desenvolvimento é necessário olhar para outro sistema, assim as práticas dos Misak oferecem uma outra forma de organizar-se socialmente desde o coletivo.

A forma de desenvolvimento é reflexo do modelo econômico. Segundo (ESCOBAR, 1998 p.120) temos uma economia: “baseada no individualismo e no utilitarismo, permitiu a consolidação da economia como uma esfera real, autônoma, com leis próprias e independente das político, social e cultural, e isso tem graves consequências para a relação entre sociedade e natureza”. As propostas de desenvolvimento que surgem através da sociedade capitalista que se denominam

de los seres de la naturaleza puede cuidar mejor la vida en el planeta, que las leyes antropocéntricas (GRAJALES, 2020, p.54).

⁴² [...] (a) en el descentramiento constante de la economía capitalista con la expansión concomitante de las empresas comunales y las formas no capitalistas de la economía; (b) el descentramiento de la democracia; y (c) el establecimiento de mecanismos de pluralismo cultural como base para una verdadera interculturalidad entre los diversos sistemas culturales... la propuesta no es un llamado por una nueva hegemonía, sino por el fin de la hegemonía de cualquier sistemas... una manera de construir relaciones más simétricas entre las culturas (Escobar 2016, 206).

como sustentáveis devem ser vistas de forma crítica, uma vez que muitos continuam reproduzindo o modo de produção capitalista, por isso mesmo dentre os avanços apresentados pelo pensamento Misak é necessário uma mudança estrutural para a transformação seja em maior escala e a cultura possa seguir.

Refletindo a resistência dos movimentos sociais dos povos originários em busca da promoção da política e da justiça ambiental, vemos florescer os direitos da natureza, a recuperação de terra, formar de organização política mais democráticas e horizontais, resgate da relação das mulheres com a terra, juntando-se o esgotamento de um modelo de produção capitalista que causa sofrimento vem o ressurgimento de um pensamento. Desta forma ocorre o resgate de saberes ancestrais, a possibilidade de projetar a vida forma ecológica e fortalecer um pensamento latino-americano de bem viver.

4.3. EDUCAÇÃO PRÓPRIA MISAK - DA UNIVERSIDADE AOS SÍTIOS SAGRADOS.

A educação própria Misak transcende os ambientes escolares convencionais oferecidos pelo Estado Colombiano; essa forma de educação originaria está do centro do fogão: *Nak Chak*, nos sítios sagrados, na medicina tradicional e também nas escolas e universidades.

Na instituição, centros e centros educativos do povo Misak, é orientado desde a *nakchak* da família, continuando com a educação ocidental e a própria educação que têm vindo a construir há mais de vinte anos. (GUAMBIA, 2008, p.116)⁴³

Em um intercâmbio de saberes o povo Misak organiza seus planos de educação e orienta a manifestação no território Guambiano. A “Educação ocidental é ensinada de forma que as crianças tenham o mesmo nível de conhecimento universal

⁴³ En la institución, centros y sedes educativas del pueblo Misak, se orienta desde *nakchak* de la familia, continuando con la educación occidental y la educación propia que vienen construyendo desde hace más de veinte años. (GUAMBIA, 2008, p.116)

que o resto das crianças do país.” (GUAMBIA, 2008, p.116)⁴⁴ e assim podem seguir estudando em níveis superiores e possuir uma possibilidade de decisão com mais igualdade frente ao mundo ocidental e o diálogo com o mundo Misak. Já a educação própria que é a base do ser Misak, e é trabalhada por meio da cosmovisão ancestral:

“Com o pensamento dos idosos e o ensino de tradições, costumes e práticas culturais dentro da cosmovisão: a minga, alik, como elemento da unidade familiar e comunitária, produção de alimentos, gestão e conservação de recursos naturais, locais sagrados e espiritualidade . (GUAMBIA, 2008, p.116)⁴⁵

A educação própria é base fundamental do processo de descolonizar o pensar e construir o bem viver e a defesa desse direito e concepção está alinhada ao povo Misak. Segundo o Decreto 1142 de 1978 reconhece que as comunidades indígenas devem contar com uma educação de acordo com suas características e necessidade, posto que, a educação deve ser com base na realidade e lógica que vivem, que proporcione a criação de elementos teóricos e práticos que contribuam com a estrutura e processos de previdência do povo.

A constituição política de (COLOMBIA,1991, tradução nossa) nos artigos:

7: “O estado reconhece e protege a diversidade cultural da nação colombiana”

10 “O castelhano é o idioma oficial de Colômbia. As línguas e dialetos dos grupos étnicos também são oficiais nos seus territórios. O ensino enviado as comunidades com tradição linguística própria será bilingue”

68 “Os integrantes dos grupos étnicos têm direito a uma formação que respeite e desenvolva sua identidade cultural”

A lei 21 de 1991 de (COLOMBIA,1991, tradução nossa) que fala da educação, (parte VI) Art.: 27:

Os programas e serviços de educação destinados aos povos interessados devem desenvolver-se e aplicar em cooperação com o fim de responder as necessidades particulares, abarcando assim a história, conhecimento e

⁴⁴ “La educación occidental se enseña para que los niños estén al mismo nivel de conocimientos universales que el resto de niños del país” (GUAMBIA, 2008, p.116).

⁴⁵ “Con el pensamiento de los mayores y la enseñanza de las tradiciones, las costumbres y prácticas culturales dentro de la cosmovisión: la minga, alik, como elemento de la unidad familiar y comunitario, la producción de alimentos, el manejo y la conservación de los recursos naturales, los sitios sagrados y la espiritualidad. (GUAMBIA, 2008, p.116).

técnicas, seus sistemas de valores e todas as demais aspirações sociais, econômicas e culturais.

Nos anos de 1980, o povo Misak, começa um processo de recuperação de seu território e cultura originária a partir do primeiro Planejamento Educativo Misak (GUAMBIA, 1994) com o objetivo de fortalecer a educação própria. Este processo levou 26 anos e produziu a criação de uma instituição educativa, seis centros educativos com 2600 docentes de nível pré-escolar, básico.

Integrando os saberes ocidentais e próprios a cultura Misak se levanta tendo como base seus sítios sagrados e seu território ancestral o grande *nupirau*:

Nosso nupirau para nós é uma razão de vida; que em torno dele organizamos nosso pensamento e nossa vida, como os espíritos maiores ensinaram nossos taitas e nossos conhecedores. Por isso, quando os idosos querem sonhar e ter uma visão que os ilumine para guiar o caminho até o Misak, eles vão para a charneca, onde vivem os Pishimisak e Tata Siru, donos de nossas mentes e de nossos sonhos; porque deram ao nosso território agricultura, plantas medicinais e ensinaram a arte de curar o *mθrθpelθ* e o *pishimarθpelθ*. (GUAMBIA, 2008, p. 72, tradução nossa)⁴⁶

Os sítios sagrados fazem parte do grande *Nupirau*, é a vida organizada desde o território, que segundo a cosmovisão Misak é responsável por entregar tudo o que eles são, desde a terra está organizado a vida Misak e todos os saberes vem desde está relação. Os sábios da comunidade vão até esses espaços e recebem as visões e sonhos para aprender como reproduzir a vida.

Na Fotografia 8, vemos Mama Agustina em um sitio sagrado levando plantas desse território, como Medica Tradicional de sua comunidade, Avó Agustina ou como a chamam abuela Agustina, é reconhecida pela comunidade Misak, outros povos indígenas e mestiços, sendo buscada constantemente. Além de realizar atendimentos mãe Agustina também realiza um trabalho de educadora repassando seus saberes cerca das plantas, parteira, massagens e espíritos do território. Recebe visita e

⁴⁶ Esto hace que nuestro nupirau sea para nosotros una razón de vida; que alrededor de él hayamos organizado nuestro pensamiento y vida, como enseñaron los espíritus mayores a nuestros taitas y a nuestros sabedores y ellos a nosotros. Por eso, cuando los mayores quieren soñar y tener una visión que los ilumine para guiar el camino a los Misak, van al páramo, donde vive el Pishimisak y tata Siru, dueños de nuestras mentes y de nuestros sueños; porque ellos dieron a nuestro territorio la agricultura, las plantas medicinales y enseñaron el arte de curar a los *mθrθpelθ* y a los *pishimarθpelθ*. (GUAMBIA, 2008, p. 72).

pacientes da comunidade na sua casa na qual realiza atendimentos, cura, harmonização, trabalhos profundos através de sua cosmovisão ancestral e estudo das plantas e do seu território.

Fotografia 8 - Mama Agostina no sitio sagrado lagoa de Puracé



Fonte: fotografia própria (outubro,2021).

Dentre os sítios sagrados, visitamos a Casa Payan, uma casa ancestral, de recuperação da memória Misak, sonhado pelo Taita Avelino D'agua, com ajuda de artistas, músicos, médicos tradicionais e outros membros da comunidade realizando um longo trabalho para recuperar as memórias de sua tradição e registra-las através da construção dessa casa cerimonial.

“O local original da casa de Payan era aqui onde ficava a igreja metropolitana, eles derrubaram sua casa e construíram a igreja. No dia 22 fomos entregar as oferendas onde ficava esse antigo local sagrado e no dia seguinte uma senhora saiu do carro e me disse que estávamos fazendo feitiçaria em frente às igrejas e eu respondi que esses são os nossos locais sagrados para muito mais tempo. que esta igreja ” ⁴⁷ TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).

⁴⁷ “O sitio originario da casa Payan “Payan este era donde está la iglesia metropolitana lo tumbaron su casa e hicieron la iglesia. En el día 22 de fuimos entregar ofrendas a donde era este antiguo sitio sagrado y en el día siguiente una señora bajo del carro y me dijo que estamos haciendo brujerías frente a las iglesias y yo la respondí que estes son nuestros sitios sagrados a mucho más tiempo que esta iglesia” TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021).

Desde sua arquitetura, que busca recuperar a geometria sagradas de um antigo templo de era pré colombiana, localizado na cidade de Popayan, onde habitava o cacique e foi destruído pelos espanhóis que aqui ergueram uma igreja católica, revelando assim a opressão da cruz e a espada que violentou os povos originários, oprimindo fortemente suas espiritualidades. “Muitos dos locais sagrados tiveram seus nomes trocados para nomes de santos, tudo que havia aqui puseram nome de santo” TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).⁴⁸

Na casa se encontra a cosmovisão e história do povo Misak, esse espaço onde se realizam cerimônias sagradas e mingas, como os batismos, matrimônios, festas de colheita, mudanças na governança; ademais é um espaço que contém um acervo arqueológico da cultura realizado através do saber próprio, desde a arquitetura do espaço até as obras encontradas e as atividades realizadas no sítio.

Esse espaço é um Museo Descolonial, no sentido que muitos museus são construídos com muitas vezes com peças roubadas de outras culturas; já esse espaço é uma casa sagrada que contém a história e memória viva de um povo.

Fotografia 9 - Casa Payan com o Taita Avelino D'água.



Fonte: GUAMBIA (2011).

⁴⁸ “Muchos de los sitios sagrados fueron cambiados sus nombres para nombres de santo, todo lo que había aquí pusieron nombre de santo” TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021).

Os sítios sagrados e a medicina tradicional Misak fazem parte da educação própria do povo originários. Outro fruto dos processos de educação própria Misak é a construção de uma Universidade própria a Misak Universidade

Casa do Pensamento —Ala Kusrei Ya— ou Universidade Misak. Os saberes ancestrais e a visão de mundo do povo Misak se entrelaçam em seus projetos educacionais com os saberes não indígenas, a fim de garantir a sobrevivência de sua cultura e identidade sem se relegar ou se isolar dos problemas mundiais. Trata-se de continuar a caminhar no caracol, enrolando-se e desenrolando-se no pensamento dos mais velhos, da comunidade, da vida, da espiritualidade, da natureza e do conhecimento; precisamente a proposta da Universidade Ala Kusrei Ya-Misak (ÁVILA, AYALA 2017, p 54, tradução nossa)⁴⁹

Através de uma ecologia de saberes que aprende do mundo originário Misak e de outros povos e saberes constrói uma universidade que caminha na cosmovisão ancestral, tecendo e destecendo o pensamento através do seu território.

⁴⁹ Casa de Pensamiento —Ala Kusrei Ya— o Misak Universidad. Los saberes ancestrales y la visión de mundo del pueblo Misak son entrelazados en sus diseños educativos junto con los saberes no indígenas, con el fin de garantizar la pervivencia de su cultura e identidad sin relegarse o aislarse de las problemáticas mundiales. Se trata de continuar andando en el caracol, enrollando y desenrollando en el pensamiento de los mayores, la comunidad, la vida, la espiritualidad, la naturaleza y el conocimiento; justamente la propuesta de Ala Kusrei Ya-Misak Universidad (ÁVILA, AYALA 2017, p 54)

5. MISAK ATRAVÉS DE MAMA AGUSTINA

“Pela experiência de vida pude acompanhar muitas mulheres, homens, crianças e jovens e também pelo conhecimento Misak que tenho na dedicação, harmonia e tranquilidade no serviço ao próximo, é o que a própria natureza ensina, para que sirva aos outros, o mais bonito da vida”⁵⁰ (Agostina, TUMIÑA, novembro, 2021, tradução nossa)

Agostina Yalanda Tumiña a autora dessas palavras descritas, mãe, mama, madre, avô, bisavô, abuela, ancestral, *shura*, mayor, cacica é a mulher pela qual vamos seguir aprofundando na cultura Misak, problematizando a questão social em torno do ser Misak e em especial do ser mulher Misak na sociedade capitalista moderno e colonial e como desde essa realidade material se vive uma resistência de vida em conjunto com a natureza, lutando pela transformação, nas palavras de Agostina “ O mais bonito da vida é servir os outros como ensina a própria natureza”.

Fotografia 10 - Encontro com mãe Agostina em Pance - Valle del Cauca.



Fonte: Fotografia própria (abril, 2021).

⁵⁰ “Atraves de la experiencia de la vida pude acompañar muchas mujeres, hombres, niños y jóvenes y también desde el saber Misak que tengo en entrega, armonía y tranquilidad, al servir al prójimo, eso es lo que ensena la misma naturaleza para que sirva a los demás, lo más bonito de la vida” (Agostina, TUMIÑA, novembro, 2021)

Através da experiência de história oral e pesquisa etnográfica participativa vivida com a mulher indígena, autoridade espiritual Misak: Agustina Yalanda Tumiña, se realiza uma análise aprofundando conceitos da cosmovisão Misak e do saber de uma mulher étnica com uma vida permeada de histórias de resistir em uma sociedade capitalista e como investigado nos capítulos 1 e 2 uma sociedade fundada através de uma profunda colonização,

Conheci Agustina em abril de 2021, onde registrei essas fotografias da imagem 10; ela foi a minha casa em Pance para organizarmos uma oficina de mulheres e as plantas a partir de sua sabedoria Misak, nesse dia fomos caminhar na montanha Mama Agustina nos mostrou muitas plantas e explicou os usos, além de pela noite compartilhar a história do seu sonho de vida.

6 meses depois cheguei em Silvia, em outubro de 2021, fui em princípio para casa de mãe Agustina e durante 3 meses estive conhecendo muitas partes do território Misak. As análises de história oral são complementadas por entrevistas realizadas em diversos encontros em outubro, novembro de 2021 e material bibliográfico teórico Misak e das linhas teóricas do capítulo 3 e 4.

A escolha da mãe Agustina como fonte para realização da história oral se justifica pela representatividade que ela possui na comunidade Misak, reconhecida como uma líder da comunidade desde o nível político até espiritual; a escolha se deu também porque ela é uma pessoa que dialoga com o mundo ocidental através de seu trabalho com a parteira, etnobotânica. Através dela podemos compreender uma cosmovisão ancestral, pela vivência de um sujeito compreendendo-o como parte de uma realidade material.

No ano de 2016 mama Agustina recebeu um reconhecimento a dedicação ao enriquecimento da cultura ancestral dos povos indígenas de Colômbia com o projeto “parteiras tecendo conhecimentos de vida e de resistência” reconhecido pelo Ministério de Cultura de Colômbia. A sua importância é reconhecida pelo mundo Misak e também pela sociedade Colômbia e do mundo, haja visto que mama Agustina já tem um documentário a seu respeito e realiza cursos de parteira, ginecologia natural y saber Misak via online em muitos países.

Temas centrais na cosmovisão ancestral Misak e na vida de mãe Agostina, serão expostos ao longo dessa investigação que utilizou a metodologia de história oral a qual decorremos no capítulo de metodologia. Em outubro de 2021 fui encontrar Mãe Agostina no Município de Silvia e nos territórios ancestrais de Misak na reserva de Guambia, no de estado de Cauca em Colômbia.

Agustina Yalanda Tumiña, medica tradicional parteira e líder espiritual da comunidade Misak é uma autoridade reconhecida pelo seu trabalho de vida com as mulheres, crianças, com o território e cultura Misak, realizando um trabalho integral como uma sabedora e guia de sua comunidade.

O território de Silvia é rodeado por montanhas, com um clima frio, típico da região dos andes, um povo com uma tradição ancestral preservada, resistindo as hegemonias da modernidade; na praça central do povo ainda encontramos pessoas vestidas com suas roupas que habitam outros tempos.

No mercado principal do povo, é possível observar uma variedade de plantas e alimentos, o milho, quinoa, feijões verdes, as ervilhas, aboboras e uma grande diversidade de batatas e frutas como a amora, morango, banana e plátano. Uma terra de campesinos e povos originários, em muitos lados já havia escutado que Silvia é um lugar de colheita, terra fértil, território ancestral.

Hoje em dia mama Agostina tem reconhecimento dentro e fora de sua comunidade, mas conforme ela mesma relata em suas histórias, nem sempre foi assim, foi necessário muita luta e resistência, porque sofria preconceito com os Misak e com os mestiços; sendo mãe solteira de dois filhos, ela conta que teve que viver muitas dificuldades e que pessoas de fora da comunidade a ajudaram mais que os próprios Misak.

Como exemplo do reconhecimento de Mãe Agostina pela comunidade mestiça e nativa de muitas partes do mundo, vemos sua participação no encontro do Dia internacional da Mãe terra realizado (2021) com sabedores de culturas do Mexico, Brasil, Chile, Colômbia, Estados Unidos organizado por Semilla Spirall - Gaia PHI - Spirall Seed: “Plataforma de Pedagogia Holística e Integral: que durante esse evento

abordou temas da Vivência Consciente de uma Vida Plena, integrando Conhecimento Moderno e Sabedoria Ancestral” segundo a SPIRALL, Gaia Union (abril, 2021)⁵¹.

Fotografia 11 – Memorável reunião de Ancestrais Amerrikua.



Fonte: SPIRALL, Gaia Union (abril, 2021).

Esses encontros online, são uma realidade na pandemia do COVID-19 e unem pessoas de muitas partes do mundo, sendo transmitido em espanhol, inglês e português. Desde a pandemia essa vem sendo uma forma que mãe Agostina tem de

⁵¹ SPIRALL, Gaia Union. MEMORABLE ENCUENTRO de Mayores Ancestrales Amerrikua se unen en la Celebración del Día de la Madre Tierra. Bogota, 22 de abril, 2021. Facebook: usuário Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/events/366723907858126/?active_tab=about Acesso em: 30 de dezembro de 2021.

economia, pois recebe uma remuneração ao de exercer seu serviço compartilhando seus saberes e fortalecendo a cultura Misak.

Mama Agostina, possui um documentário com o título “MAMA” gravado sobre sua história no ano de 2016 e foi exibido no Latino Short Festival 2016 de Nueva York. Além de uma série de trabalhos de graduação e mestrado que pesquisam o saber de Mãe Agostina como o caso do trabalho de conclusão de curso para sociologia: As parteiras das mulheres do povo Misak fiando conhecimentos sobre a vida e a resistência de TUNUBALÁ, Júlio Cesar. (2017). trabalho que com grande profundidade compartilha momentos da vida de mãe Agostina como parteira e líder da comunidade

Desde muito jovem ela teve aproximação com o catolicismo e os monges Lauritas em uma fraternidade de São Francisco de Assis, traço que revela a problemática da religião dos povos originários, mas que para a mãe Agostina se difere muito, já que ela conheceu a teologia da liberação e foi a linha que ela se relacionou com a igreja católica.

Também de seus projetos com mulheres e artesanatos, onde com seu filho escreveu para editais de apoio do governo para fortalecer os artesanatos a vida das mulheres, também sempre ativa nos projetos que tratam da violência contra a mulher.

Hoje em dia se dedica a compartilhar seus saberes através de oficinas, cursos e círculos de palavra dentro e fora da comunidade Misak via online e presencial, também segue com seus atendimentos e consultas de medica tradicional e parteira, onde realiza um serviço para comunidade já que atente a todos independente da classe social e de quanto podem pagar, indo até a casa das famílias ou recebendo as pessoas em sua casa. Agostina segue sendo uma mãe, no sentido do trabalho reprodutivo não remunerado, pois cuida de seus netos e bisnetos, cozinha para toda a família e sustenta a casa com seu trabalho doméstico, educativo e econômico.

A palavra de Agostina é forte e chega em muitos territórios representando a mulher indígena que vive sua cultura e tradição, hoje em dia ela é reconhecida como líder espiritual na comunidade, já sendo avó e bisavó.

A comunidade Misak a reconhece por ser Bisavó, para os Misak os mais velhos têm sua sabedoria honrada pela sociedade. “É por isso que seguimos os passos dos mais velhos, eles nos indicam qual é o caminho para hoje caminha” (GUAMBIA, 2008, p. 100)⁵².

Dentre as atividades como líder espiritual e medica tradicional ela lidera cerimônias como rituais, batismos, também a consultam para construção de projetos na comunidade e solicitam a presença dela para realização de eventos para que represente o saber ancestral e também que realize uma harmonização e guie os círculos de palavra.

A harmonização é um tipo de ritual onde segundo a crença Misak se traz a ordem espiritual guiado sempre por maiores onde usam suas plantas de poder;

Os círculos de palavras: são a forma tradicional de sentar com os sabedores do povo, sempre em roda, pois para eles o círculo faz com que as energias fluam por igual, cada ser presente na roda tem importância igual, geralmente também se realiza em torno do fogo – *Nak Chak*: “O *Nak Chak*, a lareira que nos aquece e é o centro do nosso costume, onde a família se reúne para trocar e discutir acontecimentos. (GUAMBIA, 2008, p. 59)⁵³.

5.1. MÃE AGOSTINA - MULHER INDÍGENA NA SOCIEDADE PATRIARCAL COLONIAL.

Em torno do fogo ocorreram as entrevistas com a mãe Agostina, integrando os elementos da cultura Misak para poder compreender as mensagens que leva essa grande mulher.

Em entrevista realizada com Mama Agustina ela descreve:

“Meu nome é Agustina Yalanda Tumiña, nasci na aldeia Cacique, no setor H. Meus pais eram Gregório Yalanda Tumiña, Josefa Yalanda Tombé, de uma

⁵²“Por eso seguimos las huellas de los mayores, que es el camino (may) de la vida, Ellos nos están indicando hoy por donde hay que caminar” (GUAMBIA, 2008, p. 100).

⁵³“El nak chak, el fogón que nos da calor y es el centro de nues tra costumbre, donde se reúne la familia para intercambiar y comentar los acontecimientos. (GUAMBIA, 2008, p. 59)”

família, não tão numerosa, de 4 pessoas: meu irmão minhas outras duas irmãs, as quais já foram para o outro lado. Bem, estamos eu e meu irmão, eu sou a mais jovem de todas” TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).

Com 65 anos, nascida em 1957, no final dos anos 50, Agostina a mais jovem de 3 irmãos cujo dois hoje em dia já “foram para o outro lado” conforme os Misak concebem a morte, que não ocorre de forma linear, tudo Sigue estando no presente, Agostina segue falando de suas origens:

“Meu pai era médico tradicional, parteiro, massagista e minha mãe também conhecia muitas plantas medicinais; minha mãe era artesã, tecelã também, porque ela também fazia, ela também acariciava assim quando tem cólica, quando dá dor no ventre, enfim, ela também sabia de planta e fazia massagens. E bem, éramos, uma família muito humilde, pois nunca conseguimos um estudo completo como hoje. Não consegui ir à escola, com as freiras Lauritas, eles me mandaram para um ano de escola. - 4:13 - 4:26 Então, naquela época eu ia descalça na escola, não tínhamos sapatos; pés descalços. E bem, tinha que vir do alto da calçada do Cacique pra cá as delícias, todas as crianças eram descalças” TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).

Muitas das atividades que realizava mãe Agostina como a de parteira, massagista, botânica, medicina tradicional são práticas que vem de sua tradição familiar, que aprendeu no fogão de sua casa, ademais evidencia que nos anos 60 não havia educação pública em nível do Estado Colombiano para essa região de Cauca e que entrou em contato com a igreja católica desde muito jovem. Ponto que podemos refletir de como a religião ocidental dos colonizadores vai entrando nas comunidades indígenas, isso em pleno anos de 1960, depois de anos da invasão colonial, podemos observar que certas estruturas permanecem conservadas.

Perguntei para mãe Agostina sua relação com a igreja católica e pude observar que sua experiência foi diferente que qual muitos povos descrevem:

Quando eu estava nesse processo não sofri uma lavagem cerebral, quando comecei esse processo ela se chamava igreja popular onde analisávamos a igreja clerical, a igreja sacramental e a igreja popular. Éramos a igreja dos pobres do popular, para falar dos pobres para recuperar a terra, lá estávamos relacionando a bíblia com a nossa cultura, como na terra prometida que tinha lagos e montanhas sagradas, não eram como o clero, fizemos hermenêutica em relação à recuperação do terreno aqui. Em uma oficina chamada a bíblia e a cidade onde vimos os mitos da bíblia e relacionados com pishimisak. Não era como os outros que havia missas em latim, as pessoas não ficavam lendo a bíblia, com o papa em cima e as pessoas embaixo, todas essas coisas que

estávamos descobrindo” TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).⁵⁴

Assim que Agostina começou a contar essa história me impressionei e relacionei com o MST – Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra que também vem da linha da teologia da libertação, que faz essa ponte entre as crenças dos povos e a luta política em especial para recuperação de terras. Aqui vemos que esse movimento traz um pensamento do povo para o povo através de uma horizontalidade que recupera a tradição e organiza a luta política. Mais adiante ela descreve esse movimento:

“Aí, quando olhamos para a teologia da libertação, vemos onde emerge que não foi em Roma que ela nasceu nos campos, nas periferias, com as mulheres, nos rostos sofredores e necessitados na luta pela recuperação da terra e da identidade. Atacam as igrejas como se fossem tudo, mas não são todas iguais. Aprendi muito com os franciscanos ”⁵⁵ TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).

Podemos ver que mãe Agostina tem um compromisso social com a sociedade que vem desde sua cultura ancestral e que também dialoga com outras correntes. Muitas vezes quando estava com mãe Agostina ela falava da teologia da libertação e com muita identificação com esse pensamento, sendo uma mulher muito questionadora, sempre dizia que “não se deve apenas escutar é preciso estudar” e também com essa frase se referia mãe Agostina aos preconceitos que sofre dos evangélicos, não só ela, mas muitos Misak:

“Aqui as pessoas que se dizem santos, os evangélicos, são só pessoas que ouvem sem pensar, nos criticam muito, dizem que somos do diabo que não vamos para o céu, que quem usa plantas medicinais é do diabo, mas eles não entendem Jesus que era contra a opressão e a favor da liberdade. Os franciscanos falavam: vocês que são indígenas têm que cuidar do território,

⁵⁴“Cuando estuve en este proceso no me lavaron el cerebro, cuando yo empecé este proceso esto se llamada la iglesia popular donde nos pusimos para analizar la iglesia clerical, iglesia sacramento y la iglesia popular. Nosotros éramos la iglesia de pobres de la popular, que hablar de los pobres de recuperar la tierra, ahí íbamos relacionando la biblia con la cultura nuestra, como en la tierra prometida que tenía lagos y montes sagrados, no eran como los cleros, hacíamos hermenéutica relacionando con la recuperación de la tierra de acá. En un taller que se llamada la biblia y el pueblo donde vimos los mitos de la biblia y relacionábamos con pishimisak. No era como otros que había misas en latín, no derraba la gente leer la biblia, con el papa arriba y la gente abajo, todas esas cosas fuimos descubriendo”

⁵⁵“Ahí cuando vemos la teología de la liberación vemos donde surge que no fue en roma nació en los campos, las periferias, con las mujeres, en rostro sufriente y necesitados en la lucha por la recuperación de tierra e identidad. Atacan las iglesias como si fueron todo, pero no son todos los mismos. Yo con los franciscanos aprendí muchos”

do meio ambiente, das plantas, dos animais, vocês são os donos do território”⁵⁶ TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).

Vemos essas violentas palavras da igreja protestante contra a diversidade de pensares que tem o povo Misak, esse preconceito é algo que segue ocorrendo na cidade de Silvia. Uma realidade que vivem muitas etnias por essa imposição de um pensar religioso hegemônico, exercido nos últimos anos pelas igrejas protestantes:

Organizações missionárias protestantes internacionais, apoiadas pelas igrejas-matriz nos Estados Unidos, eles entraram em territórios indígenas como se fossem terras de missão, ou seja, terras pagãs que precisavam ser convertidas ao Evangelho. Por métodos gerais de ensino e catequeses funcionando até tempos recentes - com um marcado viés etnocêntrico - não respeitou o caráter único dos hábitos e costumes da população indígena. Eles agiam como se a cristianização fosse equivalente à civilização. (GUMUCIO, 2006, p. 83).

A experiência com a igreja Franciscana e a teologia da liberação difere desta prática violenta exercida por muitas igrejas que seguem com hábitos colonizadores, de imposição sociocultural e destruição da identidade e território. Mãe Agostina menciona que em sua vivência com os franciscanos, estes sempre afirmaram seu saber da natureza, plantas e animais.

Tecendo no tema da religiosidade, que caminha em conjunto com controle patriarcal e normativas de como devem ser as famílias, Agostina nos conta de sua primeira gravidez, a qual foi mãe solteira e sofreu de muito preconceito pela comunidade:

“Na gravidez de 21 anos, aquela gravidez foi muito difícil para mim. Ser mãe solteira na comunidade, nos vizinhos, é desaprovado, e a família também me rejeitou muito. Foi muito rejeitado. Hoje em dia tudo é normal para as mães solteiras. Naquela época, ninguém na comunidade podia ver uma mãe solteira. Minha mãe falava que havia mães solteiras, mas que escondiam; A mãe se tornou a mãe do bebê, que era o último filho. A mãe não teve permissão de criá-la, mas sim a avó que estava no comando, e deram-lhe o sobrenome do avô, que era o pai, e a mãe que era avó, e assim para desfazer os comentários, os desaprovados. A mãe solteira na minha época de 1979, foi para mim como uma pedra no sapato. Todos os vizinhos e familiares, malvistas por todos. Como eles nunca viram. Todo o comentário lá fora nas mingas, comentário lá fora, em toda parte. Aquele "Aquele mulher como ela o registrou" "Aquele mulher como ela cuidou dele" todos aqueles

⁵⁶“Acá la gente que se hace santo, los evangélicos, son apenas gente que escucha sin pensar y nos critican mucho dicen que somos del diablo que no vamos para el cielo, que los que usan plantas medicinales son del demonio, pero ellos no comprenden Jesús que era contra la opresión y a favor de la libertad. Decían los Franciscanos: ustedes que son indígenas tienen que cuidar del territorio, del medio ambiente plantas, animales, ustedes son los maestros y maestras del territorio”

comentários, que, enfim, são horríveis. Meu pai e minha mãe, eles me protegeram. Eu aguentei tudo isso” TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).

Aqui vemos dificuldades estruturais que envolvem o ser mãe solteira, vemos também que o patriarcado afeta com grande intensidade também as comunidades indígenas, como o fato de homens que não assumem sua responsabilidade paterna, o trabalho reprodutivo não remunerado e o profundo tradicionalismo heteronormativo da sociedade patriarcal.

Partimos no capítulo 3 que a sociedade é capitalista patriarcal e colonial. Sendo o patriarcado um sistema de opressão exercido através do corpo das mulheres.

Essas raízes coloniais ainda são atuais e falar da forma como a acumulação primitiva atuou sobre as terras e as mulheres em Abya Yala é entender um padrão que continua existindo, onde a riqueza é expropriada dos povos nativos e tradicionais e as catástrofes socioambientais são frequentes. Além disso, há uma imposição em todas as esferas da vida, no cultural, no social, no biológico, buscando a construção de uma sociedade única, a sociedade dos invasores, onde não haja espaço para a diversidade sociocultural ou para a biodiversidade, que também é visto mais como uma mercadoria.

Tanto a terra quanto as mulheres são tratadas como territórios de conquista pelo pensamento colonial patriarcal. o que é afirmado pelo princípio da propriedade privada fortalecido pelo sistema de acumulação de capital em que vivemos. A história da dominação ainda está presente, seja por imposição do culto ou por meios econômicos, com as formas tradicionais de estratificação do sul global para servir à vontade do norte.

Com as colaborações do feminismo comunitário que é um feminismo de episteme de Abya Yala sob todo formulado por grupos indígenas temos a compreensão que o patriarcado colonial intensificou uma forma de patriarcado ancestral que já existia por essas terras antes da invasão:

A partir daí, inicia-se também a construção da epistemologia feminista comunitária, ao afirmar que existe um patriarcado originário ancestral, que é um sistema milenar estrutural de opressão contra as mulheres nativas ou indígenas. Esse sistema estabelece sua base de opressão a partir de sua

filosofia que regula a hetero-realidade cosmogônica como mandato, tanto para a vida das mulheres e dos homens como destes na sua relação com o cosmos. (CABNAL, 2015, p.15, tradução nossa).⁵⁷

Assim como a terra, as mulheres que aqui estiveram sofreram repressão, sendo colocadas na posição de servidão através do patriarcado de salários. O trabalho doméstico essencial para a reprodução da força de trabalho nem sequer é considerado trabalho, sendo algo impositivo e visto como uma obrigação das mulheres. Das mulheres originárias da diáspora foi retirado o contacto com a sua terra, desta forma obtendo autonomia em torno dos seus costumes, sendo um processo de poleiro de identidade, uma vez que se construía através da relação com o território e propriedades comunais.

Com o surgimento da propriedade privada, uma forma mais individualista de gestão da terra está sendo imposta, fortalecendo o conceito de propriedade e o domínio do homem sobre a natureza. O patriarcado do salário e a propriedade privada tira das mulheres a autonomia que tinham sobre a terra, desta forma vemos como se desenvolve a relação do modo de produção atual o caso do agronegócio. A mulher Misak em grande parte é camponesa, vemos também que suas terras estão sendo afetadas por monocultivo e uso de agrotóxicos que diferem da agricultura ancestral Misak.

Porém, Mama Agustina e Dora Tavera afirmaram que as mulheres preferem ficar caladas sobre os problemas que surgem em casa. Por fim, os homens – embora alguns apoiem os movimentos de mulheres indígenas– afirmaram que as mulheres são vulneráveis aos efeitos da guerra, pois destacam mais as violações ou abusos que os grupos armados (legais ou ilegais) cometem contra elas, que os abusos cometidos na própria comunidade. (MORALES, Parrado. 2014, p.80, tradução nossa).⁵⁸

⁵⁷A partir de allí, inicia también nuestra construcción de epistemología feminista comunitaria, al afirmar que existe patriarcado originario ancestral, que es un sistema milenario estructural de opresión contra las mujeres originarias o indígenas. Este sistema establece su base de opresión desde su filosofía que norma la heterorrealidad cosmogónica como mandato, tanto para la vida de las mujeres y hombres y de éstos en su relación con el cosmos. (CABNAL, 2010, p.15).

⁵⁸Sin embargo, Mama Agustina y Dora Tavera afirmaron que las mujeres prefieren callar los problemas que se presentan en la casa. Finalmente, los hombres –aunque algunos de ellos apoyan los movimientos de mujeres indígenas– afirmaron que las mujeres son vulnerables en cuanto a los efectos de la guerra, pues destacan más las violaciones o abusos que han cometido los grupos armados (legales o ilegales) contra ellas, que los abusos que se cometen en la comunidad sobre ellas mismas (MORALES, Parrado. 2014, p.80).

Portanto o patriarcado é uma forma hegemônica de dominar que causa um desequilíbrio na terra e nas mulheres, a mulher indígena é também silenciada e não se encontra representada pela sociedade brancocêntrica e os feminismos ocidentais de aí nasce a importância de mulheres como mãe Agostina que falam dessa violência de modo público. Em muitas conversas com Agostina conversamos sobre a violência contra a mulher e ela conta que participa sempre que possível de grupos organizando encontros.

O feminismo comunitário também nos apresenta estratégias de resgate de conceitos comunais e tecendo novas relações com o ser humano e a natureza, sendo também um processo de empoderamento das mulheres, iniciando um processo de liberação da violência a que esses corpos foram submetidos. Segundo ESCOBAR, (2014 p. 55) "Desde o comunal, comunal, mulheres comunitárias criando comunidade, é na verdade uma proposta teórica e quadro de uma política coerente e radical para a despatriarcalização da vida". Através dos feminismos comunitários há o fortalecimento da propriedade coletiva, o que traz um grande avanço contra o individualismo do sistema atual que nos dissocia, que o feminismo rompe com o pensamento ocidental e busca pensar as mudanças a partir dos corpos e territórios de Abya Yala.

É necessário compreender o cenário atual em que há um avanço da crise ambiental, que revela uma crise civilizacional de um modelo de produção, tecnologia, cultura, predador da natureza, desta forma:

A sustentabilidade do futuro terá de ser descolonizadora epistêmica, econômica e socialmente libertadora e despatriarcalizadora; Além disso, deverá propor a construção de alternativas ao "desenvolvimento" a partir de perspectivas que: abriguem o coletivo, assim como o individual; reforçar as estruturas sócio naturais construídas e defendidas pelas pessoas comuns; ajudar a devolver ao mundo a profunda possibilidade civilizacional da relacionalidade; e, pressagiar melhores condições de existência para o pluriverso" (ESCOBAR, 2014 p. 65).

É por isso que se torna atual repensar o processo de colonização para pensar em outros modos de desenvolvimento rural, pois precisamos nos fortalecer a partir das epistemes de nossos povos e construir ideias que fortaleçam práticas mais sustentáveis para com a natureza e os seres humanos.

Assim em meio as dificuldades sofridas nos níveis social, emocional e econômico, mãe Agostina conta que sustentou seus filhos através da agricultura e apoio de outras mulheres:

“Com meu trabalho. Naquela época, tínhamos uma safra de cebola e alho nós tivemos em grande quantidade. Com o cultivo da cebola, então, levei a cebola ao mercado, aqui em Silvia e fui a Popayan, carregando meu filho, para vender cebola. Meus pais me compraram uma galinha e um galo para criar e com isso as galinhas começaram a abundar e eu cuidei delas. Com isso, deu a Julio César a galinha, e essa galinha começou a ter pintinhos e eles cresceram muito. Então, o menino já estava indo para a escola, eu já comprei o sapato com o que a galinha vendeu, comprei a camisa dele. O que é ruana, bom, eu fazia, mas o que é a camisa, os sapatos, os cadernos, era necessário. Nancy, que era uma amiga sempre ajudou com os cadernos, com todo o material. E foi assim que vieram as pessoas para me ajudar, que não eram daqui, mas de Popayan e de Cali. Também criava leitões, com isso vendia o porco e comprava roupas. Quando ele foi para a escola, foi difícil; tive que pagar mensalidade, tive que comprar roupa, mas meus filhos ainda estavam descalços, não calçavam sapatos.⁵⁹ TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).

Os Misak são um povo agricultor e esse saber a mãe Agostina tem muito presente “Com a agricultura nos relacionamos e praticamos toda a cosmovisão, educação e até mesmo nosso remédio depende disso, com uma variedade de Plantas medicinais. (GUAMBIA, 2008, p. 79) ”⁶⁰ de essa forma levando seus produtos para vender foi saindo adiante com sua família, nessa parte revelando a desigualdade social ela dizia que seus filhos não tinham sapatos.

Os sonhos para os Misak são parte integral de sua cultura, mama Agostina compartilhou seus sonhos que contam sua história de vida. Para compreende-la é

⁵⁹Con mi trabajo. En ese momento, teníamos un cultivo de cebolla y ajó. Teníamos arto. Yo con el cultivo de cebolla, pues, sacaba la cebolla al mercado, aquí en Silvia e iba a Popayán, cargado mi niño, a vender Cebolla. Me compró una gallina y un gallo, para que criara y con eso empezó a abundar las gallinas y yo cuidé. Con eso, a Julio César le regaló la gallinita, y esa gallina empezó a tener pollitos y se criaron bastante. Entonces, el niño ya iba a la escuela, ya compré zapatos con lo que vendía gallina, le compraba la camisa. Lo que es la ruana, pues, yo lo hacía, pero lo que es la camisa, los zapatos, los cuadernos, hacía falta. La Nancy, que es una amiga siempre ayudaba con los cuadernos, con todos los útiles. Y así me salieron gente a ayudar, que no eran la gente de acá, sino gente de Popayán y de Cali. También criaba cerditos, y con eso vendía el cerdo y compraba ropa. Ya cuando se fue a la escuela, era como duro; tenía que pagar matrícula, tenía que comprar ropita, pero todavía mis niños eran descalzos, ellos no colocaban zapatos.

⁶⁰Con la agricultura nos relacionamos y practicamos toda la cosmovisión, la educación y hasta nuestra medicina depende de ella, con variedad de plantas medicinales. (GUAMBIA, 2008, p. 79).

importante ter em consideração a compreensão de tempo-espaço Misak conversada no capítulo 5.

Os sonhos fazem parte da resistência da cosmovisão ancestral, já que por meio da prática de vida em torno do sonho se regem muitas comunidades como o caso dos Misak:

“O pensamento Guambiano é impossível de eliminar porque está constantemente recriando e originando-se do dom que se obtém com o sonho, seja ser um conhecedor ou médico tradicional, parteira, construtor, massagista, artesão, agricultor entre outros; com o exposto, pode-se dizer que a única forma de eliminar os indígenas é destruindo o território, o mundo, o universo; que o guiam e capacitam com sua vida”. (CALDERÓN, 2018, p.175).

A cosmovisão Misak segue viva através do imaginário que é alimentado pelo seu território, por isso ao destruir o território indígena se destrói também o ser indígena. Nesse fragmento vemos através dos sonhos aparece as principais ocupações de muitos Misak que são recebidos como dons assim como conta Mãe Agostina:

“Bem, aquele sonho, foi quando cheguei aos 12 anos e contei ao meu pai, porque ele me disse que esse sonho no território, no páramo, porque há espíritos mestres e que ele também recebeu um sonho de ser um médico tradicional e também porque ele disse que os sonhos assim nos territórios sagrados precisam ser harmonizados, o meu espírito com o da avó que me deu aquela mensagem” TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).

Ainda jovem com 12 anos Agostina recebeu esse sonho que está presente em toda sua trajetória de vida, aqui vemos os seguintes elementos: o sitio sagrado que é o páramo, como vimos para os Misak seus sítios sagrados são os espaços onde vivem os espíritos; os Kosrompoto “Para nós, arco-íris, aguaceiro, vento, páramo e outros seres da natureza são pessoas, seres animados e dotados de vontade própria” DAGUA. & VASCO (1998, p. 23, tradução nossa)⁶¹, assim cada um desses territórios traz uma mensagem. Outro ponto é que seu pai também recebeu um sonho que o guiou ao caminho de médico tradicional evidenciando a presença dos sonhos em gerações diferentes e também a aproximação relação de pai e filha, já que Agostina o procurou para compartilhar seu sonho, pai que como médico tradicional guiou a harmonização, auxiliando na compreensão das mensagens que foram entregues por um espírito de mulher, mostrando assim as autoridades espirituais também

⁶¹ Para nosotros, aroiris, aguacero, viento, páramo y demás seres de la naturaleza son gente, seres animados y dotados de voluntad propia; en nuestra lengua nos referimos a ellos en la misma forma en que lo hacemos con los seres humanos

representadas por figuras femininas. Agostina segue descrevendo a mulher que lhe trouxe a mensagem:

“No sonho, ela era avó da mesma família, como prima do meu pai, mas não se vestia como Misak, mas ela usava roupas compridas, amarrava um lenço na cabeça, e bom, ela era assim e ela era exigente e era uma solteirona. Então ela me apresentou no sonho, então ela era muito severa, porque ela tinha sua casa e morava sozinha e era severo que as crianças não pisassem nas plantas medicinais. Ela então tinha sua horta medicinal e sua casinha era uma casinha, uma casinha, e bem limpa por dentro e por dentro, ela me apresentou assim com sua casa e com seu jardim e ela me disse, bem o que ela tem, que ela me ofereceu porque ela estava procurando, ela estava cansada já com o tempo de estar aqui e que ela queria que alguém recebesse seu trabalho que ela fez lá e que ela não tinha conseguido encontrar; pois eu tinha ido chegar na casa dela porque ela me ofereceu: vou te dar o jardim e um livro que tenho.” TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).

A mulher descrita por mãe Agostina não era Misak, de conduta severa queria inicialmente entregar algo um jardim e um livro. Mostrou a pequena Agostina toda forma de vida, a casa, crianças, plantas medicinais, o fato de ser solteira, ter sempre a casa limpa, bom, são traços que com a vivencia na casa de mãe Agostina, onde pude observar que sua vida diária é semelhante a vida da mulher descrita nos sonhos. Essa mulher prometeu entregar muitas coisas a mama, mas pediu em troca outras:

“Como ela disse que me daria a casa, aí eu pensei que ela ia me dar a casa desse jeito, como dar um presente assim, mas não, porque ela me falou bem, para te dar a casa, eu vou te colocar alguns trabalhos que têm que ser feitos agora. Bem, eu pensei que poderia ser um único trabalho que eu ia fazer, mas aí foi o trabalho que ela me disse que era difícil, porque ela me disse que tinha que voar, então ela me disse que tinha que voar para saber o território e então se houver tempo suficiente para sair para outro lugar que lá também, eventualmente as pessoas vão precisar. Aí eu estava reclamando porque eu nunca nadei, não sei voar, porque eu vou voar como, aí ela falou: "Sim, eu ia fazer, você tem que voar." Pois então ela insistiu e aí eu tive que voar e voei; quando eu terminei de voar ela me pegou pela mão e me disse que tem outro trabalho” TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).

Assim, a vida de Agostina foi repleta de trabalho e tarefas difíceis, o fato de voar, faz analogia ao ir além e de fato Agostina voa pois em sua realidade material como mulher indígena, enfrentava muitos preconceitos pois o saber Misak não era valorizado. Mama teve que voar e conhecer de seu território e também de outros lugares. Assim é a história de mãe Agostina que está relacionada com diversos povos e mestiços levando a mensagem ancestral para muitos lados.

Os sonhos apresentam elementos da vida cotidiana com uma outra profundidade. No próximo fragmento é importante compreender os sentidos

figurativos da oralidade onde a Mulher de lenço na cabeça segue levando Agostina para diferentes cenários:

“Me levou ver uma galinha que estava doente e depois daquela galinha ele me levou novamente para algumas árvores que tinham pintinhos doentes para curar para aqueles pintinhos, e depois quando ela os curou me levou para desembaraçar algumas ovelhas que estavam emaranhadas, alguns filhotes emaranhados em uma pedra era como uma mesinha mas era alta, quando ela me pega pela mão e me leva e me leva até uma plataforma que já estava preparada, para uma mesa bem grande, e aí ela me coloca lá para conversar e ela me fala que bom, sem microfone, sem alto-falante, você tem que falar alto para o povo ouvir” TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).

Uma galinha doente, curar pintinhos, desembaraçar ovelhas e falar em microfones, aqui vemos presente 4 atividades relacionadas com as 4 principais atividades que realiza mãe Agostina em sua história de vida. Assim explica:

“Depois daquele sonho, quando eu comecei como parteira com 20 anos, bom eu percebi que a galinha tem sido as mulheres, que bom, sempre que a galinha colocava o ovo na minha mão tinha sido a mulher que eu recebia os bebês, e os pintinhos eram as crianças, e as ovelhas eram os jovens, e voar era vida longa e liberdade e aquele que subia na plataforma realmente tinha sido que eu em 1992 no Equador que pela primeira vez houve, quando me subiram ao palco para falar, que eram 20 mil indígenas ali, tive que falar pela primeira vez em nome da reserva de Guambia” TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).

Aqui vemos as trajetórias de vida: seu trabalho como parteira ainda jovem, assumindo assim o legado de seu pai que também foi parteiro e nesse período havia falecido, também seu trabalho na escola nos anos de 1980, onde trabalhou por mais de 10 anos, contratada como cozinheira, mas realizava muitas outras atividades, como dar aulas e organizar projetos.

“Nos últimos anos eu contribuí para o conselho de Guambia no primeiro plano de vida, no plano de educação Misak, no programa de justiça e no programa de comunicação eu estava lá ajudando e quebrando a cabeça”⁶² TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa). Assim conta sua experiência ajudando na construção desses documentos fundamentais para a organização Misak que inclusive

⁶² “A mí no me conocían en la comunidad, porque yo ha estado mucho afuera, pero en los últimos años cuando aporté en el cabildo para el primer plan de vida, en el plan de educación Misak, en el programa de justicia y el un programa de comunicación estuve ahí ayudando y rompiendo la cabeza”

são referências bibliográficas dessa pesquisa. Sobre a experiência com as crianças na escola Agostina também conta:

“Trabalhei 10 anos na escola do cacique no restaurante com 150 crianças, aí contribuo, não só na alimentação, mas também na saúde, nas aulas e nos professores que sempre me pediram ajuda e me disseram que eu sabia pensar bem. Na escola também plantei uma horta com as crianças, plantamos batata, ullucos, milho, ervilha, cebola, abóbora, feijão, alho, comida variada e as crianças sempre me ajudaram.⁶³ TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).

Aqui vemos as múltiplas funções que Agostina exercia durante seu trabalho na escola, já sendo reconhecida pela comunidade escolar com seus saberes para guiar processos, cuidar da saúde e da terra.

Depois desses 10 anos houve um acordo com o bem estar e eles me nomearam tesoureiro daquele projeto em Cauca e me mandaram para reuniões, era um grande projeto para 5 locais da região para melhorar a educação em Cauca. Lá ele foi aprendendo e estudando porque eu nunca fui na escola aprendi com a vida, compartilhando com as crianças e professores, sendo tesoureiro aprendi matemática e tive que fazer uma grande conta. Quando visitei as escolas, também pedi para aprender mais sobre as crianças e encontrei muitos problemas com as crianças, crianças sem mãe, os enfermos, que sofriam violência, as oficinas que deram bem estar me ajudaram muito.⁶⁴ TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa).

Aqui e em outros fragmentos também podemos problematizar a precarização do trabalho pelo fato de mãe Agostina, assumir muitas funções, não pertencentes ao seu cargo. Vemos que ela fazia um trabalho social sem ter recebido um preparo institucionalizado, mas que teve acesso a formações pelo órgão de bem estar social responsável pela assistência social básica em Colômbia.

“O logo era para o Conselho de Ação Comunitária de Acádia de Silvia, onde estive 4 anos, queriam me nomear como presidente, mas eu não queria um

⁶³ Yo trabajé en la escuela de cacique en el restaurante por 10 años con 150 niños, ahí aporté, no solo en la comida, como también en la salud, clases y ayudaba los profesores que siempre me pedían ayuda y me decían que yo sabía pensar bien, en la escuela también sembré una huerta con los niños, sembramos papa, ulluco, maíz, arveja, cebolla, zapallo, frijoles, ajo, una variedad de alimento y siempre los niños me ayudaban.

⁶⁴ Después de estos 10 años había un convenio con bien estar y me nombraron de tesorera de ese proyecto del cauca y me mandaban para reuniones, era un proyecto grande para 5 lugares de la región para mejorar la educación del Cauca. Ahí fue aprendiendo y estudiando pues yo nunca estuve en la escuela aprendí con la vida, compartiendo con los niños y los profesores, siendo tesorera aprendí de matemática y tenía que hacer cuenta grande. Cuando visitaba las escuelas también pedía para conocer más los niños y fue encontrando muchos problemas con los niños, niños sin madre, enfermos, que sufrían violencia en eso los talleres que daba el bien estar me ayudaron mucho.

cargo grande como aquele e preferi ir como procurador, lá estava eu procurador do projeto de saúde onde tive que visitar os hospitais e ver como as pessoas estão se cuidando e por dentro aprenderam sobre saúde” TUMIÑA, Agostina (novembro, 2021, tradução nossa)⁶⁵

Assim vemos a atuação de mãe Agostina com sua tradição Misak e organização comunitária, na educação, saúde e assistência social, em uma vida dedicada ao cuidado ao próximo, também de sobrecargas e jornadas triplas de trabalho. Mãe Agostina representa uma liderança comunitária por toda sua história de vida uma *shura* de sua comunidade. A representação de mulheres é algo questionado em uma sociedade patriarcal onde as figuras de poder, são dadas em suma para homens, segundo a visão dos maiores Misak, no antigo mundo pré colombiano existiam cacicas e as mulheres governavam em conjunto com homens antes do segundo o *Taita Avelino D’água* (DAGUA, Abelino, 2015, p.40):

Taita Avelino D’água se refere a essas cacicas, shuras ou "rainhas" na seguinte história: Antes da invasão, não havia cercas como comunidade. Quando os invasores chegaram, eles estavam nos encurralando e diminuindo a linha que dividia o território como uma proteção. Naquela época eles acabaram com os chefes, as rainhas. Mama Mandibá permaneceu perto de Santander de Quilichao. Em Tunia, ao lado de Piscitao, vivia Mama Piscita e por isso esse lugar se chama Piscitao. Outro cacique que morou no Alto de Mercaderes, na fronteira com Pasto, chamava-se Mama Mendó. Outro chefe foi Mama Shara, do vulcão Puracé ao lado de San Agustín, Huila. De trás do vulcão Puracé para cima, através de Huila veio Mamá Shuna. Outros chefes importantes foram Mamá Manuela e Mamá Micaela. Micaela era mãe de Mama Manuela. Eles viveram aqui quando esta era a terra dos antigos Guambianos. Eles viveram aqui quando esta era a terra dos antigos Guambianos. Mais tarde, com a chegada dos conquistadores, os invasores expulsaram e perseguiram Mama Manuela.⁶⁶

⁶⁵“Logo fue para Junta de acción comunal en la Acadia de Silvia donde estuve por 4 años, me quisieron nombrar como presidente, pero yo no quise cargo grande así y preferí ir como fiscal ahí era fiscal del proyecto de salud donde tenía que visitar los hospitales y ver cómo están atentando la gente y desde adentro fue aprendiendo de la salud”

⁶⁶El Taita Abelino Dagua se refiere a esas cacicas, shuras o “reinas” en el siguiente relato: Antes de la invasión no había cercos como comunidad. Cuando llegaron los invasores, estos nos fueron arrinconando y mermando la línea que dividía el territorio como resguardo. En ese tiempo acabaron con las cacicas, con las reinas. Cerca de Santander de Quilichao permanecía mama Mandibá. En Tunia, al lado de Piscitao habitaba mama Piscita y por eso ese sitio se llama Piscitao. Otra cacica que ha vivido en el alto de Mercaderes, limitando con Pasto se llamaba mama Mendó. Otra cacica fue mamá Shara, del volcán de Puracé hacia el lado de San Agustín, Huila. De atrás del volcán Puracé hacia arriba, por el Huila venía Mamá Shuna. Otras cacicas importantes fueron Mamá Manuela y Mamá Micaela. Micaela era la madre de mama Manuela. Ellas vivían acá cuando esta era la tierra de los guambianos antiguos. Ellas vivían acá cuando esta era la tierra de los guambianos antiguos. Después como llegaron los conquistadores, invasores desalojaron, persiguieron a mama Manuela

Nesse relato vemos como o poder colonial foi destruindo com as formas de governo próprio. A cultura Misak segue buscando recuperar essas antigas formas elegendo governadoras (dados de governadores Misak) e reconhecendo as mulheres também como sabias: shuras. É possível observar que existe uma referenciação a sabedoria das mulheres que é lembrada através da história e nome dos sítios sagrados como é o caso do monte de Mama Manuela localizado na reserva de Guambia.

Vemos que a sociedade capitalista patriarcal e colonial afeta a vida da comunidade, sendo um modelo hegemônico e global que se impõe através das estruturas institucionais, organização dos modelos de produção através dos monopólios. Assim Mama Agostina é reconhecida em sua comunidade não como as figuras convencionais de poder que dominam e estão em níveis hierárquicos grandes, mas como alguém que guia, abre os caminhos, através de sua experiência de vida e profundo saber do seu território Misak.

6. SEMENTES EM TERRITORIO MISAK – EXPERIENCIA COM PESQUISA PARTICIPATIVA.

Uma abundante relação sujeito-sujeito horizontal que é buscada e aplicada hoje em disciplinas sociais. Essa simetria, que inclui o princípio da soma dos diversos conhecimentos, foi ampliada à dimensão institucional (com a escola ou universidade participativa), à estrutura de paradigmas da pesquisa social (com o construtivismo que corrige o dualismo cartesiano) e à cosmogônica concepções. (FALS BORDA, 2004, p. 104, tradução nossa).⁶⁷

A partir da educação popular de Paulo Freire e educação própria com a pesquisa ação participativa elaboro a socialização da pesquisa feita no território Guambiano. Essa pesquisa de investigação produziu atividades práticas transformadoras com a comunidade Misak. Nas próximas páginas, faço uma descrição mais detalhada dessa atuação que envolve um trabalho social comunitário.

Ao falar de educação popular, trazemos conceitos metodológicos que proporcionam o sustentar da palavra popular, em primeira instância afirmamos o corpo desse trabalho; que envolveu o diálogo direto com a comunidade e suas necessidades, sendo as atividades sociais com intenções transformadoras, superando injustiças através de ações de escuta com grupos muitas vezes marginalizados na sociedade do capital. Outro dos princípios foi a busca para fundir os estudos teóricos acadêmicos com a aplicação em uma realidade prática, cumprindo assim um dos papéis da universidade pública crítica que busca servir a sociedade e atuar de maneira horizontal e respeitosa com os saberes populares e científicos, afim de emancipar seus atores, valorizar as histórias, lutas, conhecimentos das classes populares, fortalecendo um crescimento coletivo.

A educação popular é um método educacional trabalhado que fundamenta suas ações e parte do reconhecimento dos sujeitos como autônomos de sua realidade, valorizando conhecimento e visões de mundo prévios para fazer da construção do conhecimento um diálogo entre todos os envolvidos, segundo (STOTZ, 2005, p.10):

⁶⁷ Una rica relación horizontal de sujeto-sujeto que hoy se busca y aplica en las disciplinas sociales. Esta simetría, que incluye el principio de la suma de saberes diversos, se ha extendido a la dimensión institucional (con la escuela o universidad participativa), a la estructura de paradigmas para la investigación social (con el constructivismo que corrige el dualismo cartesiano) y a concepciones cosmogónicas. (FALS BORDA, 2004, p. 104)

A Educação Popular não é um campo técnico-científico, mas um 'movimento social' singular, composto de pesquisadores, profissionais e técnicos do chamado setor educacional, e de ativistas, técnicos e lideranças dos movimentos e organizações sociais comprometidos em participar e ampliar os esforços de emancipação.

A metodologia de investigação ação participativa nasce conjunta a educação popular em diferentes territórios, mas seus propósitos se complementam em uma metodologia de pesquisa com compromisso de transformar a realidade

O modelo de Pesquisa-Ação Participativa do sociólogo colombiano Orlando Fals Borda constitui um caso exemplar de como algumas abordagens metodológicas podem ser transformadas com propósitos libertários. Usando este exemplo de "Fazendo ciência social libertadora", os autores mostram como, na pesquisa acadêmica tradicional, a observação participante significa que os sociólogos observam, mas não se envolvem com o processo observado. Em contrapartida, Fals Borda desenvolve o conceito de "compromisso", a ideia de que os pesquisadores sociais participativos devem trabalhar para transformar uma sociedade intolerável em uma sociedade humana. (COLLINS, 2002, p. 1098)

Assim, essa pesquisa participativa buscou ser construída através de uma forma de fazer ciência social libertadora para uma sociedade humana. Primeiro aproximar-se dos Misak, construir um vínculo de confiança que foi por mãe Agostina, conhecer a cultura e o território Misak através de leituras, visitas de campo e o viver diário, depois através dos resultados de leitura de território observar que posso oferecer com base em minhas experiências e práticas, e tudo se vai dando de forma muito orgânica através de conversas em torno do fogo e uma sensibilidade ao que se pode ser construído no coletivo.

A participação na comunidade é algo orgânico pois sempre ocorriam muitas atividades, oficinas as quais me integrava como mais um membro da comunidade e assim podia ir tecendo uma rede de vínculos humanos para criação de projetos coletivos e transformadores. A seguinte tabela apresenta um pouco do processo de construção e realização da pesquisa ação participativa.

Tabela 3 - Construção da pesquisa ação participativa.

	Etapas	Planejado	Realizado
1	Pré pesquisa: seleção do território.	Escolha e estudo prévio da comunidade, criação de rede.	Conhecer mãe Agostina da comunidade Misak e ler bibliografia sobre a cosmovisão.
2	Conhecer: seleção da semente.	Leitura inicial, observação de pontos para ação, escuta ativa a comunidade.	Visitar a comunidade Misak com a mãe Agostina, conhecer o espaço da Associação Jardim Botânico las Delicias.
3	Dialogar: plantar e regar.	Comunicação horizontal, intercultural e interdisciplinar.	Intercambio com a comunidade e diálogo entre membros do jardim sobre quais oficinas eles querem receber.
4	Planejar: cuidar e manter a planta.	Construção comunitária.	Ofereci proposta de oficina e foi sendo planejada conjunto a comunidade para executar.
5	Executar: colher os frutos.	Atividade coletiva.	Execução das 4 oficinas.
6	Analisar: colher as sementes do fruto e seguir plantando.	Análise, revisão e diálogo para seguir os processos.	Círculo de palavra com os participantes, criação de relatórios, planejamento.

Fonte: Elaboração própria (dezembro, 2021).

6.1. RELATO DE OFICINAS NO JARDIM - SOBERANIA DO CORPO-TERRA.

Na Associação Jardim Botânico Las Delicias (AJBD), Silvia estado de Cauca, (que é parte de um programa do governo colombiano: Ciência Certa) as atividades que realizei foram complementares ao plano de trabalho que a comunidade já possuía.

Foi criado através de um diálogo horizontal o desenvolvimento de uma estratégia de investigação e apropriação social do conhecimento para a proteção do patrimônio biocultural: salvaguardar a cultura Misak e o cuidado do território⁶⁸, onde compartilhei meus conhecimentos em serviço social através da soberania e organização territorial, agroecologia, soberania alimentar, saúde comunitária, economia solidaria e pude aprender com a comunidade através de um diálogo horizontal e comunicativo.

A associação Jardim Botânico las delicias é um espaço de resistência e recuperação da cultura Misak O jardim foi reativado no ano de 2017 através do projeto: “*Osik Waramik Purek Tapshik*” que significa escola de vida natural:

Nós Misak reconhecemos o grande legado de nossos ancestrais quanto à importância de nossos valores étnicos para a proteção da natureza, mas também reconhecemos que atualmente estamos enfrentando uma grande crise devido à perda gradual de nossos valores culturais, que se reflete em a deterioração de nossos ecossistemas dos quais nossa sobrevivência e bem viver dependem. (AJBD, Apresentação da Escola de Vida Natural, 2016, p. 10.)⁶⁹

Motivados por essa proteção ao território, recuperação e fortalecimento da cosmovisão Misak iniciam o projeto de jardim botânico, buscando levantar a memória de seus ancestrais para construir o bem viver das pessoas e da natureza. Segundo (AJBD, Apresentação da Escola de Vida Natural, 2016, p. 10.) “Reconectar-se

⁶⁸Desarrollo de una estrategia de investigación/apropiación social del conocimiento, para la protección del Patrimonio Biocultural: Salvaguarda de la Cultura Misak y Cuidado del Territorio acceso em: <https://apropiaconsentido.minciencias.gov.co/senderos-ancestrales-misak-una-experiencia-innovadora-de-turismo-comunitario-que-contribuye-al-desarrollo-local/12546/>.

⁶⁹Los Misak reconocemos el gran legado de nuestros ancestros en torno a la importancia de nuestros valores étnicos para la protección de la naturaleza, pero igualmente también reconocemos que actualmente enfrentamos una gran crisis por la pérdida paulatina de nuestros valores culturales, lo cual se ve reflejado en el deterioro de nuestros ecosistemas de los cuales depende nuestra sobrevivencia y bienestar. (AJBD, Presentación de la Escuela Viva de la Naturaleza, 2016, p. 10).

novamente com nossa lei de origem, nossos preceitos culturais, nossos próprios modelos agrícolas e educacionais e tudo isso expresso na sabedoria e conhecimento de nossos mais velhos”. dessa forma o projeto do jardim botânico vem crescendo nesses últimos 4 anos sendo uma referência para a comunidade através das oficinas, encontros, cerimônias, formações e mingas realizadas através desse território. O jardim das delicias é um território Misak no qual foi realizado um trabalho e ação participativa.

Planejamento e construção: As oficinas foram construídas de forma coletiva através da interculturalidade e interdisciplinaridade. A partir da demanda da comunidade que está realizando uma estratégia de investigação e apropriação social do conhecimento para a proteção do patrimônio biocultural: salvaguardar a cultura Misak e o cuidado do território. Assim, criamos a proposta corpo-terra para conversarmos e criarmos medicinas e cosméticos naturais com as plantas do território Misak. Compreendendo que isso parte de um processo de soberania do território onde desde o plantio estamos seguindo princípios ecológicos, assim como no preparo e distribuição.

Equipe de organização: membros da associação AJBD dentre eles gente Misak com estudo superior acadêmico com agronomia, literatura, biologia, agroecologia, antropologia e sociologia. Médicos tradicionais da comunidade também acompanharam as oficinas e ajudaram a planejar sendo os guias maiores principalmente no que tange recuperar o saber ancestral e trabalhar as plantas do território. Na interculturalidade tinham membros da comunidade Misak e gente mestiça de diferentes partes de Colômbia.

Tabela 4 – Oficinas no território Misak da AJBD.

	Debate teórico	Atividade pratica	Resultados
1	Ecologia, soberania territorial, alimentar e agroecologia.	Colheita e identificação de plantas medicinais do território. Preparação de extratos de plantas e estudo das plantas segundo o saber Misak e a literatura científica.	Apropriação do território e beneficiamento das colheitas.
2	Saúde integral, indústria capitalista de cosméticos, alimentos, recuperação de saberes ancestrais.	Elaboração de máscara de tratamento fácil com alimentos locais.	Recuperação de receitas ancestrais
3	Descolonizar a relação com o corpo e território. Propriedades medicinais de plantas e matérias primas e sustentáveis.	Elaboração de creme medicinal.	Início do plano de produção das medicinas e cosméticos naturais para o ano de 2022.
1	Transição agroecológica, agricultura ancestral Misak, soberania alimentar, agronegócio.	Análise do solo e biodiversidade. Análise de que ponto na agroecologia está o Jardim.	Início do plano de transição agroecológico que será executado no ano de 2022.

Fonte: elaboração própria (dezembro, 2021).

Oficina 1 – apresentação do ciclo soberania do corpo-terra.

Dia 23 dezembro das 9h00 às 15h00 com 14 participantes membros da comunidade e voluntários da AJBD. Nesta oficina foi apresentado o ciclo da oficina de soberania corpo-terra, conhecemos o grupo e um pouco do território. Começamos com uma harmonização, segundo a tradição Misak, apresentação de cada membro presente e socialização de folhas de coca, que para a comunidade é uma planta sagrada que ensina ter sabedoria através das palavras. palavra de Mama Coca, uma planta mestra dos Andes e também da visão de mundo Misak.

Em um círculo de palavras, fizemos um debate sobre o conceito de corpo terra, foi apresentado conceitos científicos e aspectos do conhecimento popular, princípios da etnobotânica, agroecologia e da saúde integral para a soberania do território.

Realizamos uma investigação ativa e ecológica do conhecimento: onde foi feito a busca e colheita de plantas que foram utilizadas durante as demais oficinas realizadas no território, enquanto se coletavam as plantas era feito uma oferenda de folhas de coca pois segundo a tradição Misak é uma forma de agradecer as plantas por compartilharem sua medicina.

Círculo de palavras: Conversamos sobre cada planta colhida, unindo o conhecimento popular com o científico ocidental, conversando sobre as propriedades, usos e costumes, enquanto as cortávamos e preparávamos para fazer os preparos. Com a ajuda dos médicos tradicionais estudamos o que são os extratos alcoólicos e seus diferentes usos e preparos com as plantas. Atividade prática preparação de extratos e tinturas:

Preparo harmonização e tranquilidade: Hierbabuena (*Menta viridis* L.) - Mai itrap tusr, Ajenjo (*Artemisia absinthium*) – Ustr ishik mΘp tusr, Anisillo (*Solidago odora*) - Mai itrap shush tusr.

Preparo flores doces: Cedrón (*Lippia citriodora* H.) – Mai itrapí, Manzanilla dulce (*Matricaria camomilla*) – Mai itrap tusr, Amapola silvestre (*Papaver* spp.) – Shush p̄t̄t̄ trul mapola, Campanilla o Gordolobo de flor amarilla (*Verbascum thapsus*).

Círculo de palavras para compartilhar os aprendizados: Conversamos sobre como foi a oficina e havia uma gratidão por realizar a atividade; dentre as atividades que os participantes mais relataram satisfação foi caminhar pelo território e encontrar todas as plantas medicinais que foram necessárias para realizar os preparos medicinais. Também se impressionaram de ver como o preparo de extratos é algo simples, mas que não sabiam fazer. Além disso houve um ânimo grande para seguir produzindo e criando uma produção desses produtos no território como uma forma de gerar renda, através de uma relação sustentável da natureza com a gente.

Fotografia 12 - oficina 1 - busca ativa de plantas medicinais na AJBD.



Fonte: Fotografia própria (dezembro, 2021).

Oficina 2 - corpo-terra, saúde integral desde o território ao nosso corpo

No dia 26 das 9h00 às 00 às 13h00 com 18 pessoas, em primeiro se realiza uma apresentação e harmonização com um médico tradicional Misak que utiliza um copal e limpeza com plantas.

Círculo de palavra: Apresentação e socialização de pesquisa científica sobre substâncias tóxicas presentes nos produtos da indústria cosmética, alimentícia e higiênica do modo de produção capitalista, conversa sobre alternativas naturais para cosméticos e produtos de higiene pessoal e local.

Atividade prática: tratamento corporal facial regenerativo: argila, sementes de chia, linhaça, café, cúrcuma e extrato de plantas.

Círculo de palavra: Houve muito interesse dos participantes, havia um médico tradicional presente que lembrou de uma série de produtos antigos como as plantas que produzem sabonetes naturais: a planta se chama Anak e ele também recomendou nozes para o cabelo, murta e aloe vera. A reação de muitos se expressou através de comentários de preocupação pois não imaginavam quão tóxicas são as substâncias presentes em produtos que usam diariamente.

Oficina 3 – tocar a terra é tocar seu corpo

No dia 27 de dezembro de 2022, das 13h00 às 17h00 com 18 participantes, iniciamos com um círculo de palavra: discussão sobre a ecologia, para descolonizar nosso corpo e território e a coerência entre a cosmovisão Misak e o cuidado com a natureza, trazendo esse cuidado do macro para o micro, conversamos também sobre a relação harmoniosa que vem desde o autocuidado e saúde integral, compreendendo que uma comunidade saudável é feita de indivíduos saudáveis e que estamos inseridos em um sistema que todo o tempo nos oprime e segue colonizando nosso corpo e território.

Atividades ao redor do nakchak, fogão: Preparação do creme de massagem calmante: manteiga de cacau, cera de abelha, óleo vegetal de gergelim, plantas de jardim: salva, sálvia, alecrim, alfazema, cidra, paico, eucalipto, cannabis, absinto, camomila e óleos essenciais de alecrim e eucalipto; Preparação do óleo na maceração: óleo de gergelim, arruda, alecrim, sálvia; Preparação do extrato de álcool para os dentes: Chirrinche, capim-limão, hortelã, coca, poejo.

Fizemos todos esses preparativos juntos na cozinha pois éramos 18 pessoas, dividimos funções e tudo correu muito bem, as pessoas adoraram preparar o creme, construímos juntos com o conhecimento de todos que estarão presentes. Em geral utilizamos plantas que possuem propriedades analgésicas e tranquilizantes que podem atuar no combate às dores musculares e tensões físicas, mentais e espirituais conforme a cosmovisão de cada um.

Círculo de palavras: atividade de meditação e harmonização com medico tradicional, foi um lindo momento de partilha e conexão com as plantas e o território, todos participaram com muito interesse e trouxeram sua porção de creme para a casa. Ao final fizemos uma lista de produtos que eles querem seguir produzindo e iniciamos a criação de um plano de produção para organizar uma venda de cosméticos e medicinas naturais do jardim botânico.

Fotografia 13 - Seleção de plantas para preparo de crema medicinal.



Fonte: Fotografia própria (dezembro, 2021)

Oficina 4 - Agroecologia é essencialmente agricultura ancestral Misak

No dia 29 de dezembro de 2021, estavam presentes 16 participantes. iniciamos com um círculo de palavras e exposição do tema com uma pequena apresentação: Agricultura sintropica, bioenergética, natural, agroecologia, agricultura ancestral Misak, permacultura, florestas comestíveis, muitos nomes para uma essência comum.

Falamos de experiências comunitárias insatisfeitas com a agricultura convencional, e partir desta troca criou-se uma força vital e referência para propor processos de uma agricultura ética que respeite a vida, que recupere os grandes saberes ancestrais, saberes populares ou ancestrais de camponeses, afrodescendentes, indígenas. Enfim, experiências agrícolas milenares.

Iniciamos um debate em torno dos agrotóxicos na região e nos gestores do jardim botânico, através de um diálogo franco e cordial, foi possível discutir que um processo de transição ocorre de forma gradual pois os agricultores mantêm uma dependência da produção química, pois estão inseridos nesse modelo de produção, onde existem compradores de sua produção. Por isso é fundamental gerar um outro modo de produção, que incluía o manejo agroecológico, desde a plantação até a venda dos produtos

Um dos Misak presente compartilhou uma reflexão sobre o termo agroecologia, que para ele é algo que vem de fora e que, muitas vezes, dificulta a assimilação do Misak e que também via esses termos como algo muito acadêmico.

Nutrindo o debate entre os demais participantes onde tivemos uma agrônoma que compartilhou conosco um pouco mais do termo agroecológico e como ele é fruto dos movimentos sociais e que como os Misak estão integrando a soberania de seu corpo e território de maneira que eles também vão criando seus próprios termos para esses processos de regeneração da vida na Terra.

Atividade prática com bióloga: realização de diagnóstico na horta, uma análise qualitativa de observação do solo e da biodiversidade.

Nesta atividade percorremos os *yatules* voltados para *Tulambiya* e abaixo onde as pessoas do jardim compartilharam seus processos com este espaço na forma de uma profunda relação ancestral com a terra, recuperando o cultivo em espiral, a diversidade de espécies vegetais, as barreiras naturais com as árvores, o adubo orgânico, o cultivar, as casas de sementes e a multiplicação das próprias sementes, além de uma conexão com a visão de mundo por meio das oferendas e harmonizações a nesses espaços.

O almoço foi preparado com as plantas da horta: nossa alimentação foi equilibrada e condizente com nossa fala, sustentada pela diversidade de alimentos para nutrir nosso corpo-espírito.

Círculo de palavra em torno da transição agroecológica: Entendendo a agroecologia como modelo de produção e reprodução da vida de forma ecológica, fomos tecendo a partir das experiências já manifestadas no jardim botânico onde cada um compartilhou um pouco disso como forma de progresso, como a biodiversidade, a colheita de alimentação saudável e maior apropriação do território. Observou-se também que ainda há um longo caminho a percorrer para ser mais autossustentável para resgatar os costumes ancestrais integrando-se a uma ecologia de saberes que produza uma boa vida no território.

Oferenda à terra: este foi um momento muito especial onde oferecemos no umbigo da espiral as plantas mestras do território: coca, mambe, tabaco, murta, algumas plantas aromáticas, cacau, sementes de milho, feijão, batata e vários outros. F elas foram utilizadas na preparação do refrigerante Misak e também no chirrinche. A oferenda foi orientada pela Mama Ana e todos participaram com grande alegria.

Fotografia 14 – Oferenda para a mãe terra no centro da horta em espiral.



Fonte: Fotografia própria (dezembro, 2021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade de um trabalho multicultural e interdisciplinar é um desafio pois exige uma acumulação de saberes para ter uma visão íntegra das situações. Inicia com o reconhecimento da identidade da pesquisadora, sendo mestiça e reconhecendo sua cultura ocidental e a postura de investigação científica que busca chegar a um resultado, nesse caso qualitativo, produzindo um material bibliográfico e ações no território Misak.

Esse trabalho não pretende esgotar as particularidades da cosmovisão Misak, pelo contrário quanto mais estudava mais percebia a grande profundidade que habita em uma cosmovisão ancestral. Para compreender outra cultura é necessário vivenciá-la, aqui buscamos trazer certos pensamentos que podem ampliar as perspectivas do leitor e mostrar que existem outras epistemes, além do pensamento ocidental hegemônico, pregado pela sociedade do capital.

Os processos de colonialidade ocorridos em nossas terras de Abya Yala, juntamente com as ideias de modernidade de outras latitudes, fizeram com que a concepção inicial de relação ser e natureza se distanciasse. Eduardo Galeano expressou-o de forma contundente:

Desde que a espada e a cruz desembarcaram em terras americanas, a conquista europeia puniu a adoração da Natureza, que era pecado de idolatria, com penas de chicote, forca ou fogo. A comunhão entre a Natureza e as pessoas se tornou um costume pagão, foi abolida em nome de Deus e depois em nome da civilização. Em toda a América, e no mundo, continuamos a pagar as consequências deste divórcio compulsório” GALEANO, 2000, p 33).

Assim, consideramos que recuperar as nossas próprias ideias, a partir dos saberes das cosmovisões ancestrais é uma ferramenta essencial para construir outros mundos, onde a vida seja mais humana, biodiversas, multicultural, democrática, solidaria, sustentável, harmônica ou seja que se exista um bem viver.

O povo Misak representa uma episteme do sul, um pensamento da terra, uma forma de viver alinhada com o corpo- terra que traz consigo uma forma de produção e reprodução da vida mais ecológica. Assim, desde os cultivos, casas, vestimentas, trabalhos artesanais, medicina tradicional, parto humanizado, educação, formas de se

relacionar com a natureza e com a comunidade, a gente de Guambia vem manifestando uma tradição contemporânea que ensina uma forma mais sustentável de viver.

Para viver os povos precisam de terra, muitos Misak derramaram sangue para defender e recuperar seus territórios; a luta não para depois da terra, tem que construir a vida e seguir a luta contra a forma de vida imposta pelos grandes monopólios.

Os grandes ruralistas impõem para o campo o agronegócio, com seus agrotóxicos, sementes transgênicas, mão de obra desvalorizada e explorada com uma promessa de progresso que engana e rouba o campo dos originários e camponeses. Em terra Misak isso também ocorre e também a resistência com a agricultura ancestral, agroecologia e soberania territorial que vem crescendo em muitas partes das reservas Misak, como o caso na Associação Jardim Botânico las Delicias.

Nesse território da AJBD, se observa que quando o povo se apropria de sua cosmovisão ancestral, sua lei de origem, toda a vida no território retorna a sua organização. A experiência nesse espaço mostra como a consciência de que é preciso descolonizar transforma a prática diária; com os Misak vivenciei o retorno da memória ancestral, um povo que investiga seu passado, rescreve sua história e se levanta com raízes firmes.

A pesquisa ação participativa é a única forma de pesquisa coerente com o que defende descolonizar e plantar o bem viver. Essa foi uma pesquisa que partiu de relações humanas, horizontais, de vínculos que se constroem através do compartilhar uma visão de mundo diferente, de mais amor com a terra e seus seres. Dessa forma aprendi com os Misak e também pude contribuir com o território, seguindo os princípios de reciprocidade e comunidade que aprendo com esse e outros povos e movimentos sociais.

A experiência com história oral e Mama Agostina foi um exercício epistêmico, buscando compreender a trajetória de vida de uma mulher indígena, que passou por uma série de dificuldades desde o preconceito racista por sua tradição até ao machismo do patriarcado por sua situação de vida. Aprender a escutar e ir tecendo

seus sentires e pensares em uma análise para compreender como a colonização, capitalismo e patriarcado atingem diretamente a vida material dos sujeitos.

Realizar esse trabalho com os Misak foi uma grande gratificação, o aprendizado que levo é para toda uma vida. desde a educação própria e aa partir da episteme Misak levo uma esperança de que, apesar do caos insustentável de sociedade do capital, temos muito trabalho pela frente quando vamos guiados por uma práxis transformadora.

Desta forma, através da articulação de várias propostas metodológicas, ferramentas, estratégias e práticas, procura-se alinhar as estratégias de ensino/aprendizagem de competências no novo contexto tecnológico, em que a sociedade se encontra em conjunto com a ideia de Bem Viver (entendida como a relação harmoniosa de cada indivíduo e grupo consigo mesmo, com os outros e com a natureza).

Assim a criação de outras pedagogias, como a educação própria, educação popular, eco pedagogia são fundamentais para descolonizar desde a recuperação da cosmovisão ancestral e práticas como a história oral, danças, cerimonias, tecidos e muitos outros ritos que são formas de educação além do mundo escrito.

São muitas as frentes que vem surgindo em latino américa, muitas associadas ao campo, campesinos, originários e afros, algumas dessas alternativas têm sua origem e implantação na voz de organizações ambientais e camponesas que promovem projetos de desenvolvimento local na perspectiva da Soberania Alimentar e exercendo a agroecologia. É tempo de abrir a página da nossa história na irrupção de projetos alternativos locais focados na recuperação da vocação agrícola e biodiversas e cultural dos nossos territórios como forma de revitalizar circuitos de comercialização curtos e alternativos nas economias locais, e de impacto em níveis regional e nacional, na conquista de uma verdadeira independência, autonomia e democracia política que realmente garanta direitos.

Somente coletivamente é possível tomarmos consciência da violência que nossas terras e corpos vêm sofrendo, entendendo que os sistemas de dominação colonial e patriarcal continuam a nos violar e que os movimentos do neoliberalismo

nos levam a constantes crises socioambientais em um mundo insustentável. Dessa forma, pensamos em alternativas contra hegemônicas que nos permitem avançar no caminho da utopia. Segundo CUSICANQUI 2010 p. 73:

O desafio desta nova autonomia está em construir laços sul-sul que nos permitam romper os triângulos infundados da política e da academia no Norte. Construir nossa própria ciência – em diálogo entre nós – dialogar com as ciências dos países vizinhos, afirmar nossos vínculos com as correntes teóricas da Ásia e da África e confrontar os projetos hegemônicos do Norte com a força renovada de nossas ancestrais convicções.

As alternativas postas pelo pensamento dos povos da terra são baseadas na diversidade sociocultural e na valorização da biodiversidade, pois os pensamentos do sul são plurais e buscam libertar mulheres, afro-americanos, indígenas, camponeses, os chamados subalternos, que rompem os paradigmas impostos pelo Norte e seu pensamento hegemônico capitalista.

A importância de aprender com outras cosmovisões caminha com a construção de outros paradigmas sociais, os quais promovem a construção de um pensamento e prática latino americano, criando uma práxis transformadora que pode possibilitar um caminho de transformação do colonialismo, do patriarcado e do capitalismo, rumo a uma relação mais sustentável com a natureza dentro e fora de cada ser.

REFERENCIAS

ACOSTA, A.; MARTÍNEZ, E. (org.). El buen vivir: una vía para el desarrollo. Quito: Abya-Yala, 2009.

ACOSTA, Alberto; BRAND, Ulrich. Pós-extrativismo e de-crescimento: saídas do labirinto capitalista. São Paulo: Elefante, 2018.

AJBD. Asociación Jardín Botánico de Las Delicias. Presentación del aula viva de la naturaleza, 2016.

AUSTIN, Alfredo López. Tras un método de estudio comparativo entre cosmovisiones mesoamericana y andina a partir de sus mitología. In. Anales de Antropología, Universidad Nacional Autónoma de México, México, vol. 32, n. 1, 1995, p. 209-240.

ÁVILA, Samuel Asdrubal, AYALA Yuli Andrea. “Ala Kusreik Ya- Misak Universidad: construyendo educación propia”. Jangwa Pana, 2017, 54-66.

CABNAL, Lorena. Feminismos diversos: el feminismo comunitario. Madrid: ACSUR-LAS SEGOVIAS, 2010.

CALAMBÁS, J. (2017) Autobiografía. No publicada. Tomado de: Archivo personal de Javier Calambás. Ministerio del Interior. Caracterización del pueblo Guambiano.

CALAMBAS. Freddy. Depoimento (dezembro 2021). Entrevistador: Isabella Saraiva. Silvia. 2021. Entrevista durante oficina na Associação Jardim Botânico las Delicias.

CALAMBAS. Willmer. Depoimento (dezembro 2021). Entrevistador: Isabella Saraiva. Silvia. 2021. Entrevista durante oficina na Associação Jardim Botânico las Delicias.

CALDERÓN, Johnny. “Nu Isuik - Nu Maramik: filosofía y política de la planificación territorial Guambiana, Resguardo Indígena de Guambia – Colombia”.

Tesis de maestría, Universidad Nacional Autónoma de México. 2018. Disponible em: < https://www.researchgate.net/publication/329611244_Nu_Isuik_-_Nu_Maramik_filosofia_y_politica_de_la_planificacion_territorial_Guambiana_Resguardo_Indigena_de_Guambia_-_Colombia/citation/download >. Acesso em dezembro de 2021.

CHAUÍ, M. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 2008. FOSTER, J. B. Marx's Ecology: Materialism and Nature. Monthly Review Press, 2000. LÖWY, M. O que é o Ecosocialismo? São Paulo: Cortez, 2014

CLAVERO, Bartolomé, Derecho indígena y cultura constitucional en América (México: Siglo XXI), 1994.

COLARES DA MOTA-NETO, João. Paulo Freire y Orlando Fals Borda en la genealogía de la pedagogía decolonial latinoamericana. Folios, Bogotá , n. 48, p. 3-13, Dec. 2018.

COLOMBIA. Constitución política de Colombia. 1991. Gaceta Constitucional No. 116 de 20 de julio de 1991.

CORONIL, Fernando. Natureza do pós-Colonialismo: do Eurocentrismo ao globocentrismo, Buenos Aires, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Editorial/Editor 2005.

CRIC. Concejo Regional Indígena del Cauca. Nuestras luchas de ayer y de hoy. Cauca: CRIC, 1971.

CUSICANQUI, Silvia Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores - 1a ed. - Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. 80 p.

CUSICANQUI, Silvia, "El potencial epistemológico y teórico de la historia oral: de la lógica instrumental a la descolonización de la historia" en revista Temas Sociales, número 11, IDIS/UMSA, La Paz, 1987, p. 64.

DAGUA, Abelino; Aranda, Misael y Vasco, Luis Guillermo. "Guambianos: Hijos del Aroiris y del Agua". Editoriales: Fondo de Promoción de la Cultura, Fundación Alejandro Ángel Escobar, Los Cuatro Elementos y CEREC. Bogotá. 2015.

DANE. Censo Poblacional. Capítulo Cauca. Departamento Nacional de Estadística. 2005.

DUSSEL, E. Transmodernidad e interculturalidad (Interpretación desde la Filosofía de la liberación). En Filosofía de la Cultura y Transmodernidad. México: U.A.C.M. 2005.

ESCOBAR, Arturo. “La invención del Tercer Mundo: construcción y deconstrucción del desarrollo”. Colección Vitral, Editorial Norma, 1998.

ESCOBAR, Arturo. “Sentipensar con la tierra. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia”/ Arturo Escobar --Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

ESCOBAR, Arturo. Autonomía y diseño. La realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca. 2016.

ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimiento de otro modo. Tabula Rasa. Bogotá, v. [s. n.], n. 1, p. 51-86, 2003.

FALS BORDA, O. (2004). Pertinencia actual de la educación popular y proyección en los años venideros. La Piragua. Revista Latinoamericana de Educación y Política, (21), 104-107. Disponible em: < http://www.gloobal.net/iepala/gloobal/fichas/ficha.php?entidad=Textos&id=8623&opcion=documento#ficha_gloobal >. Acesso em 14 de dezembro de 2021.

FALS BORDA, Orlando Una sociología sentipensante para América Latina / Orlando Fals Borda; antología y presentación, Víctor Manuel Moncayo. — México, D. F: Siglo XXI Editores ; Buenos Aires : CLACSO, 2015. 492 p.

FEDERICI “Revolución en punto cero - Trabajo doméstico, reproducción y luchas feministas”. Madrid: Traficantes de sueños, 2013.

FEDERICI, Silvia. “Caliban and the Witch. Women, The Body and Primitive Accumulation”. Autonomedia, 2004.

FOSTER, John Bellamy. A ecologia de Marx: materialismo e natureza. Tradução Maria Teresa Machado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1967

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: Fazenda, I. (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1991

GALEANO, E. As veias abertas da América Latina. Tradução de Galeno de Freitas. 39ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 307p.

GALEANO, Eduardo. Los hijos de los días, editores México, primera edição. 2012, 440p.

GARCIA, Natalia, HOLGUÍN, Jessica. MENEZES Keinner. Documentaria audiovisual MAMA. 2016.

GRAJALES, John H. Pensamiento situado en "Recuperar la tierra para recuperarlo todo" en el pueblo originario Misak (Cauca), Colombia., Medellín , v. 13, n. 26, p. 14-36, Abril. 2021. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2145132X2021000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 4 de dezembro de 2021. República de Colombia, Ley 89, Congreso de la República, 25 de Noviembre 1890. República de Colombia, Constitución política de Colombia 1991, 20 de Julio de 1991

GUAMBIA. Cabildo indígena de Guambia. "Crianza del territorio Misak; Programa territorio y medio ambiente del Pueblo Misak". Resguardo Indígena de Guambia. Silvia – Cauca. 2011.

GUAMBIA. Cabildo Indígena de Guambia. "Plan de Vida del Pueblo Guambiano". Asesorado por: Centro de asesorías integrales de la central de cooperativas agrarias LTDA-CENCOA. Territorio pág. 200 Guambiano, Silvia-Colombia. 1994.

GUAMBIA. Memorias No 1. 2005. Formulación de Políticas Educativas. Sierra Morena. 2005

GUAMBIA. Proyecto Educativo Guambiano. Ministerio de educación Nacional, 2018.

GUAMBIA. Segundo plan de vida de pervivencia y crecimiento Misak Mananasrøkurri Mananasrønkatik Misak Waramik. 2008.

GUMUCIO, Dagron. Comunicación para el cambio social, New York, The Rockefeller Foundation. 2006.

HEGEL, G.W.F., Ciencia de la Lógica, Monfolfo A. y R. Mondolfo (trads.), Argentina: Solar/ Hachette, 1976

HILL COLLINS, P. Liberation Sociology (Reseña de libro). American Journal of Sociology, 107(4), 1097-1098, 2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/343194J>. Acesso 30 de dezembro de 2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOROL, Claudia. "Somos tierra, semilla, rebeldía: mujeres, tierra y territorio en América Latina". GRAIN, Acción por la Biodiversidad y América Libre, 2016.

LANDER. Edgard (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas Colección Sur , CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005

LOCKE, John, and Peter Laslett. Two Treatises of Government. Cambridge [England: Cambridge University Press, 1988. Print.

LÖWY, Michael. Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecossocialista. Caderno CRH [online]. 2013, v. 26, n. 67 [Acessado 28 outubro 2021], pp. 79-86. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103->

49792013000100006>. Epub 09 maio 2013. ISSN 1983-8239.
<https://doi.org/10.1590/S0103-49792013000100006>.

LÖWY, Michael. Ecosocialismo e planejamento democrático. *Crítica Marxista*, São Paulo, n. 28, p. 35-50, 2009.

LUKÁCS, George (1984): *Historia y conciencia de clase*, 2 vol., España, Sarpe.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (eds.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-168

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Ideología y política y otros escritos*. Caracas: El Perro y la Rana. 2010.

MARX, Karl ([1857–1858] 1973). *Grundrisse*. Londres: Penguin. [ed. bras.: *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857–1858; esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011a.

MARX, Karl. O Dezoito de Brumário de Luiz Bonaparte. In: _____; ENGELS, Friedrich. *Obras Escolhidas. Volume 1*. São Paulo: Alfa-Omega, 2011b. 203-285.

MESSERSCHMIDT, Namastê M.; MONNERAT, Priscila F.; NETO, Nelson E. Corrêa; STEENBOCK, Walter. *Agroflorestando o mundo de facão a trator. Gerando práxis agroflorestal em rede (que já une mais de mil famílias camponesas e assentadas)*. Barra do Turvo, 2016.

MIÑOSO Espinosa, YUDERKYS; GÓMEZ CORREAL, Diana y OCHOA MUÑOZ, Karina (eds.). *Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala, Popayán*: Universidad del Cauca, 2014, p.464.

MISAK. “Mandato de Vida y permanencia Misak Misak”. *Autoridades ancestrales del pueblo Nam Misak*. Cabildo de Guambia. Piendamó, Cauca. 2010. Disponível

em: <http://biodiversidadla.org/layout/set/print/layout/set/print/content/download/31459/>

[147539/version/1 /file/MANDATO+DE+VIDA+MISAK.doc](#). Acceso em 10 de janeiro de 2022.

MISAK. Derecho Mayor. 2014. Antiguo, preexistente y vigente de los Misak. Plan salvaguarda. Autoridad, autonomía Nu Nachak. Guambia: Manifiesto de las Autoridades Nu Nachak.

MOORE, J. W., 2017. The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis. *The Journal of Peasant Studies*. Vol. 44: 594- 630

MORALES Parrado, Stefannia y Isidro, Luisa La paradoja hipócrita. Problematización de la participación política de la mujer misak. *Colombia Internacional*. 2014; (80):135-170. [fecha de Consulta 6 de enero de 2022]. ISSN: 0121-5612. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=81229999005>.

MUELAS, Bárbara. Temporalidad espacial, medición y conteo entre los Misak. Bogotá: Gente Nueva Editorial. 2018.

MUELAS, Lorenzo. La fuerza de la gente. Juntando recuerdos sobre la terrajería en Guambía- Colombia. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia. 2005.

MUNDURUKU, Daniel. Banquete dos Deuses. Conversa sobre a origem e a cultura brasileira. 2ª Ed. São Paulo: Editora Global., 2009.

ROCHA VIVAS, Miguel. Mingas de la palabra: textualidades oralitegráficas y visiones de cabeza en las oralituras y literaturas indígenas contemporáneas. La Habana. Fondo Editorial Casa de las Américas. 2016

SAID, E. Orientalismo. Barcelona: Random House Mondadori, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Maria Paula. Epistemologia do Sul. Coimbra: Almedina, 2010.

SCHWARZ, R. (2028) La gente de Guambía. Continuidad y cambio entre los Misak de Colombia. Editorial Universidad del Cauca.

SHIVA, Vandana. “Biodiversidade, direitos da propriedade intelectual e globalização”, “semear outras soluções”. (Org.) Boaventura de Sousa Santos Cap.VI 2001.

SPIRALL, Gaia Union. MEMORABLE ENCUENTRO de Mayores Ancestrales Amerrikua se unen en la Celebración del Dia de la Madre Tierra. Bogota, 22 de abril, 2021. Facebook: usuário Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/events/366723907858126/?active_tab=about Acesso em: 30 de dezembro de 2021.

TUMIÑA. Agostina Yalanda. Depoimento (novembro.2021). entrevistador: Isabella Saraiva. Silvia. 2021. Entrevista concedida para trabalho de conclusão de graduação.

TUMIÑA. Agostina Yalanda. Depoimento (outubro.2021). entrevistador: Isabella Saraiva. Silvia. 2021. Entrevista concedida para trabalho de conclusão de graduação.

TUNUBALÁ, Julio Cesar. (2016). Parteras del pueblo Misak Mujeres Hilando Conocimientos de Vida y de Reexistencia. [Tesis para optar al título de Sociólogo]. Cali: Universidad del Valle.

WALTER J. Oralidad y escritura. Tecnologías de la palabra. México: Fondo de Cultura Económica, 2009.

YALANDA, M.D. (2016). Origen de la Sabiduría y Conocimientos de la Norma de Vida Ancestral Misak-Misak y sus Interrelaciones con la Salud y la Enfermedad Integral del Macrocosmos. (Tesis de grado para optar el título de Antropóloga, Universidad Externado de Colombia). Recuperada de: <https://bdigital.uexternado.edu.co/handle/001/273>.

ZAPATA, Jair. “Espacio y Territorio sagrado. Lógica del «ordenamiento» territorial indígena”. Medellín: Universidad Nacional de Colombia, 2010.